

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO – MESTRADO E DOUTORADO**

JOSIANA AYALA LEDUR

**PRÁTICAS CORPORAIS NA COLÔNIA JAPONESA DE IVOTI, RIO GRANDE DO
SUL (década de 1980 à década de 2010)**

PORTO ALEGRE

2017

JOSIANA AYALA LEDUR

**PRÁTICAS CORPORAIS NA COLÔNIA JAPONESA DE IVOTI, RIO GRANDE DO
SUL (década de 1980 à década de 2010)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo.

PORTO ALEGRE

2017

Dedico este trabalho à minha filha Martina,
Luz intensa que Deus enviou para preencher
e completar minha vida, me inspirando a querer ser
mais do que fui até hoje!

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o auxílio de importantes pessoas na minha vida, tanto na esfera pessoal como acadêmica. Desta forma, a conclusão dele simboliza uma etapa que foi construída a partir de muitos conselhos, ensinamentos e incentivos que foram carinhosamente recebidos e guardados em um lugar muito especial no meu coração. Dentre aqueles que fizeram parte deste percurso, gostaria de deixar um registro de agradecimento em particular ao meu avô Antônio, pelos sábios conselhos e pelas lições de vida ricas em detalhes, que me enchem de orgulho de ser sua neta e por poder ouvi-las.

Aos meus pais, Ademar Solano Aiala e Giselda Caldas Aiala pelo amor infinito dedicado a mim e aos meus irmãos Tatiana, Meliana e Samir que aqui também agradeço pelas longas conversas, risadas e momentos de descontração.

Ao meu querido esposo, Márcio de Medeiros Ledur por me apoiar e ser, amoroso, cuidadoso, compreensivo e companheiro em todas as horas.

À minha orientadora, por quem tenho muito respeito e admiração, professora Janice Mazo por ter acreditado neste trabalho e por orientá-lo com tanta paciência e profissionalismo.

Aos colegas do NEHME pelas dicas e pelos momentos de aprendizado compartilhados na busca das versões históricas que nos são possíveis desvendar.

Aos professores avaliadores da banca: Fabiano Bossle, Carolina Fernandes da Silva e Maria Luisa Oliveira da Cunha, por terem aceitado avaliar este trabalho e por compartilharem seus conhecimentos.

À UFRGS, especialmente à ESEFID pelo ensino de qualidade.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti, do Memorial da colônia japonesa de Ivoti e da Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul (ENKYOSUL) por terem despendido preciosos momentos de atenção.

Enfim, a todos os meus amigos, que em muitos momentos compartilhados demonstraram ser verdadeiros por meios de gestos ou palavras de afeto.

*“A jornada de mil milhas começa
com um único passo”.*

Lao Tsé

RESUMO

Este estudo buscou compreender como as práticas corporais de ascendência japonesa foram renegociadas na Colônia Japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1980 e 2010. Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos oriundos de autores reconhecidos no ramo da História Cultural. No que se refere aos procedimentos metodológicos da investigação, estes foram construídos a partir da coleta de informações em fontes documentais e imagéticas, além da História Oral. O passo seguinte consistiu em submeter tais fontes à análise, sendo que para cada uma delas foi adotada uma técnica específica, a saber: as fontes documentais foram submetidas a análise documental, as fontes imagéticas foram analisadas e interpretadas seguindo as etapas de análise iconográfica e as fontes orais por sua vez seguiram a técnica de análise de conteúdo. Ao tratar das representações das práticas corporais na Colônia Japonesa de Ivoti, buscamos além de descrever seus processos históricos, interpretar como foram renegociadas no referido espaço social. Da mesma forma elencamos alguns dos elementos culturais presentes em cada uma das práticas corporais. Diante do exposto, a partir desta versão construída sobre as práticas corporais de origem japonesa na Colônia de Ivoti foi possível perceber que a cultura deste grupo de nipo-brasileiros embora tenha enfrentado dificuldades nos primeiros tempos não se perdeu com o movimento migratório. Antes disto, este grupo por meio do cultivo de práticas corporais, como, por exemplo, *Gateball*, *Judô*, *Odori*, *Sumô* e *Undokai* buscou diferenciar-se frente a outros grupos étnicos que compunham a sociedade em que estavam inseridos.

Palavras-chave: Práticas Corporais, Colônia Japonesa de Ivoti, História Cultural, História do Esporte.

ABSTRACT

This study aims to understand how Japanese corporal practices were renegotiated in Japanese Colony of Ivoti, Rio Grande do Sul, from the decades of 1980 to 2010. For that, we have used the theoretical perspectives from recognized authors of Cultural History field. Regarding the methodological procedures of this investigation, these were constructed from the collection of information in documentary and imagery sources, in addition to Oral History. The next step consisted in submitting these sources to the analysis, and for each of them a specific technique was adopted, namely: the documentary sources were submitted to documentary analysis, the imagery sources were analyzed and interpreted following the steps of iconographic analysis and the Oral sources in turn followed the technique of content analysis. In dealing with representations of corporal practices in the Japanese Colony of Ivoti, we seek both to describe their historical processes and to discuss how they were conceived and renegotiated in this social space. In the same way we seek to list some of the cultural elements present in each one of them. In accordance with what we have exposed, based on this version of Japanese corporal practices in the Ivoti Colony, it was possible to perceive that the culture of this group of Japanese-Brazilians, although it has faced difficulties in the early days, was not lost with the migratory movement. Otherwise, this group through the cultivation of corporal practices, such as, for example, *Gateball*, *Judo*, *Odori*, *Sumo* and *Undokai*, sought to differentiate themselves from other ethnic groups that made up the society in which they were inserted.

Keywords: Corporal Practices, Japanese Colony of Ivoti, Cultural History, Sport History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Comunidade Japonesa pratica <i>Gateball</i>	63
Imagem 2 - Idosos praticando Gateball em Ivoti	65
Imagem 3 - Equipe de <i>Judô</i> da Colônia Japonesa de Ivoti.....	71
Imagem 4 - Bon Odori em Itati no ano 1973.....	77
Imagem 5 - 3º Festival do Folclore de Ivoti.....	78
Imagem 6 - Mostra japonesa em Ivoti.....	79
Imagem 7 - Dança celebrando amizade entre Brasil e Japão.....	81
Imagem 8 - 1º <i>Blumenschau</i> de Ivoti.....	82
Imagem 9 - Festa do Mel, Nata e Rosca de Ivoti de 2008.....	84
Imagem 10 - Crianças ensaiando dança em escola de japônês.....	85
Imagem 11 - 1º Campeonato de <i>Sumô</i> da Colônia Japonesa de Ivoti.....	92
Imagem 12 - Equipes descontraídas.....	93
Imagem 13 - Luta no campeonato de <i>Sumô</i> de 2003	94
Imagem 14 - 54º Campeonato Estadual de <i>Sumô</i>	95
Imagem 15 - Corrida com a bola no <i>Undokai</i>	102
Imagem 16 - Prova do “cabo de guerra” no <i>Undokai</i> de 2004.....	103
Imagem 17 - Crianças praticando o <i>Taissô</i> em escola do Japão em 1928.....	106
Imagem 18 - <i>Rádio Taissô</i> no <i>Undokai</i> na Colônia Japonesa de Ivoti.....	108

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
4. A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL.....	37
5. A COLÔNIA JAPONESA E A CIDADE DE IVOTI	48
6. AS PRÁTICAS CORPORAIS JAPONESAS EM IVOTI.....	58
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A- CARTA DE ANUÊNCIA.....	132
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO	133
APÊNDICE C- QUADRO DE PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	136

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, muitas das práticas corporais¹ as quais podemos acessar em clubes, praças e outros locais de associativismo esportivo², foram introduzidas por imigrantes e descendentes de diversas nacionalidades que chegaram ao país entre os séculos XIX e XX. Especificamente no Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros) foram protagonistas no associativismo esportivo em várias cidades do estado, promovendo práticas como bolão, ginástica e tiro ao alvo (MAZO, 2006; PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010; KILPP, 2012; ASSMANN, 2015). Como parte desse processo, outros imigrantes e seus descendentes desempenharam papel significativo na constituição do campo esportivo do estado, a saber: luso-brasileiros (SILVA, 2011; SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012), ítalo-brasileiros (MAZO, 2003; FROSI; MAZO, 2012; FROSI et al., 2011) e nipo-brasileiros.

Neste cenário, os nipo-brasileiros parecem ter atuado de forma mais expressiva na difusão das artes marciais. Este entendimento deve-se em parte à atuação de professores de *Karate-do* e *Judô* em clubes e academias militares, principalmente durante as décadas de 1950 a 1980 (NUNES; KOSMANN; SHOURA, 2005; NUNES, 2011; FROSI, 2012; LEDUR, 2013). Outra explicação para este entendimento pode estar relacionada à chegada tardia dos imigrantes japoneses no estado. Além disso, há um número reduzido destes imigrantes e seus descendentes em relação aos grupos referenciados anteriormente (NETO; BEZZI, 2008). Ainda devemos considerar a própria cultura e o modo de ser do povo japonês, marcado muitas vezes pela discricção (BENEDICT, 2009), ou pela perspectiva do *Aimai*³. Todavia, há vestígios de práticas culturais trazidas com o processo imigratório dos japoneses, que se encontram na cultura brasileira e sul-rio-grandense desde o início do século XX.

Em termos oficiais, desde 1908, ano da chegada do primeiro navio *Kasato Maru*, os imigrantes japoneses que aportaram no Brasil trouxeram consigo a cultura

¹ As práticas corporais segundo Silva (2014), podem ser compreendidas como fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras.

² “Associativismo esportivo” designa formas de organização esportiva, como clubes, sociedades, associações, agremiações, ligas, comitês, entre outras (MAZO, 2003).

³ Este termo que possui diversas traduções: ambíguo, vago, obscuro, questionável, indefinido entre outras. O *Aimai* é um termo utilizado para representar uma maneira reservada do japonês, que se reflete no comportamento e, principalmente, na comunicação (SILVA, 2015).

de seu povo. Desde então, buscaram preservá-la por meio de seus antigos hábitos, especialmente nas colônias⁴ onde se estabeleceram, mantendo, por exemplo, a utilização do *hashi*⁵ durante a alimentação, a bebida *sake*⁶ e também os treinos de artes marciais como *Karate-do*⁷, *Judô*, *Kendô*⁸ ou *Sumô* (NUNES, 2011; SUZUKI; MIRANDA, 2008). Como a grande maioria destes imigrantes desembarcou no porto da cidade de Santos, em São Paulo, gradativamente foram encaminhando-se para fazendas de café daquele estado. No referido período, a cafeicultura paulista atravessava uma profunda carência de mão de obra ocasionada pela recente libertação dos escravos negros, e encontrou, principalmente, nos imigrantes italianos e japoneses, uma maneira de solucionar a crise (JICA, 2003).

De acordo com a *Japan International Cooperation Agency* (JICA), os japoneses foram atraídos para os cafezais brasileiros pelas propagandas que prometiam enriquecimento rápido e por slogans que falavam de "árvores que davam dinheiro no pé". Contudo, as condições eram adversas e, logo que chegaram, verificaram que a realidade não concordava com o que fora prometido, de tal modo, o sonho de retornar com uma quantia de dinheiro ao país de origem estava longe de acontecer. Diante desta situação, a melhor opção seria adaptar-se ao novo país, buscando manter ao máximo suas tradições e cultura para se sentirem próximos de sua terra natal (JICA, 2003, SUZUKI; MIRANDA, 2008).

No Rio Grande do Sul, embora haja indícios que os primeiros japoneses tenham chegado ao estado nos anos 1920, e as primeiras tentativas de colonização iniciadas na década de 1930, a data oficialmente reconhecida como o início da imigração japonesa no Estado é 20 de agosto de 1956 (GAUDIOSO, 2011). A escolha da data comemorativa se deve a vinda de muitas famílias japonesas, que buscavam refazer suas vidas no Brasil, após a Segunda Guerra Mundial.

⁴ Segundo Hirata (2006, p. 23), colônia japonesa pode ser entendida como "o conjunto de imigrantes e descendentes japoneses de um determinado espaço geográfico, com tamanhos diferenciados, que podem formar desde uma microrregião até um distrito, segundo as classificações territoriais dos órgãos oficiais competentes. Podem, ou não, estar organizadas socialmente ou economicamente através de cooperativas, sindicatos e associações culturais, sociais, assistências ou educacionais".

⁵ O *hashi*, é o conjunto de varetas utilizadas como talheres por parte dos países do Extremo Oriente como a China, Japão, Vietnã e Coréia.

⁶ *Sake* entende-se por qualquer bebida alcoólica, mas ao redor do mundo faz referência ao *nihonshu*, que é uma bebida tradicional do Japão, fabricada pela fermentação do arroz.

⁷ O *Karate-do* (caminho das mãos vazias) é uma arte marcial originada a partir das técnicas de defesa pessoal sem armas de Okinawa, e tem como base a filosofia do Budo japonês.

⁸ *Kendô* (caminho da Espada). Arte marcial japonesa que se constitui em uma espécie de esgrima em que os adversários usam espadas de bambu e estão protegidos por uma armadura (CBK, 2016).

Na atualidade, a grande maioria das comunidades de nipo-brasileiros⁹ não convive em colônias, mas estão distribuídas nos arredores da região Metropolitana de Porto Alegre. Para manter o contato com os conterrâneos e preservar as origens nipônicas¹⁰, as pessoas se organizam por meio de associações denominadas *nihonjin-kai*¹¹. Estes locais, que são uma das principais formas de promoção de suas atividades culturais e de preservação identitária, encontram-se onde há maior concentração de famílias japonesas, ou seja, nos municípios de Itati, Ivoti, Gravataí, Ijuí, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, São Leopoldo, Viamão e Porto Alegre (GAUDIOSO, 2006).

No que diz respeito às comunidades nomeadas colônias, no estado do Rio Grande do sul existem três que são compreendidas como tal: Ivoti, Itati e Itapuã. Uma característica marcante das colônias é as famílias possuírem residências próximas e atuarem de forma cooperativa, visando o bem comum. Cada colônia tem suas particularidades no que se refere a sua construção histórica, aos hábitos e a conformação das práticas corporais.

A elaboração da pesquisa em torno na Colônia Japonesa de Ivoti deve-se a sua representatividade, posto que seja maior do Estado do Rio Grande do Sul em termos de número de habitantes (GAUDIOSO, 2011). Além disso, possui um contexto particular em razão do seu próprio processo histórico, que é marcado pela chegada de 26 famílias japonesas em 1966 em uma localidade predominantemente de colonização alemã no estado do Rio Grande do Sul. A cidade de Ivoti, assim como a maioria dos municípios da região do Vale do Rio dos Sinos tem uma expressiva presença de teuto-brasileiros, característica que trouxe dificuldades para os japoneses no início. A autora Patro (s.d) citada por (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003, p.54) relata que “o racismo, durante um bom tempo, afastou os japoneses do convívio social integral com os alemães”.

No entanto, ao longo de décadas, nipo-brasileiros e teuto-brasileiros integraram as etnias e as manifestações culturais incluindo os momentos em que passaram a compartilhar festividades que garantiram a convivência harmoniosa entre estes povos que tinham o objetivo comum de reconstruir suas vidas em uma

⁹ Entende-se pelo termo nipo-brasileiro, a noção de pertencimento dos japoneses imigrantes e seus descendentes a uma comunidade étnica, culturalmente definida, e uma entidade politicamente definida, no caso o Estado brasileiro (PINTO, 1997).

¹⁰ Relativo ao Japão, que na língua materna se pronuncia Nippon (Minna no Nihongo, 1998).

¹¹ Associação de japoneses.

nova terra (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003). Esta relação permitiu que os imigrantes japoneses da Colônia de Ivoti, mesmo em um espaço com demarcações simbólicas fortemente construídas pela identidade teuto-brasileira, pudessem ressignificar tanto sua identidade quanto suas práticas culturais e dentre estas as corporais.

De uma forma geral, os imigrantes japoneses e seus descendentes, ao se integrarem a sociedade brasileira, passaram a difundir suas tradições. Na atualidade, o estado do Rio grande do Sul possui um número considerável de práticas que demonstram a comunicação estabelecida entre a cultura japonesa e brasileira, evidenciadas principalmente pelas artes marciais como, *Karate-do*, *Kyudo*¹², *Aikido*¹³ e *Judô*, as quais são praticadas para além dos núcleos de colonização, sendo encontrados em clubes de diversas cidades do estado. Outra arte marcial trazida pelos imigrantes¹⁴ é o *Kendô* desenvolvido em reconhecidos *dojo* no estado, a exemplo do Instituto *Niten* que possui sedes nas cidades de Porto Alegre, Caxias do Sul e Novo Hamburgo (INSTITUTO NITEN, 2016).

No que se refere às contribuições trazidas pelos imigrantes japoneses, além das artes marciais, estas envolvem práticas popularmente reconhecidas entre os descendentes e que ainda hoje são identificadas como "esporte de japonês". Este é o caso do *baseball*, que embora tenha chegado ao Brasil aproximadamente em 1901, por intermédio dos norte-americanos, a continuidade desta prática no Rio Grande do Sul e Brasil se deve aos nipo-brasileiros (SUZUKI, MIRANDA, 2008).

Complementarmente a estas, podemos citar ainda práticas não tão conhecidas pelos brasileiros, ao menos não com o nome original como, por exemplo, *Radio Taissô* ou *Taissô* (ginástica). Esta prática consiste de uma ginástica rítmica radiofônica, realizada em locais onde as colônias japonesas estão em maior concentração, em empresas na forma de laboral ou nos chamados *Kaikans* (clubes de encontro para japoneses e descendentes). O *Taissô* e o *Gateball* (esporte semelhante ao cricket) atingem um contingente maior de praticantes idosos nas colônias do país (SUZUKI; MIRANDA, 2008; SILVA, 2012). Neste meio de difusão e

¹² Arte marcial japonesa fundamentada através do tiro com arco.

¹³ Arte marcial que visa neutralizar o agressor, utilizando a força por ele oferecida contra ele mesmo.

¹⁴ No navio *Kasato Maru* durante a viagem para o Brasil alguns japoneses lutaram Kendo e organizaram posteriormente à instalação definitiva no Brasil de campeonatos e eventos a partir dos quais o Kendo se disseminou entre os descendentes. O primeiro campeonato oficial ocorreu em 1933, embora desde a década de 1910 já fossem realizadas disputas entre os imigrantes instalados nas fazendas de café do interior paulista (LOURENÇÃO, 2009).

preservação da cultura e das tradições japonesas ao longo dos anos, encontramos no estado também a prática do *Odori*, que são as danças tradicionais japonesas, além de outras com décadas de história como *Undokai* (gincana esportiva).

A explanação sobre as práticas corporais japonesas busca reforçar a presença da tradição e de representações culturais de uma identidade japonesa, que desde a época da fundação das colônias no Rio Grande do Sul, por meio de contatos culturais resultaram em um processo de apropriação e de ressignificação das práticas por eles realizadas ao longo do tempo. Embora tenhamos citado anteriormente várias práticas corporais desenvolvidas no Rio Grande do Sul, ao buscar indícios destas na colônia de Ivoti, percebemos que no tempo presente apenas algumas delas foram conservadas. As práticas em questão são: *Gateball*, *Judô*, *Odori*, *Sumô* e *Undokai*.

Tendo em vista o cenário apresentado, o problema de pesquisa é: como as práticas corporais de ascendência japonesa foram renegociadas na cidade de Ivoti, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1980 e 2010. O recorte temporal que demarca o período inicial deste estudo corresponde a organização da primeira associação voltada ao desenvolvimento da cultura e das práticas corporais na colônia japonesa de Ivoti em 1981, pela iniciativa da Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB). E, a demarcação final do período estudado está atrelada a década de 2010, quando foi idealizado o Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti, instalado no ano seguinte em 2011, episódio que marca o momento em que esta colônia passa a ter sua cultura divulgada em níveis mais perceptíveis.

A relevância do Memorial foi destacada no estudo de Dilly e Gevehr (2014), quando o considera um produto cultural e turístico destinado a preservação da memória, identidade étnica e educação patrimonial. Criado a partir da necessidade de registro da trajetória das 26 famílias japonesas que se instalaram em Ivoti, no ano de 1966. Os moradores da Colônia Japonesa ao perceberem o interesse dos visitantes consideraram que seria importante preservar sua cultura e colocá-la “na vitrine” para que pudesse estar em interlocução com outras pessoas e culturas. Esse espaço assumiu um papel de difusor dos aspectos culturais, alimentares, dos festejos, da religião, do lazer e do esporte. A comunidade da Colônia Japonesa de Ivoti fez de seu Memorial o espaço propulsor de valorização cultural, de sua identidade e de desenvolvimento para a comunidade (DILLY; GEVEHR, 2014). Diante deste contexto, percebe-se a relevância deste espaço na medida em sua

criação vai ao encontro do que propõe Pierre Nora (1993) ao salientar a necessidade dos lugares de memória, já que estes “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos” (NORA, 1993, p. 13). Nesta mesma direção, os lugares de memória ou mesmo lugares que percorremos cotidianamente nos fazem lembrar fatos do passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva. Nesse contexto, a criação de museus, de monumentos e de lugares está diretamente associada a uma memória coletiva (HALBWACHS, 2004).

Concernente às justificativas desta pesquisa, estão entre suas finalidades apresentar o contexto de práticas corporais na comunidade nipo-brasileira do Rio Grande do Sul, que frente a outros grupos de imigrantes como teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros representa uma minoria. Bem como, se direciona a incentivar novas publicações que versem sobre as representações de práticas corporais desenvolvidas em comunidades japonesas, visto a baixa produção¹⁵ de publicações sobre a referida abordagem na área da Educação Física.

A fim de dar conta do problema apontado neste estudo, utilizamos os pressupostos teóricos oriundos de autores reconhecidos no ramo da História Cultural (CHARTIER, 2000; BURKE, 2008; PESAVENTO, 2008). Esta escolha esta pautada na abordagem que a História Cultural permite, ao levar em conta que a própria existência do indivíduo figura enquanto um modo de produzir cultura por meio de seus discursos verbais e corporais, os quais utilizam para dar sentido, compreenderem-se e explicar o mundo.

Quanto aos procedimentos metodológicos desta investigação, estes foram construídos a partir da coleta de informações em fontes documentais e imagéticas, além da História Oral (ALBERTI, 2005). O passo seguinte consistiu em submeter tais fontes à análise, sendo que para cada uma delas foi adotada uma técnica específica, a saber: as fontes documentais foram submetidas à análise documental (BACELLAR, 2010), as fontes imagéticas foram analisadas e interpretadas seguindo as etapas de

¹⁵ Realizamos uma busca no Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em periódicos da área da Educação Física visando dimensionar o número de estudos publicados no Brasil com foco nas representações sobre as práticas corporais japonesas no Brasil. Tal empreendimento está descrito com maiores detalhes no capítulo metodologia.

análise iconográfica e iconológica (KOSSOY, 2007) e as fontes orais por sua vez seguiram a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

A partir dessas considerações introdutórias, apresentamos os capítulos propostos para esta dissertação e suas respectivas abordagens: O segundo capítulo - REFERENCIAL TEÓRICO - aborda os pressupostos teóricos que nortearam esta investigação, ressaltando principalmente as contribuições de autores da História Cultural por meio de conceitos como práticas, representações e identidade cultural. No terceiro capítulo – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – estão descritos os passos que orientaram “como fazer” a pesquisa, suas ferramentas e fontes. No quarto capítulo - A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL - buscamos trazer como se conformou a imigração japonesa no estado com o intuito de conhecer a população estudada. No quinto capítulo – A COLÔNIA JAPONESA E A CIDADE DE IVOTI - abordamos as principais características desta comunidade japonesa, levando em conta o período em que estabeleceram no Rio Grande do Sul no final da década de 1960. O sexto capítulo - AS PRÁTICAS CORPORAIS JAPONESAS EM IVOTI - reservamos um espaço para apresentar as contribuições trazidas pelos japoneses no campo das práticas corporais no estado. Por fim, apresentamos o capítulo sétimo – CONSIDERAÇÕES FINAIS e após segue a lista de referências.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo possui a finalidade de apresentar os condutores teóricos empregados na realização desta pesquisa. Segundo Barros (2009, p. 79-80), a teoria em um trabalho acadêmico “remete a maneira de ver o mundo ou compreender os fenômenos que estão sendo examinados”. Nesse sentido, o referencial teórico é construído a fim de explicar ou compreender um objeto de estudo, por meio de conceitos e categorias, tendo como ponto de partida elaborações mentais feitas previamente por outros autores já reconhecidos em um determinado campo de investigação.

Dentre os diversos campos de investigação pertencentes aos estudos voltados a área da Educação Física, este estudo faz parte de um em específico que podemos chamar “historiográfico” e está situado na dimensão da História Cultural, a partir de alguns autores que tem apresentado suas concepções de mundo, relacionadas a este modo de fazer História, são eles: Roger Chartier (2000), Peter Burke (2008); Sandra Pesavento (2008). Assim, destacamos que os principais conceitos teóricos que contribuíram para a construção de nosso caminho investigativo foram práticas, representações e identidade cultural.

Partindo do exposto, e buscando estabelecer uma relação entre a História Cultural e as práticas corporais advindas da cultura japonesa, que são tema central do estudo, inicialmente salientamos a importância desta disciplina, que nos auxiliará a compreender como em Ivoti entre as décadas de 1980 e 2010, “tal realidade social foi construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2000, p. 16).

A História Cultural conta com mais de duzentos anos de história, levando em conta que já era objeto de interesse desde o final do século XVIII e início do século XIX, ao ser praticada na Alemanha, com o nome de (*kulturgeschichte*). No entanto, com o passar dos anos e impulsionada por diversos movimentos de renovação, a História Cultural ampliou sua abordagem para além da narrativa, pois no passado havia sido inúmeras vezes criticada por sua reduzida capacidade de explicar os fenômenos (BURKE, 2008; PESAVENTO, 2008).

Um dos marcos considerados como a redescoberta da História Cultural parte da década de 1970, em que o termo “cultura” passou a ser analisado sob uma perspectiva mais ampla, dando a conhecer a expressão “Nova História Cultural”, que

conforme salienta Pesavento (2008, p.14) passou a ser empregada com intuito de “lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural”.

Passadas estas reformulações, a presença da História Cultural passou a assinalar, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade a partir da compreensão que o indivíduo atua como produtor e reproduzidor de cultura, condição intimamente atrelada a sua própria existência. Algo que ocorre automaticamente, sem que para isto o indivíduo seja um intelectual, um artista ou um artesão. Para além disto, a História Cultural considera a própria linguagem e as práticas discursivas, como substância da vida social, que por sua vez constituem uma noção mais ampla de cultura. Neste entendimento, “comunicar” é produzir cultura, seja na sua forma oral, escrita ou gestual, possibilitando ao indivíduo e aos grupos sociais se expressarem no mundo compartilhando seu “modo de vida” (BARROS, 2003).

A História Cultural para Barros (2004) é particularmente rica por permitir um universo de possibilidades, visto que o saber historiográfico é atravessado pela noção de 'cultura'. Termo que o autor define como um conceito extremamente polissêmico, que por possuir diferentes abordagens e passar por redefinições torna-se digno de ser investigado pelos historiadores.

Na compreensão de Burke (2008), a História Cultural possibilita que o pesquisador possa dedicar seus estudos, principalmente em termos de fontes consultadas, para além da história política ou à história oficial de países ou regiões.

A historiadora Sandra Pesavento (2008, p. 42) complementa com sua visão de que a História Cultural se propõe a decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, “[...] tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas por meio dos quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.” Seguindo ainda os apontamentos de Burke (2008) podemos inferir que há autores que utilizam a História Cultural em termos de uma procura de significados, enquanto outros buscam as ‘práticas’ e as ‘representações’. Porém, “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (p.10).

Assim, a História Cultural ao perceber os sujeitos como agências produtoras e receptoras da cultura produzida, nos instiga a investigar esse processo no qual uma cultura “construída” e naturalizada emergente de determinado espaço social, possibilita que homens e mulheres produzam práticas a partir de suas crenças e

costumes, e que estas por sua vez geram representações. As noções de 'práticas', segundo Barros (2004), podem ser compreendidas como ações que incluem não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros.

Na percepção de Chartier (1991), as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira de ser no mundo, a significar simbolicamente uma posição. Seriam formas institucionalizadas e idealizadas por meio das quais os "representantes" marcam o seu modo de existir individual ou coletivamente. É possível também considerarmos enquanto 'práticas', a cultura corporal do movimento humano, um universo portador de significados e simbolismos. Seria ele, o corpo individual e os corpos num grupo social, uma manifestação da cultura, a expressão da nossa humanidade "[...] local de encontro, ponto de interações permanentes entre o cultural, o social e o biológico, tanto no plano das práticas como no das representações" (GAYA, 2008, p. 43).

Uma das maneiras que podem nos auxiliar a pensar as noções de 'práticas' e 'representações' dentro da cultura corporal, é que estas não ocorrem como um fenômeno isolado, mas fundam-se de tal forma que se torna difícil identificar sua origem, pois 'práticas' geram representações e 'representações' geram práticas em um círculo tal que, não se sabe se o início está em determinadas práticas ou em determinadas representações (BARROS, 2004). Para Chartier (2000), o indivíduo ao se apropriar de um discurso – representação – é conduzido a uma nova forma de compreender a si próprio e ao mundo, podendo por vezes, ressignificar uma prática. As representações geram de fato 'apropriações' motivadas pelos interesses sociais, por resistências políticas e também pelas necessidades e confrontos inerentes ao mundo humano.

Conforme as representações vão sendo difundidas coletivamente tornam-se consensos, pois remetem a "ideias e imagens construídas pelos homens, em todas as épocas para dar sentido ao mundo" (PESAVENTO, 2008, p. 43). Neste ponto, o conceito de imaginário deve ser pensado como fundamental para olhar o objeto de estudo, pois comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é também

construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social (PESAVENTO, 2008).

Os espaços sociais, destinados as práticas corporais, implicam um sistema educacional que é identificado enquanto uma prática cultural, imprimindo naqueles que se submetem a ele, certos padrões de caráter determinados por repertórios linguísticos e comunicativos, comuns às relações sociais do grupo a que pertencem. Isto é, o indivíduo, ao fazer parte de determinadas práticas e a estar em determinado núcleo, ‘apropria-se’ de determinadas representações que o localizam dentro do momento histórico, do tempo em que vive (CHARTIER, 2000).

Ao considerar o caso dos imigrantes japoneses quando chegaram ao Rio Grande do Sul, estes, através da preservação dos costumes nas colônias buscavam manter um modo de vida próprio. Por meio da representação de “ser japonês”, trazida de sua terra natal, ou passada de geração para geração, mesmo com o processo de contato cultural vivenciado na nova terra, mantiveram dentre as suas práticas o ‘modo de vida’, constituindo uma identidade nipo-brasileira.

Neste sentido, para além das noções de práticas e representações enunciadas pela História Cultural, o conceito de identidade cultural também adquire papel significativo em nossa pesquisa. A identidade cultural é enquanto representação social, uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo vinculado a ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença (...) é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade, ou seja, “frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro” (PESAVENTO, 2008, p. 89-90).

Como sugere Pollak (1992, p. 5) “a identidade é construída pela memória, tanto individual como coletiva, consistindo de um fator de suma importância ao sentimento de continuidade e de coerência tanto de um indivíduo como de um grupo em sua autorreconstrução”. Ainda compondo sua análise, o autor aponta que a construção da identidade envolve a autoimagem adquirida ao longo da vida. Imagem esta que o indivíduo constrói e apresenta aos outros, tanto por acreditar em sua própria representação como por investir no modo como quer ser percebido pelos outros.

Assmann (1995) compartilha deste pensamento atribuindo a faculdade da memória a capacidade de formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade é preservada pela memória cultural, pois carrega uma bagagem de conhecimento pela qual um grupo obtém consciência de sua unidade e peculiaridade através de uma imagem comum do seu passado (ASSMANN, 1995).

Com relação ao imigrante japonês, que caracteriza este estudo, tanto eles quanto seus descendentes foram vistos como diferentes no país que os acolheu. A inserção destes indivíduos no território do Rio Grande do Sul os levou a uma reconstrução de suas identidades, ao mesmo tempo em que passaram a ser cidadãos brasileiros, procuraram manter forte o sentimento de pertencimento a terra de origem. Neste processo, à sua já definida identidade cultural japonesa foram incorporados novos sentidos de pertencimento a nível nacional e regional.

Esta construção procede, no entanto, se considerarmos que existe entre estes grupos culturas e identidades independentes, fixas e estáveis, respectivamente. Afirmação que merece ser analisada por uma perspectiva menos rígida, tal como apresentada por Maher (2007a, p. 88), ao inferir que “as culturas não são monolíticas e tampouco estáticas”, e as identidades culturais são permeáveis e não são uniformes nem fixas. A autora acrescenta que

(...) se as culturas não são fixas, não unas, elas tampouco são irredutíveis. Muito pelo contrário: as culturas são absolutamente permeáveis umas às outras. E isso vale para todas: não é como se houvesse, de um lado, culturas ‘puras’ e de outro, culturas ‘já contaminadas’, culturas ‘mestiças’ (CUCHE, 2002 apud MAHER, 2007b, p. 263).

Tal como apresenta Silva (2011), a interação entre culturas possibilita uma transformação paulatina da identidade cultural, estruturada por uma memória cultural, a qual os imigrantes e seus descendentes veem-se vinculados. Como forma de manutenção desta memória cultural, estes imigrantes se utilizam de espaços e práticas como forma de perpetuação de suas identidades culturais e da representação destas, podendo também ocorrer uma reação a manifestações de representações contrárias, que possam vir a abalar suas identidades.

A importância da memória cultural neste processo se sustenta pela sua capacidade de, a nível social, comunicar e interagir. A memória nos capacita a viver

em grupos e comunidades, e no sentido inverso, viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória. Como forma de coesão social, é algo exteriorizado, objetivado e armazenado em formas simbólicas estáveis e transcendententes à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra.

No seu sentido externo, considera “coisas”, como portadoras de memória, tal como artefatos, objetos, aniversários, festas, louças, ritos, imagens, histórias, textos e outros ícones, símbolos ou paisagens que alcançam seu propósito a partir do contato material entre uma mente que lembra e um objeto que faz lembrar. Já que “coisas” não possuem uma memória própria, podem nos fazer lembrar, desencadeando em nossa memória momentos, sentimentos, bem como servem como mecanismo para ressaltar as noções de pertencimento (ASSMANN, 1995).

A cultura inerente às práticas corporais japonesas, por se utilizar desta transmissão possibilitada pela memória cultural e por representar simbolicamente uma identidade, pode ser compreendida enquanto um Patrimônio Cultural (CORÁ, 2014). Por meio de comportamentos, uso da língua materna, vestimentas, assim como os movimentos das danças, golpes de artes marciais, o saber fazer de alimentos e de bebidas típicas dotadas de sentido e pertencimento são ampliados os valores culturais, pois representam algo vivo e dinâmico.

Determina-se como Patrimônio Cultural como um conjunto de bens de natureza material e imaterial que, por sua vez, são considerados coletivos e preservados ao longo do tempo. Em sua abrangência, estão contidos os diferentes costumes vivenciados por um povo, recebidos por tradição e transmitidos de geração a geração. Dessa forma, a função de patrimônio só se estabelece, quando estes bens são reconhecidos e compartilhados pela comunidade que os produz. Conforme mencionamos anteriormente, o Patrimônio Cultural é dividido em duas categorias: os bens materiais e os bens imateriais. Os bens materiais representam tudo aquilo que pode ser visto e tocado enquanto bens imateriais são todos aqueles relacionados à memória, as identidades e heranças de um povo ou nação (FEITOSA; SILVA, 2011; CORÁ, 2014; DILLY; GEVEHR, 2014)

O diálogo com o campo de pesquisas em memória, e aqui consideramos para além do seu sentido social o cognitivo, surge como uma válida possibilidade para as pesquisas em história, uma vez que a história pode ser identificada enquanto representação narrativa, que também se propõe a uma reconstrução do

passado, tornando-se o registro de uma ausência no tempo (PESAVENTO, 2008). Para os historiadores que trabalham com memória, esta pode ser entendida como:

“propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2006, p. 423).

Estas impressões que a memória guarda ou seleciona não são apenas individuais, mas coletivas. Neste caso, quando compostas pelas lembranças vividas por um indivíduo, por serem por vezes transmitidas a outros, são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo.

Dentre as formas historicamente concebidas pelos grupos sociais na busca pela preservação da memória, através dos tempos, destacamos a valorização de símbolos públicos. Como por exemplo, a importância atribuída por certas culturas aos indivíduos mais velhos ou os chamados “homens memória”¹⁶, responsáveis por passar adiante uma tradição e a história da sociedade. E o uso das letras que ao ser descoberto passou a ser utilizado para preservar a memória das coisas, possibilitando a construção de documentos que registrassem as informações e as impressões passadas ou reinterpretadas como passadas (LE GOFF, 2006).

Com intuito de também preservar a memória, uma modalidade da história se torna especialmente útil, a História Oral, que embora seja tratada no capítulo de metodologia é abordada aqui a fim de salientarmos sua relevância para esta pesquisa. A utilização da História Oral como fonte de pesquisa, justifica-se como recurso que valoriza os 'atores sociais', não só por tornar públicas as experiências guardadas na memória dos depoentes, mas também por possibilitar que o historiador tenha um novo olhar do objeto pesquisado. Esta abordagem, carregada de registros múltiplos, permite que a memória sirva para comparação entre as fontes escritas e fontes orais, visando à veracidade das informações. Conforme aponta Thompson (1992, p.22), “a história oral pode certamente ser um meio de modificar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, podendo alterar enfoques e revelar novos campos de investigação”.

¹⁶ Em culturas, como a africana, por exemplo, os “homens de memória” são chamados Griots, conhecidos como contadores de histórias. São relacionados a sociedades sem escrita e possuem a função especial de narrar as tradições e os acontecimentos de seu povo.

Partindo das premissas acima citadas, que salientam as diversas formas de emprendermos um estudo histórico a partir de novos campos de investigação e da comparação de fontes, autores como Vamplew (2012), apontam que a história, em suma, depende das evidências. Contudo, é importante que os historiadores questionem suas fontes para confirmar sua autenticidade e validade.

As evidências que viabilizam os estudos históricos, por muito tempo deram maior visibilidade as chamadas fontes tradicionais, que incluem arquivos e jornais que juntamente com a televisão, são os “maiores instrumentos de comunicação popular” (VAMPLEW, 2012, p.10). No entanto, a implementação de novas fontes como as produzidas pela História Oral, podem fornecer uma percepção pessoal sobre os eventos e o que eles significaram para um grupo específico de pessoas, dando vida à evidência histórica. As fotografias, por exemplo, ao contemplarem o campo visual, confirmam a existência do passado através da captação do corpo em ação como ponto central não só do esporte como o autor refere, mas das práticas corporais como um todo. Enunciando, que cada fonte possui suas particularidades, ao serem interpretadas, podem esclarecer o contexto analisado e fornecer reflexões sobre assuntos que, por vezes, ficam esquecidos nas fontes convencionais, especialmente em relação ao papel das práticas na vida cotidiana.

Diante das concepções teóricas acima citadas, apresentamos abaixo os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após realizar uma revisão bibliográfica em busca de teses, dissertações, monografias e artigos que pudessem auxiliar a desvendar o contexto histórico-cultural e social vivenciado na construção da Colônia Japonesa de Ivoti, e de forma mais específica como foram renegociadas as práticas corporais naquela localidade entre as décadas de 1980 a 2010, partimos para a coleta de fontes impressas e imagéticas que pudessem assumir a mesma função.

Na etapa de revisão bibliográfica, inicialmente buscamos fazer o levantamento da produção científica no Brasil na área da Educação Física em nível de Pós-Graduação, a partir do Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando como ferramenta de busca os descritores “Gateball”, “Judô”, “Odori” e “Dança Japonesa”, “Sumô”, “Undokai” e “Gincana Japonesa”. Primeiro, estes descritores foram empregados separadamente e depois em combinação com o descritor “história”. Como intervalo de tempo a ser pesquisado foi delimitado os últimos dez anos, ou seja, de 2007 a 2017.

Ao empregar os descritores “Gateball”, “Odori”, “Sumô”, “Undokai” e “Gincana japonesa” nas duas maneiras acima apresentadas, o número de ocorrências foi zero (0). Como resultado do descritor “Dança Japonesa” obtivemos um trabalho de mestrado voltado a compreender os aspectos sócio-culturais e históricos da atividade Física em idosas japonesas. Esta dissertação sob o título de “Atividade física e saúde de idosas japonesas: análise de aspectos socioculturais” foi defendida em 2008, pelo autor Frank Shiguemitsu Suzuki no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu.

Com relação ao descritor “Judô”, ao empregá-lo separadamente, obtivemos 55 ocorrências com abordagens diversas como atividade física adaptada, desempenho, educação, prescrição de exercícios entre outros. Ao refinarmos a busca utilizando o descritor “história” o número restringiu-se a cinco trabalhos, sendo dois de mestrado e três de doutorado. Dos trabalhos de mestrado localizado com tais características o primeiro, intitulado “Princípios e Valorização do Judô na vida cotidiana de Mestres da região de Mogi Das Cruzes.” Foi defendido, em 2010, pelo autor Gilmar Barbosa de Souza no Programa de Pós-Graduação em Pedagogia do Movimento Humano da Escola de Educação Física e Esporte da USP. O segundo

trabalho de mestrado identificado foi o intitulado “A integração oriente-ocidente e os fundamentos do judô educativo”. Esta dissertação foi defendida, em 2013, pelo autor Sérgio Oliveira dos Santos no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Metodista de São Paulo.

Em nível de doutorado, o primeiro identificado foi a tese intitulada “Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades”. Esta tese foi defendida, em 2008, pela autora Mariana Simões Pimentel Gomes, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. O segundo trabalho identificado foi a tese intitulada “A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais”. A pesquisa foi defendida, em 2011, pelo autor Alexandre Velly Nunes junto ao Programa de Pós-Graduação em Pedagogia do Movimento Humano da Escola de Educação Física e Esporte da USP. O terceiro trabalho localizado a nível de doutorado, foi a tese intitulada “As armas da crítica à crítica das armas: o trato com o conhecimento da categoria luta corporal no currículo de formação de professores de educação física da UFS”. Tal pesquisa foi defendida, em 2015, pelo autor Benedito Carlos Libório Caires Araujo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Segipe.

Como parte desta etapa de revisão bibliográfica realizamos uma busca quantitativa por artigos científicos em revistas eletrônicas da área da Educação Física com Qualis/Capes com estratos entre A2 e B5. Assim como na busca de teses e dissertações, delimitamos como intervalo de tempo os últimos dez anos (2007 a 2017). Para isto, utilizamos como ferramenta de busca os descritores “Gateball” e variações (“Gate-ball”, “Gatebol”); “Judô”; “Odori” e variações (“Dança Japonesa”, “Dança” and “japoneses”); “Sumô”, “Undokai” e variações (“Gincana Japonesa”, “Gincana” and “japoneses”). Os números citados no Quadro 1 (ver apêndices) apresentam o resultado numérico da busca por artigos a partir do descritor “Judô”, que alcançou uma maior representatividade em nossas buscas, na medida em que a maioria do restante dos descritores apontou “nenhuma ocorrência” nas revistas. Para além do judô, encontramos na Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, apenas um artigo referente ao ano de 2011 que aborda respectivamente o *Gateball* e *Undokai*. E entre todas as revistas, encontramos na revista Kinesis um artigo pertencente ao ano de 2016, que trata do *Sumô*.

Além do procedimento adotado anteriormente, com intuito de buscar novas fontes que pudessem nos auxiliar a responder o problema deste trabalho de abordagem histórica, empregamos de forma complementar a consulta em fontes impressas, imagéticas e orais, que ao serem cruzadas forneceram fatores para refletirmos sobre os costumes e práticas pertencentes aos contextos históricos representados na colônia japonesa de Ivoti.

O fato de trabalharmos com fontes históricas de naturezas diversas vai ao encontro da ideia de Bloch (2001), em que estas adquirem importância por serem entendidas como artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidade pelos grupos que a originaram. Assim, para este autor, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p.79).

Historiadores culturais, como Sandra Pesavento (2008) inferem que, para pesquisadores da linha historiográfica que se aventuram a reconstruir um tempo que passou, são necessários cacos, traços, evidências, tradicionalmente nomeados como fontes ou documentos que representados por textos, imagens, sons e vozes, ou ainda objetos por portarem emoções e experiências de indivíduos, ao serem recuperadas auxiliam a compreender as percepções de mundo compartilhadas por grupos sociais.

Vale salientar que as fontes empregadas no estudo passaram por um processo de análise preliminar (CELLARD, 2008), a fim de verificar a pertinência dos textos e imagens e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade para com o objetivo. Afinal, “é impossível transformar um documento; é preciso aceitá-lo tal como ele se apresenta, às vezes, tão incompleto, parcial ou impreciso” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.8). Da mesma maneira, assim como salienta Abrão (2002) nenhum documento é inocente, é necessário olhá-los com um olhar crítico. O documento não fala por si, e por isso necessita de perguntas adequadas, se fazendo necessário, portanto o diálogo com outras fontes (ABRÃO, 2002).

Conforme referimos anteriormente, nossa proposta metodológica foi construída principalmente a partir de três fontes distintas: impressas, orais e imagéticas. Desse modo, buscamos detalhar nas páginas seguintes a composição e processo de análise empregada para cada uma delas.

Como fontes impressas adotadas neste estudo salientamos: Atlas do Esporte no Brasil, Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul, jornais, livros, revistas e informativos da ENKYOSUL. Tendo em vista que muitas das fontes elencadas para a construção deste estudo se encontravam em locais distintos, a fim de reuni-las foram realizadas visitas periódicas a Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti, Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti e acervo da Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul (ENKYOSUL).

Nos locais citados acima foi possível coletar informativos, cartazes de divulgação de eventos como os realizados pela ACENB na Colônia Japonesa de Ivoti e pela ENKYOSUL, fotografias de materiais utilizados nas práticas corporais e fontes impressas, as quais representam a maior parte das nossas fontes.

Das visitas realizadas a Biblioteca Municipal de Ivoti, Laís Helena Bruck Mundstock, foi possível obter jornais que tratavam tanto das práticas corporais quanto da imigração japonesa e o estabelecimento da colônia, que existe desde 1966. Como parte do acervo lá disponível, três jornais possuem destaque: Jornal de Ivoti, Jornal Livre Expressão e O Diário da Encosta da Serra. Além destes, a biblioteca possuía em uma pasta avulsa jornais como o NH de Novo Hamburgo e algumas edições do Zero Hora, na qual encontramos reportagens que tratavam principalmente sobre a comemoração dos 100 anos da imigração japonesa ocorrido em 2008.

Para um maior esclarecimento, passamos apresentar individualmente cada uma das fontes impressas consultadas para a pesquisa, atentando, por exemplo, a caracterização dos principais conteúdos abordados e o público ao qual se destinava.

O Jornal de Ivoti, fundado em 1985 noticiava acontecimentos policiais, sociais e esportivos com maior foco na cidade de Ivoti e em menor escala arredores como Dois Irmãos, Estância Velha, entre outras. Era produzido pela Editora Menin Caldas LTDA, com sede na Av. São Miguel, nº 597 em Dois Irmãos. Inicialmente era quinzenal, porém mais tarde passou a ser Diário de Ivoti (devido a tiragem passar a ser diária e não mais quinzenal). As notícias a nível estadual e nacional consistiam em reproduções de jornais maiores, dando a entender que o jornal não possuía uma equipe que fizesse cobertura fora da região. Um detalhe em particular neste jornal nos chamou a atenção, foi que nos dois primeiros anos de publicação foram encontradas nove reportagens em língua japonesa que explicavam datas festivas como Natal e Páscoa e outros costumes ligados ao catolicismo. Este jornal também

apresentava matérias na língua alemã, que com o passar do tempo passou a nomear mais festividades como a *Kerb*¹⁷.

O Jornal livre Expressão, produzido pela editora Livre Expressão, teve suas primeiras edições em janeiro de 1995. Apresentava notícias principalmente sobre as sociedades de Ivoti e Lindolfo Collor por meio de cadernos como Expressão rural, Variedades e Geral. Os acontecimentos sociais neste jornal era um de seus pontos fortes, pois dava grande destaque a festas de debutantes, aniversários, cursos e concursos de modelo e outros eventos em clubes como o Rotary de Ivoti.

O Diário da Encosta da Serra, fundado em 1992, é filiado a Associação dos Diários do Interior do Estado (ADI RS), entidade que congrega os mais importantes jornais diários do Rio Grande do Sul. Possui circulação de segunda a sexta feira em diversas cidades como Ivoti, Dois Irmãos e Nova Petrópolis levando as comunidades das regiões da Encosta da Serra e Vale dos Sinos, notícias de esporte, política, economia, novidades tecnologia, sociais e entretenimento.

Quanto as visitas na ENKYOSUL, esta entidade fundada em 1969, é uma das de maior representatividade dos nipo-brasileiros nos estados do Rio Grande do Sul e também de Santa Catarina. Desde sua organização, desenvolve um trabalho voltado a preservar os valores culturais herdados pelos ancestrais, conformando-se também como um espaço destinado a oportunizar práticas corporais com fins recreativos que promovam a integração entre os imigrantes japoneses e seus descendentes.

Neste local, foi possível consultar fontes documentais, tais como atas, diários oficiais e jornais informativos que circulam entre os associados. As informações obtidas a partir dos documentos acessados revelou que as práticas corporais organizadas pela entidade contemplam e reúnem em diversas situações os moradores das colônias de Ivoti, Itati e Itapuã, tal como os campeonatos de *Gateball* e o *Undokai*, sendo este último realizado normalmente no mês de maio. Fato que demonstra que as práticas corporais realizadas pela comunidade nipo-brasileira destas colônias não se dá apenas em âmbito local.

Em vias de montar o nosso banco de dados mantendo uma organização adequada das fontes para a posterior análise, em cada uma das visitas nestes

¹⁷ O *kerb* está ligado a religiosidade e em muitas famílias é mais significativo do que os eventos de Natal e Páscoa. Surgido em 1868, é a festa que comemora a inauguração da igreja e época de reunir a família. O evento acontece em datas diferentes em cada município, já que nem todas as igrejas foram inauguradas na mesma época. No Rio Grande do Sul, por exemplo, ocorre no mês de janeiro no município de Ivoti, em setembro em Dois Irmãos, e no mês de maio em Estância Velha em maio, e assim cada município define seu mês (DHEIN, 2012).

arquivos levamos um caderno que assumiu papel semelhante a um diário de campo¹⁸ na medida em que foram inseridas nele o nome dos jornais consultados, os títulos das reportagens com suas respectivas edições, sessões e autores (quando indicados), o ano e a página conforme as orientações de Pimentel (2001). Neste caderno foram anotados também alguns dados referentes às negociações de acesso as informações (BOSSLE, 2008), estabelecidas com os responsáveis por estes acervos.

As fontes advindas dos jornais e dos arquivos das instituições foram captadas tanto por máquina digital como por scanner portátil e, posteriormente arquivadas em pastas no computador. Dentro destas pastas, foram separadas de acordo com o nome do jornal ou da instituição e subdivididas pelo nome das práticas.

Após esta organização dos materiais, iniciamos o processo de problematização destas fontes, a fim de interpretá-las. Desta forma, as fontes coletadas foram submetidas à técnica de análise documental, conforme o apresentado por Bacellar (2010) na obra organizada por Pinsky a respeito do uso de fontes históricas (PINSKY, 2010). Esta técnica de análise destaca principalmente três aspectos: fichamento, que implica, necessariamente, sua transcrição, integral ou parcial, para posterior uso; análise propriamente dita dos documentos, que envolve questionamentos como: sob quais condições o documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Isto porque documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu; e por fim o cruzamento das fontes, ou seja, ao justapor documentos e relacionar texto e contexto de material impresso ou de outro documento é possível estabelecer constantes e rupturas, identificar mudanças e permanências no período em que este foi produzido (BACELLAR, 2010).

Para além da utilização de fontes impressas, também foram empregadas neste estudo as fontes imagéticas. A relevância destas fontes justifica-se pelo seu potencial comunicador, na medida em que representam versões de um acontecimento e, portanto são consideradas como documentos, devendo ser interpretadas como qualquer outro. Segundo Kossoy (2001, p. 36), “toda

¹⁸[...] O diário de campo Também é um instrumento de registro de pesquisa. Segundo Triviños (1987) as anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento [...].

fotografia/imagem tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. Dessa forma, as imagens pertencem a um contexto, são registros que nos possibilitam realizar um diálogo com outras fontes históricas, assumindo um papel mais significativo do que apenas um elemento acessório ou ilustrativo do texto.

As principais fontes imagéticas relacionadas ao estudo fazem parte das reportagens que compõe nosso acervo documental e que reportam as práticas corporais realizadas na colônia de Ivoti. Estas imagens ao serem trazidas surgem como proposta de diálogo entre o contexto histórico e o referencial teórico. Apresenta-las, neste sentido, significou um movimento que acreditamos se aproximar da ideia trazida pela História Cultural, segundo a qual o pesquisador trabalha com a dimensão da representação. A imagem, ao ser trazida, pode ser compreendida como um gesto que visa tornar as coisas novamente presentes. Tal como reforça Sandra Pesavento (2008):

“Uma das formas de compreender a representação seria dada pela exposição de uma imagem, que substitui algo/outro, ou mesmo pela exibição de objetos ou ainda por uma *performance* portadora de sentidos que remetem a determinadas ideias” (p. 41).

Nesse sentido, as imagens são portadoras de um discurso, precisam ser decifradas por carregarem um conjunto de símbolos “conotativos”, isto é, elas não têm significados precisos, o que permite variadas interpretações, representações (FLUSSER, 1985). Para este mesmo autor Flusser (1985, p. 12), ao vaguear pela superfície da imagem, o “olhar” vai estabelecendo relações significativas em uma perspectiva que permite perceber “relações temporais entre os elementos da imagem” e que não necessariamente é um tempo linear, pois o que foi visto “antes” pode se tornar algo visto “depois”.

Reconhecendo esta função e, amparados na metodologia proposta por Kossoy (2007), submetemos as imagens às interpretações de seu conteúdo a partir do que este autor nomeia como um “contínuo exercício de decifração”. A decifração da imagem, de suas realidades e, portanto dos seus códigos, se desenvolve através da análise iconográfica e da interpretação iconológica. A primeira visa detectar os elementos constitutivos que visam retomar o processo que originou a representação. Busca indicadores acerca de quem, que, como, quando e onde, de forma a

individualizar cada documento, estabelecendo assim, sua identidade e unicidade. Complementando a análise, a proposta iconológica (PANOFSKY, 1982 apud KOSSOY, 2007), sustentou-se por uma leitura da imagem a fim de decifrar aqueles elementos que o fragmento visual não possuía de explícito em seu conteúdo.

As fontes orais por sua vez, foram obtidas por meio da história oral (ALBERTI, 2005), por distinguir-se como um procedimento que se destina à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, baseando-se em entrevistas obtidas sistematicamente. Fazer História Oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” (AMADO; FERREIRA; 2006).

A História Oral atua como facilitadora, visto que mantém entre os seus métodos o registro da oralidade e a sua transposição para o meio escrito. Os depoimentos adotados em uma pesquisa, por expressarem as visões de mundo e as experiências das pessoas, ao serem obtidos necessitam de um planejamento, a fim de que se possa realizar análises do contexto social e individual, que deverão ser interligados e interdependentes (MEIHY, 2002).

O desenvolvimento de uma pesquisa que utiliza depoimentos permite que os atores sociais expressem o que para eles, dentre as experiências vividas deve ser memorável. Cabe ao entrevistador, ao coletar as informações, partir da premissa que a memória é seletiva, não sendo possível, portanto apreendermos uma memória, mas sim captar fragmentos que a constituem (MATOS; SENNA, 2011).

De acordo com Meihy (2002), a História Oral é entendida como a história viva do tempo presente, porém com premissas enraizadas no passado, em que seu valor social, individual, cultural e de memória, estão inacabados, ou em constante construção. Para o autor (2002):

Nessa medida, ela não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante o sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2002, p. 15).

É importante que haja o reconhecimento que os dados obtidos através deste processo estarão sujeitos a subjetividades e pontos de vista próprios. Esse cuidado sugere uma maior possibilidade de minimizar certos desvios, que constituem o processo da entrevista. Contudo, antes da realização da entrevista, é importante que

haja a preparação de um roteiro contendo uma lista de tópicos ou questões, previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central da pesquisa, a fim de manter a proximidade com o tema.

Outro ponto ao qual devemos despender maior atenção se refere à escolha dos entrevistados. É preciso incluir pessoas que poderão contribuir efetivamente com o objetivo central do estudo. A seleção dos depoentes não deve ser predominantemente quantitativa, mas sim a partir de uma posição do entrevistado, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém ir à busca daqueles que “participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam oferecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2005, p. 32). Em paralelo a isto, a escolha dos depoentes também se deu através das informações buscadas nas fontes impressas, ao passo que estas possuem lacunas que as fontes orais podem ajudar a completar ou mesmo apontar outro sentido, já que das falas podem surgir novas versões da realidade histórica em estudo.

Considerando o acima exposto, iniciamos a busca por depoentes que pudessem contribuir para compreensão de como as práticas corporais de origem japonesa tem sido representadas na Colônia de Ivoti. Neste estudo, não foi possível contemplar indivíduos que possuíam envolvimento com todas as práticas em decorrência do tempo hábil que teríamos que dedicar no processo de produção e análise de um número elevado de fontes orais. Dessa maneira, tivemos que adotar um critério para a escolha de uma prática em particular, que foi o de conveniência, o que por sua vez nos direcionou para a prática do *Sumô*. Este critério foi adotado em primeiro lugar devido a minha proximidade com as artes marciais, já que sou praticante de Karate-do desde 2010. E um segundo ponto, é que já havíamos feito contanto com boa parte do grupo praticante de *Sumô* no Rio Grande do Sul em duas edições (2015 e 2016) no Festival do Japão¹⁹ que ocorre anualmente, no mês de agosto na Academia de Polícia Militar de Porto Alegre.

¹⁹ O Festival do Japão-RS teve sua primeira edição em 2012 e tem como objetivo divulgar a cultura japonesa no Rio Grande do Sul. É um evento realizado anualmente, sempre no mês de agosto em um final de semana próximo à data de 18/08, considerado o Dia do Imigrante Japonês no Rio Grande do Sul. O evento, então, celebra o dia como uma forma de preservar a cultura e as tradições do país de origem entre os descendentes dos imigrantes japoneses. Ao mesmo tempo, integra os laços culturais entre os povos, mostrando ao público admirador os hábitos, costumes, culinária, expressões artísticas e outras práticas relacionadas ao cotidiano do povo japonês.

Dada esta proximidade, contatamos por meio de uma visita, uma das coordenadoras do Memorial da Imigração Japonesa de Ivoti em vias de obter nomes de praticantes de *Sumô* da colônia, estando estes na ativa ou não. Obtivemos dois nomes por nós já conhecidos, e o telefone de um deles que ela tinha em seus contatos. Porém, já tínhamos o contato da esposa de um deles na rede social *facebook*, que facilitou o processo seguinte referente a explicação dos objetivos da dissertação e importância da participação dele para a pesquisa.

Quanto ao tipo de entrevista, optamos pela semiestruturada, realizada a partir de um roteiro previamente estabelecido. Tendo tópicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionem ao tema da pesquisa, a escolha por este tipo de abordagem se justifica por permitir ao entrevistado consultar sua memória de forma mais livre sem um condicionamento das respostas.

O nosso entrevistado Sr. Sérgio Fukunaga iniciou sua prática de *Sumô* ainda na década de 1970 e, a partir de seu depoimento foi possível perceber muitos dos significados partilhados entre os nipo-brasileiros não só em Ivoti, mas também do Rio Grande do Sul e do Brasil como um todo, visto que esteve envolvido também com competições.

É necessário abordarmos aqui as questões éticas que envolvem o trabalho com fontes orais, ou seja, cabe ao pesquisador o dever de explicar ao entrevistado a finalidade da pesquisa, objetivos, método, a sua participação e o uso do gravador. Bem como, deixar claro seus direitos enquanto narrador, o que inclui a possibilidade de recusa do depoimento, cortes na gravação, devolução do depoimento, ciência da necessidade de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B), e sua opção de identificação ou anonimato. Portanto, antes de procedermos com a etapa de gravação, o entrevistado teve a oportunidade de ler o termo de consentimento e após a sua fala ter sido finalizada ficou de posse de uma das vias assinadas tanto por ele quanto pela pesquisadora responsável pelo estudo.

Destacamos aqui também como parte dos procedimentos éticos, que o uso de entrevistas neste estudo encontra amparo em um projeto maior do qual é integrante, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande do Sul – Brasil”, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

Quanto ao processo de transcrição do depoimento oral, este ocorreu por meio das seguintes etapas: a) Confecção da cópia de segurança no computador e da

transcrição literal do depoimento que contou com o software *Express Scribe*²⁰; b) Conferência de fidelidade, na qual o texto foi digitado e comparado com o áudio para possíveis correções como repetições de palavras, cacofonias e erros ortográficos, sem que o sentido do texto fosse alterado; c) Envio de uma cópia do texto transcrita ao entrevistado, para a autorização do uso do depoimento na pesquisa.

Após a obtenção das informações conseguidas através do depoimento, submetemos essa fonte a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). A escolha deste procedimento como componente de investigação se ajusta ao trabalho, pois através dela podemos organizar e agrupar informações, de modo que os significados do texto podem ser reorganizados e cruzados com as demais fontes, a fim de ampliar as possibilidades de contextualização sobre o tema estudado.

A Análise de Conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. A condução da análise considera três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise compreende a leitura geral do material eleito para a análise, no nosso caso de análise de entrevista, como bem lembra (BARDIN, 2011) estas já deverão estar transcritas. O segundo momento, nomeado exploração do material consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes extraídos da entrevista em unidades de registros, para sua posterior classificação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. Das categorias que emergiram de nossa entrevista, as principais foram: história do *Sumô*, imigração japonesa, cultura e competições. A terceira etapa compreendeu o tratamento dos resultados, orientados pela inferência e interpretação, que consistiu em captar os conteúdos visíveis e latentes contidos em todo o material coletado (BARDIN, 2011).

Os capítulos que seguem apresentam os resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, os quais foram interpretados tendo como referencial as noções de práticas e representações culturais, na perspectiva da História Cultural. Buscou-se abordar como se conformou a imigração japonesa no estado do Rio Grande do Sul, bem como a ocupação do município de Ivoti pelos

²⁰ O *Express Scribe* é um software especializado, que visa otimizar a transcrição de entrevistas. Ele possibilita trabalhar no arquivo em velocidade bem baixas, sendo possível escutar claramente cada palavra. Como a ferramenta mantém o tom e não distorce o som, a qualidade é mantida e não causa a sensação de estranhamento da “execução em câmera lenta” do arquivo, deixando assim cada palavra tão clara quanto no original.

imigrantes japoneses. Além disso, trataram-se dos aspectos sociais, culturais, políticos que tangenciaram a criação da Colônia Japonesa e, por fim enfocaram-se as representações das práticas corporais nesta localidade.

4. A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL

Tendo o início do fluxo emigratório no Japão se estabelecido no século XIX, anteriormente a esse período, havia um rigoroso controle para com as pessoas que intencionavam dirigir-se ao exterior do país. Tal medida era regida por uma política de isolamento imposta durante o Período Tokugawa²¹ (1603-1863), que não só impedia a saída da população nativa, como decretou o fechamento de suas fronteiras com a finalidade combater as influências estrangeiras.

No entanto, no ano de 1868, com a Restauração Meiji²², novas formas de conduta foram adotadas, tomando principalmente como modelo os países ocidentais. Em tal momento houve a entrada de novos elementos culturais e de produtos diversos que evidenciavam uma “onda de ocidentalização”, observada no vestuário, obras literárias e músicas que foram amplamente traduzidas para a língua japonesa. Da mesma maneira, ocorreu a incorporação de tecnologias mais modernas, como os maquinários e teares utilizados em fábricas francesas e inglesas, que contribuíram de forma expressiva para o setor de manufatura do algodão no país. Além disto, ocorreu a importação de armamentos que acabaram por modificar a disseminação do conteúdo técnico-militar no país (SAKURAI, 2016).

No decorrer deste processo de instituição do novo formato de governo, ocorreram diversas reformas fiscais que recaíram sobre a população para que se adequassem as novas regras, além disso, os japoneses enfrentavam neste período uma grave crise socioeconômica no campo, o que por sua vez impulsionou o governo nipônico a oferecer a população possibilidades de emigração (FOEGER, DADALTO, 2010). Naquele momento, tendo como destino países americanos como Estados Unidos, Peru e Brasil.

Devido ao fato das práticas corporais, nas colônias japonesas no Rio Grande do Sul serem influenciadas pela imigração japonesa para o Brasil e pelos diversos

²¹ A Era Tokugawa (1603-1863), foi o período mais marcado pela vigência do governo militar conhecido como shogunato. O termo *shogunato* faz referência a *shogun* (general), que representava a autoridade máxima no poder (SOMMA, 2005).

²² 4 A Era Meiji (1868-1912) é considerada um momento importante para os japoneses, pois “marca o início de um intenso processo de mudanças que influencia toda história posterior do Japão. [...] O fato político é a restituição do poder ao imperador, após os longuíssimos anos de xogunato Tokugawa e de fechamento do país ao contato com o exterior. Mas a Restauração Meiji é mais do que isso. Ela se pauta por reformas internas cujo objetivo é adaptar o Japão às exigências do mundo na época” (SAKURAI, 2016, p. 133).

grupos que se estabeleceram no estado, advindos principalmente de duas correntes imigratórias, passaremos a elucidar abaixo quais foram estas duas correntes.

Em um primeiro momento, tendo como base a política imigratória brasileira instituída durante o período da “República Velha” (1889-1930), os imigrantes que se estabeleceram no país tinham de povoar as terras desocupadas, desempenhando ofícios voltados a cafeicultura. Neste período, a economia brasileira necessitava de uma solução para enfrentar os problemas relacionados a cafeicultura paulista, ocasionados por um lado pela alta dos preços do café no mercado internacional no início do século XX, que demandou que os cafezais paulistas expandissem a sua área de cultivo e, por outro lado, pela grave carência de mão de obra advinda da recente libertação dos escravos negros promulgada em 1888²³.

Outro fator que gerou aceleração da imigração japonesa foi a proibição da imigração italiana por parte do governo italiano em 1902. Esta medida acentuou a falta de mão de obra para o setor cafeeiro. Diante desta situação, a imigração japonesa para o Brasil passou a ser pensada com maior interesse e, seis anos depois, em 1908, subsidiadas total ou parcialmente pelo governo estadual, chegaram a São Paulo 125 famílias japonesas (JICA, 2003).

Quanto às determinações legais dos contratos, que normalmente tinham a vigência de quatro anos, (FLORES, 1974) era necessário que as famílias fossem constituídas, por no mínimo três pessoas, com mais de doze anos e aptas para o trabalho. Esta exigência visava evitar que os imigrantes japoneses abandonassem as terras para as quais haviam sido contratados, e migrassem para os centros urbanos, por exemplo, fato que havia ocorrido em outras emigrações.

As condições impostas pelo governo de São Paulo foram acatadas pelos japoneses sem, entretanto, abdicar do seu objetivo inicial que era de permanecer apenas temporariamente fora do Japão. Como havia muitos indivíduos solteiros e casais sem filhos que tinham o interesse em vir para o Brasil, a solução encontrada foi a formação das chamadas “famílias artificiais”, nas quais a porcentagem de crianças muito pequenas e pessoas idosas era mínima (NOGUEIRA, 1984, p. 94).

Na tentativa de adequarem-se aos modos ocidentais, deixaram para trás vestimentas típicas e, ao desembarcarem no Brasil, o que o povo brasileiro

²³ A libertação dos escravos foi assinada em 1888, por meio da Lei Áurea, no dia 13 de maio, pela princesa Regente Isabel, filha de D. Pedro II. Com essa lei, era abolida definitivamente a escravidão no Brasil (MENEZES, 2009).

percebeu além das características físicas foram os modos. Um dos documentos que trata de como se sucedeu o desembarque dos primeiros imigrantes do Kasato-Maru refere-se a reportagem feita por um jornalista do Correio Paulistano, citada por Handa (1987):

Estavam todos, homens e mulheres vestidos a europeia. Elles de chapéu ou bonet, e ellas de saia e camiseta pegada a saia, apertada na cintura por um cinto, e de chapéu de senhora, um chapéu simples, o mais simples que se pode conceber, preso na cabeça por um elástico e ornado com um grampo.[...] "Homens e mulheres trazem calçado barato, com protetores de ferro na sola, e todos usam meias." Muitos traziam bandeiras pequenas de seda, numa pequenina haste de bambu pintado e lança de metal amarello. Essas bandeiras eram trazidas aos pares: uma branca com um circulo vermelho no meio, e a outra auriverde: a do Japão e a do Brasil. Esta primeira leva de immigrants japonezes entrou em nossa terra com bandeiras brasileiras de seda, feitas no Japão, e trazidas de propósito para nos serem amáveis. Delicadeza fina, reveladora de uma educação apreciável (HANDA, 1987, p. 5).

Nesta época, a aceitação de imigrantes japoneses não era vista como viável em outros países, que referenciavam a dificuldade de assimilação de outras culturas por parte do povo japonês. No entanto, após uma visita ao Brasil, o ministro plenipotenciário do Japão enviou um relatório a seu país sugerindo que a introdução de seus emigrantes no estado de São Paulo seria mais indicada do que os Estados Unidos, onde havia indícios de perseguições. Em vias de acatar o sugerido pelo então ministro, em 1925, o governo japonês tratou de custear todas as despesas de transporte dos imigrantes. Entre os anos de 1926 a 1941 embarcaram para o Brasil 148.975 japoneses (FOEGER; DADALTO, 2010).

Há que se ressaltar, contudo, a existência de momentos em que os japoneses tiveram que enfrentar forte discriminação. Após a chegada dos primeiros colonos, em 1908, procedeu-se uma grande discussão sobre a participação japonesa no Brasil. Conforme aposta Sakurai (1999) houve nesse instante uma divergência de interesses, apontada pelo desejo de uns de branquear e purificar a população brasileira e a necessidade de outros de contar com uma mão de obra abundante. Anos depois, na década de 1920 surge o mito do "perigo amarelo", como um estigma de menosprezo aos nipônicos, vinculado a cor da pele que caracteriza a

etnia e ao receio fomentado pelas ideias de intelectuais e políticos brasileiros influenciados, ainda que tardiamente, pelas teorias raciais em voga na Europa durante a segunda metade do século XIX. Os grupos promoviam discursos de ataque às colônias japonesas, classificadas dentro do contexto de valorização nacionalista brasileiro como “quistos raciais”. Estes, eram vistos como locais de preservação não somente da cultura de origem, mas também do temido espírito imperialista nipônico que inspirava desconfiança sob a acusação de que os imigrantes agiam disfarçados de pescadores e de lavradores com o intuito de preparar a futura invasão do Brasil (TAKEUCHI, 2008).

A situação vivenciada pelos imigrantes japoneses, durante os anos correspondentes a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pautaram-se pela ideia de desconfiança e conspiração. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, estes passaram a ser vigiados como suspeitos de espionagem e sabotagem. Os encontros sociais e as práticas culturais tornaram-se inadmissíveis, incluindo culto à bandeira, ao imperador e aos antepassados. As conversas e o ensino em idioma natal também foram proibidos por serem avaliados como antinacional e "prova" da falta de assimilação e de lealdade ²⁴ (SILVA, 2008; TAKEUCHI, 2008).

Este foi o contexto inicial conhecido por parte dos primeiros imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, visto que a primeira corrente imigratória que formou a comunidade japonesa neste estado partiu do núcleo paulista e a segunda veio diretamente do Japão. O segundo momento, compreendeu o período de 1955 a 1963. O ano 1955, marca a data oficial da corrente vinda diretamente do Japão, que iniciou no mês de novembro a partir da chegada do navio Tisaganego ao porto de Santos. Desta, vários imigrantes seguiram seus destinos ao norte do Brasil, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo que duas famílias se radicaram em Porto Alegre como agrônomos consultores (FLORES, 1974).

Os imigrantes japoneses que vieram ao Rio Grande do Sul foram atraídos pela informação que o Estado era produtor de arroz irrigado, produto este que eles possuíam grande familiaridade por representar uma das formas de cultivo mais importantes do setor agrícola no Japão. Na época, a informação era escassa e os

²⁴ Tal fato impactou de forma expressiva, sendo posteriormente abordada até mesmo em filmes como o drama “Corações Sujos” (*Kegareta Kokoro*), dirigido por Vicente Amorim. Este filme, produzido em 2011 é baseado no best-seller de mesmo nome de Fernando de Moraes e baseia-se na história verídica da organização terrorista *Shindo Renmei*, uma organização composta por imigrantes japoneses no Brasil, na década de 1940, durante o final da 2ª Guerra Mundial (AMORIM, 2011).

colonos japoneses não tinham conhecimento que aqui o sistema de cultivo era diferente do praticado em seu país, principalmente pelo tipo de solo e geografia das áreas de plantio. Sendo assim, os japoneses acabaram optando pela produção de hortaliças (COLÔNIA JAPONESA..., 9 a 15 de jul. 1988).

Nos anos subsequentes, o processo de imigração teve continuidade, a exemplo do navio Brasil-Marú que sob a responsabilidade do Serviço de Emigração do Japão, em 20 de agosto de 1956, data reconhecida oficialmente como início da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, trouxe ao Porto de Rio Grande a segunda turma de imigrantes, composta de 23 rapazes. Estes rapazes foram direcionados para granjas e arredores de Porto Alegre, sob o propósito de trabalharem em uma cooperativa agrícola. Porém, devido ao fato deste projeto não ter se concretizado, alguns seguiram para Santa Catarina e o restante se distribuiu em várias granjas do Rio Grande do Sul (GAUDIOSO, 2011).

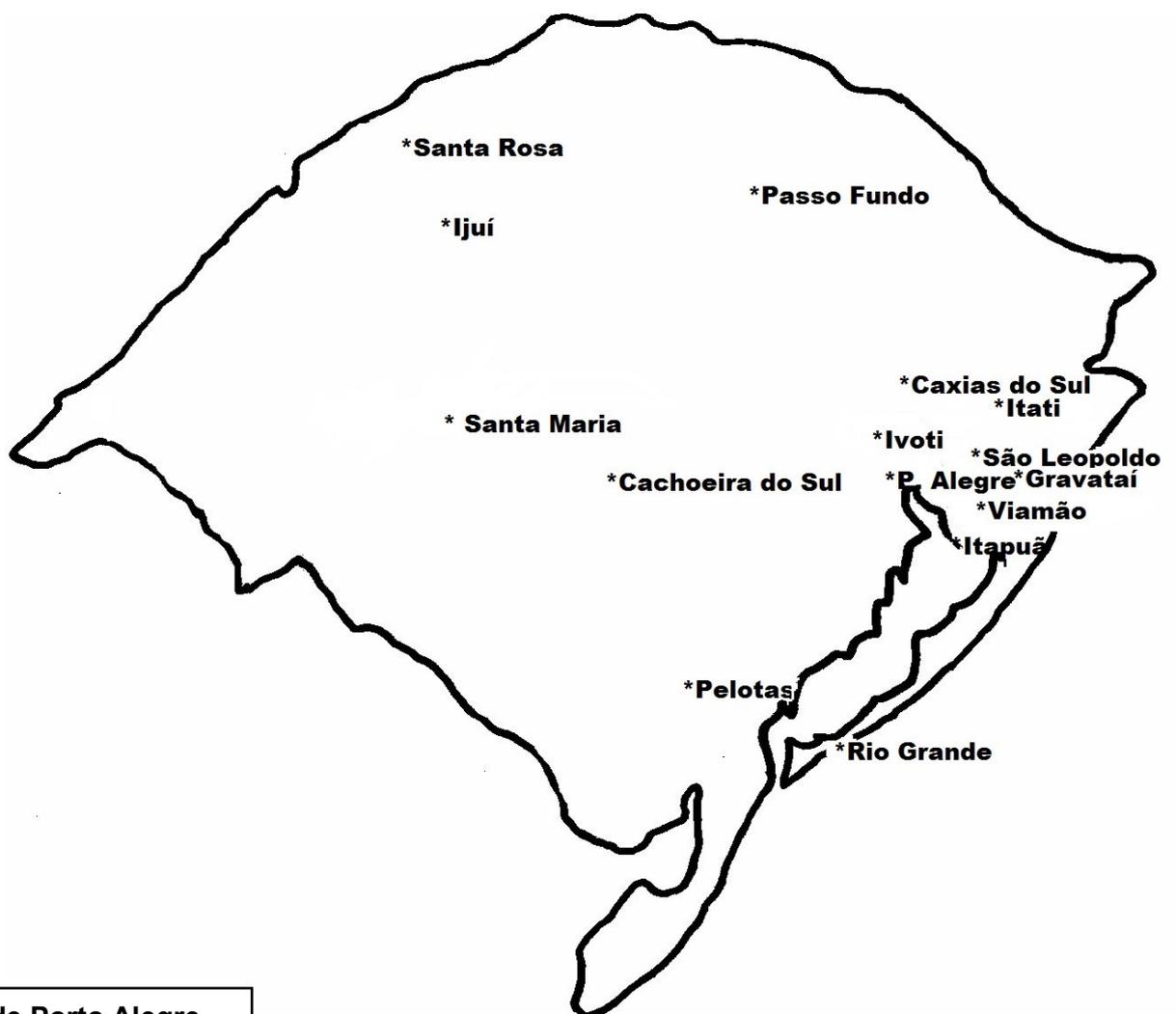
Para além dos insucessos relacionados à impossibilidade de projetos no campo agrícola e quebra de contratos nas fazendas por parte dos arrendatários, os japoneses tiveram que lidar também com problemas relativos à alimentação, tal como o vivenciado pelos imigrantes da fazenda de São Pedro, localizada a 70 km de Uruguaiana, que haviam chegado em 1957. Estes, depois de oito meses, se retiraram desta fazenda, alguns já subnutridos por desconhecerem o sistema alimentar brasileiro. Outra situação que implicou na saída destes imigrantes da fazenda de São Pedro foi o descumprimento do contrato de trabalho²⁵, por parte dos fazendeiros locais. No contrato estava previsto o fornecimento de implementos agrícolas, como máquinas, tratores, ceifadeiras, no entanto, os brasileiros forneceram apenas enxadas para o trabalho (FLORES, 1974).

Como podemos observar, durante a década de 1950, diversos desembarques foram efetuados no estado do Rio Grande do Sul. Entre 1955 até abril de 1963, data da chegada do navio Africa Marú, o último a trazer imigrantes, contabilizam-se 27 viagens de japoneses vindos diretamente do Japão com desembarque no porto da cidade de Rio Grande, além de tantos outros que desembarcaram em Santos/SP e vieram de lá para o Rio Grande do Sul em busca de uma nova vida.

²⁵ No Rio Grande do Sul, os imigrantes eram encaminhados pelo Serviço de imigração e pela JAMIC, que orientava e coordenava o fluxo, direcionando-os as fazendas. Nestes locais, os contratos de trabalho compreendiam 4 anos e em caso de descumprimento por parte dos proprietários os imigrantes eram encaminhados para outras localidades (FLORES, 1974).

Na atualidade, a principal concentração de famílias japonesas ocorre em quinze localidades do estado: Ivoti, Itati, Gravataí, Ijuí, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, São Leopoldo, Viamão, Itapuã e Porto Alegre (GAUDIOSO, 2006). Na figura abaixo apresentamos a localização em um mapa em que é possível visualizar as comunidades acima citadas, tendo como referência a capital do Rio Grande do Sul Porto Alegre.

1. Mapa contendo a localização das principais comunidades japonesas do Rio Grande do Sul.



*Ivoti- 66 km de Porto Alegre.

No que diz respeito às comunidades nomeadas colônias, no estado do Rio Grande do sul, existem três que são constituídas como tal: Ivoti, Itati, Itapuã. Atribui-se esta diferenciação, pois a maioria dos nipo-brasileiros reside em bairros ou

municípios junto à comunidade brasileira, de modo que não caracteriza a colônia propriamente dita. Sendo que as formas de organização que os identifica e reúne, se dá por meio de associações formadas por compatriotas denominadas *nihonjin-kai*, estabelecidas conforme a região promovem entre eles as atividades culturais e identitárias da sua etnia (GAUDIOSO, 2006).

Em contrapartida, a característica marcante das colônias é o fato das famílias possuírem residências próximas e atuarem de forma cooperativa, visando o bem comum. Cada colônia tem suas particularidades no que se refere à construção histórica, e o conhecimento deste processo nos traz uma dimensão para compreender como nestes espaços, onde as famílias se desenvolveram mesmo que de forma mais fechada, foram estabelecidos contatos culturais com o povo brasileiro.

As colônias japonesas do Rio Grande do Sul, atualmente cidades de Itati e Itapuã, além de Ivoti que é o objeto central do estudo, foram criadas entre os anos finais da década de 1960 e início de 1970. A primeira fica localizada no vale do rio Três Forquilhas, próxima a cidade de Terra de Areia, e a de Itapuã pertence a Viamão. Ambas no momento de sua criação estavam destinadas a famílias que, ao ocuparem as terras deveriam se dedicar a agricultura.

A 150 quilômetros de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, situa-se a Colônia Japonesa de Itati, localizada na região colonizada em 1826 por imigrantes alemães. A história desta colônia parte do ano 1967, na antiga Vila de Itati, que no referido ano era integrada ao município de Osório. Nesta localidade, estabeleceram-se oito famílias pertencentes a corrente imigratória vinda diretamente do Japão para o Rio Grande do Sul.

No entanto, as famílias antes de fixarem-se em Itati, trabalharam por um período em granjas dispersas nos arredores de Porto Alegre e Gravataí. Após perceberem que o cultivo de verduras não compensava, procuraram terras propícias para a plantação de frutas. Esta busca resultou na compra de lotes pertencentes a cinco proprietários de Itati, tais terras eram originárias de um antigo sítio da região, o “Sítio da Figueira” (FLORES, 1974; GAUDIOSO, 2011).

Após a chegada da família Aso, pioneira em Itati, logo novas famílias tomaram a mesma iniciativa, que segundo Muller (1993, p.6) “situação que não chocou a população local”. Embora os novos habitantes da região, tenham chamado a atenção pela feição, olhos e cor, pela cultura oriental e alimentação típica que os distinguia, foram bem recebidos (MULLER, 1993).

Não obstante, no território brasileiro pairava a ideia que o imigrante japonês seria inassimilável, porém a convivência com a sociedade de Itati revelou o oposto. Aos poucos demonstraram serem possuidores de uma grande capacidade para suportar dificuldades e assimilar muitos dos hábitos e costumes do povo do Vale de Itati, dos quais não tinham qualquer conhecimento. Conforme foram diminuindo as limitações da língua portuguesa, buscaram saber onde havia nas proximidades, uma boa escola onde pudessem matricular os filhos, pois traziam como parte de sua cultura essa preocupação com a educação.

Em Itati, o fator miscigenação, mesmo não pensado em um primeiro momento pelos japoneses, por preferirem que os seus filhos mantivessem seus traços físicos e raízes orientais, acabou ocorrendo. Este processo deve-se, sobretudo, porque no dado período, desviar-se deste tipo de interação interétnica seria algo um tanto complicado, pois viviam em uma colônia com apenas uma dezena de famílias.

Além da questão ligada ao pequeno contingente para a escolha de “possíveis” esposos ou esposas, os matrimônios interétnicos ocorreram também por outra razão. Na década de 1960, quando os imigrantes japoneses ocuparam as terras de Itati, o município era considerado como “Área de segurança nacional”. Como os imigrantes detinham a condição de estrangeiros, eles não podiam ser proprietários de terras na região. Para contornar esta situação, era necessária a integração dos imigrantes e seus descendentes na realidade sociopolítica brasileira.

De acordo com Muller (1993), a integração com a comunidade e o processo de naturalização dos japoneses se deu por meio do apoio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Essa interação trouxe maior liberdade aos então líderes das famílias japonesas que passaram a atuar de forma mais expressiva no cenário local, demonstrando efetivo trabalho em prol do desenvolvimento de Itati como um todo. Dentre as principais participações, destacamos as realizadas na Associação para o Desenvolvimento de Itati (ADITA), e nas atividades do Centro de Assistência Rural de Itati (CARI), a criação de uma cooperativa para a produção e comércio de flores, e no campo esportivo a Associação Cultural e Esportiva de Itati (ACEI) (MULLER, 1993).

Quanto à colônia de Itapuã, esta surgiu em 1974, quando vieram para o estado em busca de uma vida próspera e de oportunidades de emprego 19 famílias japonesas, as quais foram designadas para aquela região, a partir de uma política de desenvolvimento e ampliação da área agrícola do estado do Rio Grande do Sul,

no início da década de 1970. Como parte desta política, um total de 470 hectares de terra foi dividido entre as famílias, cabendo a cada uma 23 hectares em média. Uma vez efetivada a distribuição das terras, as famílias passaram a se dedicar principalmente a horticultura (GAUDIOSO, 2011).

Localizada ao sul de Viamão, para quem planeja acessar a colônia a partir de Porto Alegre, estão destinados 60 km da capital rio-grandense, sendo 47 quilômetros até a vila Itapuã, e mais 13 de uma rua estreita de terra, que vai da vila até a colônia japonesa, sendo que os últimos quilômetros possuem péssimas condições com acesso, principalmente para veículos menos preparados. Até mesmo o acesso de ônibus se apresenta como um recurso complicado.

A colônia em termos de território está numa área isolada, constituída por habitações rurais. Atualmente, o cultivo de verduras ainda é a principal atividade das famílias que residem no local, as quais são em sua maioria originárias da província de *Kumamoto*, no Japão. O trabalho destas famílias se dá a partir de uma cooperativa, que atende o comércio da região metropolitana de Porto Alegre, representando o papel de principal produtora de hortaliças do distrito de Itapuã (SZEVCYNSKI; WOLFF, 2016).

Delineados os contextos sociais e políticos que permearam a trajetória destas colônias, no contexto das práticas corporais, as colônias de Itati e Itapuã criaram espaços onde seria possível ocorrer os encontros de conterrâneos, a fim de manter as tradições e reforçar a identidade cultural japonesa. Destacamos em Itati a Associação Cultura-esportiva de Itati/RS (ACEI) e em Itapuã a Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI), ambas fundadas nos anos finais da década de 1980.

A ACEI foi idealizada em 03 de julho de 1987 (EMPRESAS DO BRASIL, 2015). Localizada na Rua Nestor Becker, S.N no centro do município de Itati é uma entidade de caráter cultural e esportiva, de direito privado e sem fins lucrativos (PREFEITURA..., 2013). Nesta associação, a prática do *Sumô* apresentou-se por meio do ensino desta arte marcial preservada e ensinada a outras etnias. Além da participação de atletas em competições como o 44º Campeonato Estadual de Sumô realizado em 2004 na cidade de Nova Petrópolis e posteriormente no 48º e 49º Campeonato Gaúcho da modalidade, respectivamente em 2008 e 2009, realizados nestas duas edições na cidade de Itati. Estes eventos contaram com a participação

de outras equipes além de Itati como a de Nova Petrópolis que venceu a competição (EQUIPE..., 25 de abr. 2008).

Em 2012, em reportagem do Programa Zona de Impacto da rede Globo, veiculado na SporTV foi apontado que os atletas da cidade de Itati, treinados pelo professor Jorge Yutaka Takimoto conhecido como “Botian” desenvolviam o *Sumô* no ginásio da ACEI. No período em questão, o *Sumô* era praticado por adultos e crianças em média cinco vezes por semana na cidade como parte da cultura japonesa, salientada na fala de Botian: “Como nós estamos a 40 anos aqui em Itati, essa cultura a gente cultiva ainda, que é a luta de *Sumô*. Em cima do *dohyo* simples que é este ringue” (HIGUCHI, 2011). Ainda como uma das formas de manter a cultura japonesa naquela localidade do sul do país, conforme aponta Muller (1993), a colônia japonesa de Itati além de ser muito ativa na sociedade itatiense, mantinha a prática de uma dança tradicional nomeada *Bon Odori* em homenagem aos antepassados (MULLER, 1993).

Na Colônia Japonesa de Itapuã, a Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI) localizada na Rua Yamato, nº 44, na sede campestre da Colônia Japonesa de Itapuã em Viamão foi criada em 29 de fevereiro de 1988 (EMPRESAS DO BRASIL, 2015). Segundo informações obtidas em 2016 por meio de diálogo com o representante da colônia, Kazuaki Kamitoyo, muitos dos moradores da colônia são idosos e praticam o *Gateball* na sede da ASERJI, bem como participam de campeonatos deste esporte em nível estadual e interestadual.

Diante deste contexto, em que abordamos a imigração japonesa no Rio Grande do Sul, foi possível elucidar algumas das motivações que levaram os japoneses a virem para o Brasil. Considera-se, portanto, a presença de interesses políticos circunscritos ao final do século XIX e início do século XX, advindos tanto do Japão que passava por uma reforma estabelecida durante o governo *Meiji*, quanto do Brasil que tinha dentre seus interesses atender a demanda de expansão do setor cafeeiro no país.

A vinda dos imigrantes para o país, mesmo diante de relatos de discriminação e diferenças identitárias culturais pode ser vista como um processo constante de renegociação e adaptação de costumes e valores que se refletiu tanto na estrutura familiar como sociocultural. Ao levarmos em conta as mudanças alimentares, os casamentos interétnicos e a necessidade de criação de associações voltadas ao encontro de conterrâneos e a reinvenção de muitas das práticas corporais por eles

realizadas, percebemos que estes foram os mecanismos encontrados como elemento de afirmação da identidade e da continuidade da história deste grupo étnico em solo brasileiro e sul-rio-grandense ao longo de décadas, constituindo assim um contexto particular da comunidade nipo-brasileira presente em diferentes regiões do estado, tal como ocorreu em Ivoti. Deste modo, as principais características da comunidade japonesa em tal localidade ganhará destaque no capítulo seguinte, levando em conta o período em que estabeleceram no Rio Grande do Sul no final da década de 1960.

5. A COLÔNIA JAPONESA E A CIDADE DE IVOTI

O primeiro nome dado a atual “Ivoti” vincula-se a sua história como uma cidade de colonização alemã. As primeiras famílias desta etnia instalaram-se no ano de 1826 em 48 lotes de terra distribuídos ao longo do Arroio Feitoria e da antiga “Colônia de Bom Jardim”. Inicialmente, construíram formas de moradia mais rudimentares como choupanas de palha, que aos poucos foram substituídas pelas construções estilo enxaimel²⁶ (DHEIN, 2012).

Nos primórdios da colonização, a localidade que futuramente daria origem ao Município chamava-se “*Berghantall*” ou “*Berghanschneis*” – Vale ou picada dos Berghan em referência a primeira família que chegou a cidade. Este nome perdurou de 1828 a 1867, quando passou a se chamar Bom Jardim. Foi então que, em 1938 o município foi batizado com seu atual nome, Ivoti, palavra indígena derivada do tupi-guarani que significa flor. Sendo, portanto, este o motivo de Ivoti ser conhecida também como cidade das flores (IVOTI..., 17 out. 1995).

No entanto, diferentemente da maioria dos municípios da região, onde é predominante a colonização alemã, Ivoti foi constituída também por imigrantes japoneses que se instalaram no Vale das Palmeiras (NETO; BEZZI, 2008). A Colônia Japonesa de Ivoti, localizada a 66 quilômetros de Porto Alegre foi fundada em 1966 e, no referido período, contou com apoio do governo japonês que financiou a vinda de imigrantes para aquela localidade, que foi escolhida por ter o clima temperado, o que beneficiaria o plantio de árvores frutíferas.

As primeiras negociações para o seu estabelecimento iniciaram na década de 1950, por tentativa de imigrantes japoneses. Foi feita uma proposta para estabelecer uma parceria entre 20 alunos da escola técnica da faculdade de Agronomia de *Kagoshima* (Japão), e as terras que eles possuíam na região metropolitana de Porto Alegre. Devido ao fato de não haver, na época, o consulado japonês em Porto Alegre, e ao tempo referente a quatro anos para aprontar a documentação requerida pela emigração dos alunos, acabou ocorrendo a desistência da maioria destes, emigrando em 1959 apenas 3 dos que estavam previstos (FLORES, 1974).

²⁶ Enxaimel é um a técnica de construção a partir de tramos de madeira, encaixados entre si (sem pregos) que tinham função estrutural; os vãos resultantes da estrutura de madeira eram preenchidos com adobe, taipa, tijolos, e em sua maioria ficavam aparentes (não era utilizado reboco). Dessa maneira, essas construções caracterizaram-se por ter uma aparência plástica marcante que é conferida pelo ritmo criado pelas peças de madeira em suas fachadas, transmitindo então, uma forte identidade visual (GILSON, 2013).

Os imigrantes japoneses no Rio grande do Sul, nesta época dedicavam-se principalmente a produção de verduras e legumes. Como a produção era gerenciada pelas demandas dos consumidores e sujeita a queda de preço na época da safra, o grupo de agricultores começou a estudar novas atividades que dessem maior garantia a produção. A partir disto, foi proposta a fundação de uma colônia, que tivesse uma cooperativa com condições de levar os produtos aos centros consumidores. Para tanto, chefes de 26 famílias após reunião chegaram a conclusão que deveriam procurar terras para fruticultura. Nesta busca por terras, viajaram para os municípios de Triunfo, Santo Antonio, Osório, Caí e Estância Velha. O encontro da nova terra se deu no município de Ivoti, local em que adquiriram 160 hectares, total de 6 propriedades de teuto-brasileiros (FLORES, 1974).

As primeiras famílias a formar a Colônia Japonesa de Ivoti eram procedentes das colônias de Gravataí e Viamão, sendo que o primeiro a chegar foi o agrônomo e professor Toyohiko Sasada, acompanhado pela esposa Masako e os filhos pequenos Naoko e Koji em 1966 (RANFT, 1987). Após acomodar a família em uma casa emprestada por lenhadores que exploravam as matas de acácia, posteriormente, Sasada, assim como os imigrantes alemães que chegaram a região construiu uma moradia rudimentar que consistia de um galpão provisório, utilizando as madeiras existentes no local. A vinda dos demais procedeu, e o auxílio dos que já tinham casa era imprescindível, pois estes iam hospedando por algum tempo os recém-chegados até que pudessem construir suas residências. Como não havia estradas na área destinada à colônia, era necessário que houvesse um acesso minimamente transitável até as residências. Para tanto, cada família se organizou no sentido de contribuir com uma quantia para alugar uma patrola junto à prefeitura de Ivoti ao custo na época de 30,00 cruzeiros por hora (FLORES, 1974).

Passados os primeiros anos, os japoneses passaram a desempenhar um importante papel no desenvolvimento de Ivoti. Com trabalho, a colônia japonesa se desenvolveu rapidamente. Logo, o modo de produção destes imigrantes passou a contribuir para a economia do município. A colônia de Ivoti apresentou um crescimento invejável, tanto social como economicamente. Tornando-se um dos esteios da economia ivotiense, a partir dos hortifrutigranjeiros produzidos na colônia que passaram a ser consumidos nas cidades vizinhas e apreciados pela qualidade.

Apesar de todo destaque econômico, a partir da década de 1980 algumas dificuldades tiveram de ser enfrentadas levando parte da população a se mudar para

o Japão em busca de novas condições de vida, pois por um longo período as uvas foram o ponto forte da economia na colônia. No entanto, com o crescimento da cultura da uva em todo o Brasil, principalmente no Paraná, o preço caiu bastante. Esse declínio contribuiu para que muitos jovens migrassem para o Japão em busca de novas oportunidades de estudo e de emprego que melhorassem a vida econômica (OS DEKASSEGUI, 12 jun. 2008).

Tendo em vista este novo comportamento na comunidade da colônia, a grande maioria dos *nissei* conseguiu formar-se na faculdade e, abandonaram a terra para assumir uma profissão liberal, outros continuaram investindo e venceram os obstáculos enfrentados por seus pais no passado. Além disto, houve uma mudança na mentalidade ao longo das gerações, pois enquanto a primeira geração veio ao Brasil em busca de prosperidade, alguns *nissei* e *sansei* não tinham impedimentos maiores de retornar ao Japão, como ocorria no período da Segunda Guerra, por isso, tornaram-se *dekassegui*²⁷, ou seja, voltaram ao Japão para trabalhar. Ficavam por um tempo lá e posteriormente retornavam para o Brasil (COLÔNIA JAPONESA..., jun. 2008).

As pessoas que migraram para o Japão sentiam-se melhor morando no Brasil, porém permaneciam lá, apenas por questões econômicas. Podia-se ganhar lá em um mês o que se ganhava Brasil em um ano. Porém, a pressão social era muito forte, evidenciando-se racismo contra os *dekassegui*. Racismo este, que segundo Sr. Satoshi, um dos moradores mais antigos da colônia relatou em entrevista ao jornal o Diário (2002), no Brasil não existia preconceito nem contra os descendentes e nem contra os japoneses, principalmente em Ivoti.

Para Satoshi, no Brasil existia um *marketing* positivo em cima dos japoneses, pois sempre se esperava algo de bom deles:

“A colônia funciona como um outro bairro da cidade. Apesar de manter vivas as tradições japonesas. São comuns atividades esportivas, culturais e sociais que visam promover a integração na colônia. “Afim, os japoneses antigos nasceram no Japão” (NA COLÔNIA JAPONESA..., 18 out. 2002, pg.17).

²⁷ Dekassegui, literalmente, é o trabalhador que sai de sua região. O termo pode ser utilizado dentro do Japão para os trabalhadores que saem de sua cidade, como aqueles que saem do país em trabalho temporário (CRAVO; SOARES, 2009).

As famílias que permaneceram em Ivoti, ou administravam o dinheiro enviado pelos parentes que trabalhavam no Japão ou mudaram o ramo de produção agrícola por outras atividades, expressadas pela diversidade de formação que os filhos dos primeiros imigrantes alcançaram tornando-se médicos, engenheiros, dentistas e contabilistas (NA COLÔNIA JAPONESA...., 18 out. 2002).

Contudo, é necessário mencionar que o efeito do fenômeno *dekassegui* atingiu tanto a estrutura familiar quanto os aspectos organizacionais das colônias e das comunidades de nipo-brasileiros como um todo. Gaudioso (2011) infere que além do afastamento geográfico houve um recuo linguístico entre as gerações “dificultando o diálogo, as relações familiares, além do enfraquecimento da cultura de origem por desconhecimento entre gerações seguintes” (GAUDIOSO, 2011, p.7). Além da saída temporária de homens e mulheres mais jovens da colônia, mais um aspecto que interferiu neste processo foi a diminuição dos japoneses de primeira geração, os *issei* que em decorrência de seus falecimentos enfraqueceram a transmissão dos valores culturais do país de origem.

No que tange as questões culturais, estas não foram deixadas de lado no decorrer das gerações. Como referência, podemos citar a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti e o Memorial da colônia que buscam manter vivas as memórias do povo japonês (A INFLUÊNCIA..., 20 out. 2000). Assim, para manter as tradições e costumes vivos e ativos, era imprescindível o trabalho realizado dentro das próprias famílias por meio da preservação de hábitos como o ler livros e revistas, assistir a noticiários de canais japoneses, além de preservar a alimentação tradicional e a participação em atividades culturais e aulas diversas (SCHAUMLOEFFEL, 2016).

Através das fontes impressas como os jornais locais de Ivoti, a saber: Jornal de Ivoti e Jornal Livre Expressão, percebemos, em um primeiro momento, que as reportagens abordavam esta comunidade e suas atividades de forma discreta. Tal situação, parece ter se modificado a partir da criação de um projeto de cunho cultural, instituído no ano 2011, conhecido como Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti. O surgimento deste projeto se deu a partir do interesse cultural que despertava em muitas pessoas que visitavam a cidade de Ivoti, já que esta possui elementos bem destacados da presença cultural herdada dos imigrantes alemães, que colonizaram a região no século XIX. Sendo assim, como ainda mantinham uma colônia japonesa a poucos quilômetros do centro da cidade? Era possivelmente esta

possibilidade de contato com uma cultura oriental, com aspectos diferentes da brasileira, que chamava a atenção dos visitantes (DILLY; GEVEHR, 2014).

A partir disto, os moradores da Colônia Japonesa passaram a perceber o nível de importância que tinham, e que sua cultura devia ser colocada “na vitrine” para que pudessem estabelecer uma maior interação com outras pessoas e culturas. Segundo os autores Dilly e Gevehr (2014), de certo modo, o grupo que ali vive se encontrava em situação de “abandono cultural”, pois em sua própria concepção acreditavam que, pelo fato de a cidade de Ivoti ter sua identidade cultural germânica fortemente estabelecida, sua trajetória de imigrantes japoneses, de fato bem mais discreta, pudesse também ser valorizada. E, assim perceberam que poderiam fortalecer a memória oral do grupo, restabelecer o contato com os objetos utilizados para o trabalho pelas primeiras famílias que ali se situaram, e que representavam seu dia-a-dia, sua ligação com a terra, seus afazeres domésticos, hábitos alimentares, e práticas voltadas ao corpo (DILLY; GEVEHR, 2014).

O acervo exposto no Memorial da Colônia Japonesa foi doado pelas famílias de origem japonesa que vivem em Ivoti e inclui louças, vestimentas, documentos e ferramentas, relíquias deixadas como herança da imigração japonesa para o Rio Grande do Sul (FEIRA DA COLÔNIA..., 28 mar. 2014).

Junto a sede do Memorial da Colônia Japonesa, voltada aos mesmos propósitos, que visam cultivar os aspectos culturais e sociais esta colônia possui a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACEBN), cuja diretoria é renovada todos os anos e se encarrega de representar todo o grupo perante a sociedade. Fundada em 1981, está vinculada à Associação de Assistência Nipo-brasileira do Sul (ENKYOSUL), e ocupa um espaço que antes se chamava apenas de Clube de Japoneses (ASSOCIAÇÃO CULTURAL..., 2016).

Essa entidade difunde e preserva a cultura e as tradições japonesas, promovendo atividades nas quais todos podem participar. Dentre as quais está o *Judô*, *Sumô*, *Gateball*, *Enguekai*, e outras tradições com décadas de história como o *Undokai*, uma gincana esportiva familiar que visa reforçar as relações entre as famílias que normalmente ocorre em abril. A festa de ano novo (*shogatsu*) também é um importante evento de integração de todos os moradores da Colônia (DILLY; GEVEHR, 2014).

Conforme os tramites legais, desde o ano 1988 lhe foi conferida junto ao Conselho Regional de Desportos do Rio Grande do Sul, com fundamento no decreto

nº 80. 228 e de acordo com a deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 08 de 82, autorização para funcionar como entidade desportiva (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 1988).

Segundo informações disponíveis em uma matéria de 1995, no Jornal Livre Expressão, a ACENB desde o momento de sua idealização constituiu-se de um centro de integração para a comunidade. A associação mantinha um prédio anexo, onde se encontrava um gabinete odontológico, sala para atendimento médico, biblioteca e salas de aula para o estudo da língua japonesa. A associação oferecia ainda uma academia para o aprendizado e prática de judô, e possuía um local destinado a exposições culturais e festas. No mesmo local, se encontrava também uma cancha de *Gateball*, que na década de 1990 era praticado principalmente aos domingos à tarde, contando com a participação dos idosos da comunidade, que ali se encontravam para seu lazer e diversão, integrando-se com as gerações mais novas. Contudo, um morador da colônia Kuniharu Orita, que foi entrevistado por este jornal explicitou o quanto julgava importante esta integração, pois presenciava casos em que as pessoas de idade encontravam-se esquecidas por suas famílias, “geralmente discriminadas, ao ponto de se acharem inválidas, às vezes se embebedando nos balcões dos bares” (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan.1995, pg.9).

Em um dos *banners* de divulgação expostos no Memorial da Colônia Japonesa encontramos imagens de adultos e crianças praticando o *Sumô*, e abaixo destas informações que confirmam as práticas citadas acima, eram citadas outras que compõem parte da rotina da comunidade:

A colônia japonesa sempre foi culturalmente muito ativa. Aqui acontecem o Undokai, que é uma gincana esportiva e o Engekai, um festival cultural com música, dança e Karaokê em japonês. Para os jovens que completam 20 anos também sempre é feita uma comemoração registrando a passagem da adolescência para a vida adulta”. Há no grupo praticantes de Gateball e softball. Há ainda a preocupação em preservar a técnica do origami, dobradura com papel. A festa de Ano Novo também é um importante evento de integração de todos os moradores da Colônia, na qual é tradicionalmente feito o “Mochi Tsuki” (doce de massa de arroz com recheio de feijão). Na colônia japonesa de Ivoti havia ainda a prática de Sumô e

Judô, além de uma escola de língua japonesa (SOCIAL..., 2016).

Encontramos também exposto em mostruário do Memorial da colônia de Ivoti, materiais esportivos doados pelas famílias de origem japonesa residentes na colônia, como raquetes decoradas chamadas *Hagoita*. Estas raquetes eram utilizadas em uma prática recreativa comum entre os japoneses, o *Hanetsuki*, que semelhante ao *badminton* era realizada normalmente na passagem do ano novo, bem como encontramos materiais de *Softball* como tacos, luvas e bolas.

Ao mesmo tempo em que as práticas corporais de ascendência japonesa encontram-se presentes na colônia, outras como o futebol que possui uma representação muito forte como preferência dos brasileiros também apareceu como uma prática realizada pelos moradores da colônia. Esta informação apareceu em uma partida disputada entre dois times de futebol da Colônia Japonesa de Ivoti em triangular com time da colônia de São Leopoldo. O jogo ocorreu no ano de 1985 em Sapucaia do Sul no campo da empresa Kurashiki e foi promovida pela ENKYOSUL. Em nota, o jornal de Ivoti reforçou: “Cada vez mais os nipônicos estão aderindo ao futebol, que é a grande paixão de milhares de brasileiros e de tantos outros povos do mundo” (A COLÔNIA JAPONESA..., 1ª quinzena, nov.1985).

Vale mencionar que o *Karaoke*²⁸ também encontrou espaço como um dos elementos culturais preservados. No dia 5 de outubro de 1985, foi realizada pela primeira vez na Colônia Japonesa uma competição entre 12 homens e 12 mulheres. Estes se apresentaram para cantar de forma individual tendo como repertório músicas populares japonesas. Nesta data também ocorreram apresentações de danças típicas japonesas (O PRIMEIRO KARAOKÊ..., out. 1985). Nesta mesma direção, dez anos depois foi realizada uma festa no salão de festas da ACENB, referenciada como um importante momento para promover a integração entre os imigrantes japoneses e brasileiros, como parte das comemorações pelos 100 anos

²⁸ Karakê (カラオケ) é uma palavra japonesa. É uma mistura de duas palavras – kara (“vazio”) + oke de “okesutura” (abreviação de “orquestra”). É um passatempo muito apreciado no Japão, onde cantores amadores cantam junto com uma música gravada instrumental. O Karakê surgiu na década de 70 e passou por muitas evoluções nessas 40 décadas. O karakê dá oportunidade às pessoas de se sentirem como cantores profissionais, mesmo que acompanhados de um microfone e com uma ajudinha de uma “orquestra eletrônica”. Fonte: Karaoke no Japão (<http://www.japaoemfoco.com/karaoke-no-japao/>).

de amizade entre Brasil e Japão. Neste evento, apresentações culturais como o karaokê e as danças típicas puderam ser apreciadas (KARAOKÊ..., 5 set. 1995).

No que se refere a preservação dos espaços utilizados pelos moradores da Colônia Japonesa, a prefeitura de Ivoti realizou obras relacionadas ao lazer na localidade, principalmente na década de 1990. Essas benfeitorias foram reivindicadas pela ACENB da Colônia de Ivoti ao então prefeito Paulo Buchmann. “Foi drenado o campo de futebol, para que não alagasse mais quando chovesse, e recuperados uma praça destinada a esportes de origem nipônica, muito praticado pelos descendentes japoneses de Ivoti” (COLÔNIA JAPONESA RECEBE MELHORIAS, 20 jun. 1996, pg.6).

A Colônia Japonesa como mais uma forma de divulgar sua cultura, desde o ano de 2012 passou a realizar uma feira. As atrações incluem pratos preparados de forma típica no Japão como peixe assado no bambu entre outros produtos como *sushi*, *yakissoba*, *harumaki*, *guiozás*, doces, artesanatos, flores e frutas. A feira também abre espaço para divulgar o *Sumô*, que na edição do dia 30 de março de 2014 foi divulgado a partir de um campeonato que incluiu 150 lutas ocorridas durante o dia (FEIRA NA COLÔNIA, 31 mar. 2014). A cooperativa de Produtores e Agroindustriais de Ivoti (PROAGRII) também expõe seus produtos coloniais como Paes, roscas, queijos e verduras. Ao todo são vinte produtores. Com esta mescla das culturas alemãs e japonesas, o evento, que sempre acontece no último domingo de cada mês (FEIRA DA COLÔNIA..., 28 mar. 2014).

Outro aspecto que pode ser observado é a estreita relação entre a Colônia Japonesa de Ivoti e o Japão. Em reportagem do jornal Livre Expressão, estudantes e produtores agrícolas da província de Shiga²⁹, no Japão, visitaram Ivoti e foram recebidos na prefeitura pelo então vice-prefeito Flávio Klein. Na prefeitura, os visitantes japoneses falaram um pouco sobre sua terra natal e relataram algumas

²⁹ A província de Shiga esta localizada na parte central do Japão, ao norte de Kyoto, antiga capital do país e as margens do Rio *Biwa*, o maior lago japonês de água doce. A existência deste lago em Shiga e das Lagoa dos Patos (maior do Brasil) é um símbolo de irmandade entre Estados. Em torno de 12 mil brasileiros estão registrados na província que possui mais de 1,37 milhões de habitantes. Outra marca de acordo entre Rio Grande do Sul e Shiga esta presente no jardim japonês – “Praça Shiga, doado a Porto Alegre. Já o município de Ivoti que possui a maior colônia de japoneses do Estado recebeu de Shiga vários artigos para o Memorial (COMITIVA JAPONESA...6 fev 2013). Shiga é estado co-irmão do Rio Grande do Sul. Essa irmandade foi conseguida em 1983, quando o Governador Amaral de Souza visitou aquele país. Essa co-irmandade significa um intercâmbio entre Shiga, no Japão, e o Rio Grande do Sul (CALDAS, 1991).

impressões sobre o Brasil. Logo após foram recebidos na ACENB onde foi oferecido um almoço de confraternização (MISSÃO JAPONESA..., 12 dez. 1995).

De igual maneira, momentos como este foram observados no ano de 2013, quando ocorreram visitas da comitiva da província de Shiga com o propósito de estreitar relações com o município. O grupo foi recebido pelo governador Tarso Genro no Palácio do Piratini, com intuito de afirmar o acordo de fraternidade firmado entre os governos do Rio Grande do Sul e Shiga em 1980. O chefe de Planejamento da Seção de Relações Internacionais de Shiga, Keiji Hayashi, e o diretor da Seção de Relações Internacionais da província, Takashi Ozawa e demais integrantes foram recebidos em Ivoti no gabinete do prefeito Arnaldo Kney. “A partir da retomada da parceria com o Estado, a comitiva também veio conferir o acervo doado e conhecer melhor nossa colônia japonesa”, destacou Arnaldo. Após a recepção, a comitiva visitou o Memorial da Colônia Japonesa (COMITIVA..., 6 fev. 2013).

As visitas do Cônsul do Japão eram entendidas como uma parceria entre Japão e a “cidade das flores”, significando o intercâmbio entre as culturas japonesa e brasileira. Quando da visita das comitivas, havia sempre a presença de representantes da ACENB. Além do mais, reforçava a parceria considerada importante tanto para a Colônia Japonesa quanto para o município e visavam manter uma comunicação fraterna, saudável, que gerava de igual maneira investimentos do governo japonês, em especial na área da saúde, pois aparatos adquiridos pelo hospital de Ivoti como aparelhos de exames de mamografia, arco cirúrgico para cirurgias de traumatologia de pequeno porte e mais um aparelho para exames de ecografia, eram “todos frutos desta parceria com o consulado” (VISITA DE CÔNSUL, abr. 2013, p.20).

De forma geral, o estabelecimento da Colônia Japonesa foi um acontecimento marcante na história do município. Como vimos anteriormente, por mais de um século, a população da cidade era quase exclusivamente formada por imigrantes de origem alemã. No entanto, em termos de proporção, alcançou o posto de uma das maiores colônias formada por imigrantes japoneses no Estado do Rio Grande do Sul (GAUDISOSO, 2011). A representação desta comunidade, como uma das maiores colônias do Estado esta pautada em um primeiro momento no número de famílias, pois como é possível observar, na época referente ao estabelecimento da colônia o número de famílias correspondia a 26 e no ano de 2013 cerca de 50 famílias residiam na localidade (MEMORIAL..., 18 de out. 2013).

De acordo com a trajetória destes imigrantes, aqui relatada, é possível perceber que a cultura deste grupo de imigrantes mesmo diante das dificuldades enfrentadas nos primeiros tempos não se perdeu com o movimento migratório, antes disto, este grupo por meio do cultivo de um conjunto de práticas culturais buscou diferenciar-se dos outros grupos étnicos que compunham a sociedade na qual estavam inseridos. Importa ressaltar que, os contatos culturais entre japoneses e brasileiros tenham provocado transformações e a necessidade de adaptação, de reinvenção desta cultura, o que desta forma os auxiliava a se reafirmar em solo étnico de diferente origem. Esta observação vai ao encontro do que afirmam Santos, Doll e Gaudioso (2003):

“transcorridos tantos anos do estabelecimento dos japoneses no Brasil e, especificamente, na colônia de Ivoti, percebe-se que o japonês transformou muitas coisas na cultura brasileira, da mesma maneira que a sua cultura nipônica foi modificada. Mesmo existindo ainda algumas dificuldades, percebemos que o japonês conseguiu criar e administrar o seu espaço na cultura brasileira” (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003, p. 54).

Ainda nesta direção (GOULART, 2008) ressalta que os japoneses da colônia japonesa de Ivoti marcaram a região do Vale dos Sinos com sua cultura por meio dos costumes, folclore e o cultivo das flores e, com o passar do tempo foram adotando elementos da cultura brasileira e sul-rio-grandense. A combinação de elementos das duas culturas, como churrasco e sushi, chimarrão e chá verde e as bandeiras do Brasil e do Japão em festividades, depois de décadas passaram a ser “ingredientes inseparáveis e indispensáveis para as 58 famílias que viviam na colônia japonesa”, no ano de 2008, em que já comemoravam o centenário da imigração no Brasil (GOULART, 20 jun.2008, p.10).

O capítulo seguinte se destina a apresentar alguns resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, realizadas durante o processo de coleta de fontes, quanto às práticas corporais de ascendência japonesa desenvolvidas no estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Ivoti. Ao trazer tais práticas, buscamos tanto descrever seus processos históricos como discutir e relacionar os elementos culturais presentes em cada uma delas.

6. AS PRÁTICAS CORPORAIS JAPONESAS EM IVOTI

Com relação aos imigrantes japoneses e seus descendentes, estes ao se integrarem a sociedade brasileira, passaram a difundir suas tradições. Na atualidade, o estado do Rio grande do Sul possui um número considerável de práticas que demonstram a comunicação estabelecida entre a cultura japonesa e brasileira, evidenciadas principalmente pelas artes marciais como, *Karate-do*, *Kyudo*, *Aikido*, *Judô*, *Sumô* e *Kendo* que possui reconhecidos *dojo* no estado a exemplo do Instituto *Niten*. Práticas estas que tem estado presentes não somente nos núcleos de colonização, mas também em associações e clubes de diversas cidades do estado.

No entanto, as contribuições trazidas pelos imigrantes japoneses, quando pensadas além das artes marciais envolve práticas popularmente reconhecidas entre os descendentes e que ainda hoje são identificadas como "esporte de japonês". Este é caso do beisebol, que embora tenha chegado ao Brasil por volta de 1901, por intermédio dos norte-americanos, a continuidade desta prática no Rio Grande do Sul, e em solo brasileiro como um todo se deve aos nipo-brasileiros (SUZUKI, MIRANDA, 2008).

Complementarmente, podemos citar práticas não tão conhecidas pelos brasileiros, ao menos não como o nome original, como *Radio Taissô*, que consiste de uma ginástica rítmica radiofônica, realizada em locais onde as colônias japonesas estão em maior concentração, em empresas na forma de laboral ou nos chamados *Kaikans* (clubes de encontro para japoneses e descendentes). Da mesma forma, há a prática do *Gateball* que juntamente com o *Radio Taissô*, ou somente *Taissô* (ginástica) atingem um contingente maior de praticantes idosos nas colônias (SUZUKI; MIRANDA, 2008; SILVA, 2012).

Este breve levantamento vem reforçar a presença da tradição japonesa, que tem se mantido viva desde a época da fundação das colônias no Rio grande do Sul, apesar do processo de contato cultural experienciado por este povo no processo de adaptação a cultura ocidental e em específico a sul rio-grandense.

Embora tenhamos citado anteriormente inúmeras práticas corporais desenvolvidas no Rio grande do Sul, ao buscar os primeiros indícios das práticas desenvolvidas na colônia japonesa de Ivoti podemos perceber que apenas algumas delas estão presentes nesta localidade. A partir disto, na tentativa de posteriormente compreender historicamente o cenário das práticas nesta comunidade,

descreveremos nas páginas seguintes os principais aspectos e a trajetória de cada uma delas. As práticas em questão foram organizadas em ordem alfabética, seguindo a seguinte ordem: *Gateball*, *Judô*, *Odori*, *Sumô* e *Undokai*.

a) Gateball

As primeiras manifestações do *Gateball*, esporte criado no Japão por Eiji Suzuki, surgiram em 1947 após o término da segunda Guerra Mundial, na cidade de Memuro no Japão. Em um primeiro momento, esta prática, que se assemelha ao tradicional jogo inglês “*Cricket*”, segundo a proposta inicial Suzuki estaria voltada a promover momentos em que as crianças pudessem desfrutar de brincadeiras divertidas que tirassem o foco dos abalos sofridos pela derrota na guerra. Surgia então o *Gateball*, que chamado pelos japoneses por “*getoboru*” não necessitava de muito equipamento e nem de amplos espaços físicos, adequando-se a realidade territorial do Japão que possui pouca área e grande população (UCGB, 2014).

Contudo, por ser uma prática simples, aos poucos se tornou uma atividade de lazer especialmente para pessoas da terceira idade, estando, portanto associada a uma das imagens mais difundidas sobre a velhice no Japão até os dias de hoje (TRAPHAGAN, 1998). Nos fins dos anos 80, o *Gateball* começou a se difundir na ilha de *Kyushu*, e rapidamente se espalhou por todo Japão.

Esta afirmação baseia-se na repercussão alcançada por esta prática em 1986. No ano em questão, a rede de televisão estatal japonesa, *Nippon Hōsō Kyōkai* (NHK) exibiu em caráter especial, uma série dividida em nove partes sobre o *Gateball*. Os episódios versavam sobre as regras do jogo e instruções sobre técnicas e estratégias. Acompanhando esta série de televisão, ainda foi disponibilizada uma revista que as pessoas podiam usar para seguir a série de forma progressiva e estudar as informações apresentadas em cada episódio. De forma ilustrativa, a capa da revista mostrava uma mulher em torno dos vinte anos jogando *Gateball* junto com uma adolescente, um homem de meia-idade, uma mulher de meia-idade e um homem com idade aparentemente bem mais avançada (TRAPHAGAN, 1998).

Quanto aos materiais requeridos para o *Gateball* estão: tacos, bolas e arcos. Quanto ao espaço físico necessário, normalmente pode ser praticado tanto em quadras de terra batida, como no gramado e as medidas oficiais da quadra

compreendem 20 metros de comprimento por 15 metros de largura. É jogado por dois times, vermelho e branco, com cinco jogadores cada um. Os jogadores têm bolas numeradas correspondentes com sua ordem de jogo - vermelhas são ímpares e brancas são pares. O objetivo do jogo é rebater as bolas, fazendo com que elas atravessem os três gates (ou arcos) e atinjam o goal pole (pino localizado no centro da quadra). Cada arco vale um ponto e o pino central vale dois. Vence a equipe que marcar mais pontos durante os trinta minutos de jogo. É permitido atirar as bolas adversárias para fora do campo, atrasando as jogadas do outro time (SILVA, 2012). Após a regulamentação, o *Gateball* se expandiu para o exterior, incluindo países como na China e Brasil (UCGB, 2014). Estima-se que atualmente 20 milhões de pessoas pratiquem o esporte no mundo, sendo que a metade está na China, seguida pelo Japão, com 5 milhões de praticantes (ALVES; POCAIA, 2005).

Em território brasileiro, o *Gateball* passou a ser desenvolvido em associações criadas por imigrantes japoneses a partir da década de 1970, a partir da iniciativa do imigrante Matsumi Kuroki, que ao visitar o Japão em novembro de 1978, teve a oportunidade de assistir um jogo de *Gateball*. Nesta partida, que lhe despertou um grande interesse, após tomar conhecimento sobre as regras e alguns aspectos técnicos teve a ideia de introduzir esta atividade no Brasil. No entanto, ao verificar que os equipamentos eram pesados e de volume considerável, pois envolvia o uso de bolas, arcos, tacos e pinos, importá-los do Japão seria praticamente inviável, sendo possível trazer naquele momento apenas o regulamento editado pela Associação de *Gateball* da província de Miyazaki.

Em vias de resolver a questão dos materiais, Kuroki realizou uma busca, e em 1979 encontrou uma indústria que se dispôs a fabricar tacos e bolas. Tal situação viabilizou a realização do primeiro jogo em equipe, disputado em 17 de Julho de 1979, nas dependências da Associação de Jovens de *Fukuhaku* (Suzano) de São Paulo. Dois anos depois, em 1981, moradores da colônia de *Fukuhaku* e de outras colônias como Itapeti souberam do esporte e começaram a participar de treinos tendo o livro de regulamentos trazido do Japão como base. Em 11 de setembro do mesmo ano foi realizado pela primeira vez no Brasil o 1º Torneio de *Gateball*, promovido pelo clube de anciões *Hakuju-kai* de Itapeti.

A prática do *Gateball* teve continuidade no ano de 1982, alcançando um número considerável de adeptos. Devido a essa expansão, tornou-se necessário criar um órgão coordenador, que começou a ser articulado em reuniões, por meio

dos representantes dos clubes de anciões. Ainda em 1982, no mês de Julho, segundo infere Silva (2012): “mais de 200 pessoas reuniram-se na Associação da Colônia de Itapeti, onde foi celebrado o 1º Encontro de Clubes de *Gateball* do Brasil”. Desta reunião sucedeu a fundação da Associação de *Gateball* do Brasil, com intuito de coordenar e divulgar esta modalidade esportiva (GATEBALL..., 25 dez. 2013). Na atualidade, existem sedes regionais responsáveis pelo esporte em ao menos oito estados, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Goiânia, Bahia, Recife, Paraná e Rio Grande do Sul (UCGB, 2014).

Em Cascavel no Paraná, por exemplo, estima-se que a introdução do *Gateball* iniciou na década de 1980. De acordo com Silva (2012) esta prática era realizada na cidade há mais de 20 anos, reunindo as pessoas todos os finais de semana, em sua maioria de descendência nipônica, na Associação Cultural e Esportiva de Cascavel (ACEC). Em 2012, esta entidade sediou o Campeonato do Oeste do Paraná da modalidade. O torneio já tradicional na região contemplava no ano mencionado sua 134ª edição e contou com a presença de equipes de seis cidades.

A equipe cascavelense havia conquistado um dos títulos mais importantes do *Gateball* em 2000, o Campeonato Brasileiro. O campeonato nacional foi disputado em dois dias, reunindo cerca de 230 equipes, que competiram no formato de mata-mata. A equipe de Cascavel não perdeu nenhuma partida e o resultado foi divulgado até no Japão. A cidade também havia sido vice-campeã da competição em 2004. Um ano antes, Cascavel alcançou o posto de campeã paranaense de *Gateball*. A equipe tinha experiência também em competições em países como a Argentina, onde disputou o Campeonato Sul-Americano da modalidade.

No ano de 2012, estimava-se que Cascavel contava com mais de 30 praticantes de *Gateball*. As idades da equipe da ACEC variavam bastante, com uma diferença de 63 anos, o atleta mais jovem da equipe tinha 27 anos de idade e o mais velho 90 anos. Embora houvesse momentos de treinamento em comum, cada um encontrava espaço para competir por meio de categorias (SILVA, 2012).

Há indícios que o *Gateball* no Rio Grande do Sul também fez parte do contexto da capital Porto Alegre. O estudo de Almeida (2003) evidenciou esta prática no Parque Farroupilha, a partir de uma abordagem etnográfica sobre grupos urbanos que se utilizavam deste espaço para desenvolverem as mais variadas práticas de lazer, entre elas, o esporte. O grupo de *Gateball* em questão era

composto por imigrantes japoneses que se reuniam semanalmente para praticar o jogo, o qual ocorria mediante uma comunicação feita apenas em língua japonesa. A faixa etária dos indivíduos variava entre 72 a 89 anos. A relação destes imigrantes com o jogo dividia-se em momentos de ludicidade e de competição, representado pela participação do grupo em campeonatos de *Gateball* que reuniam pessoas advindas de várias localidades do RS, e que além dos jogos em si, aproveitavam estes encontros para incluir apresentações culturais japonesas, comidas típicas e artesanato. Ou seja, para além do jogo havia uma rede de pessoas que representavam a colônia japonesa no Rio Grande do Sul, reunindo-se para reforçar a identidade japonesa através desta prática (ALMEIDA, 2003).

Diante deste cenário, a prática do *Gateball* na Colônia Japonesa de Ivoti no Rio Grande do Sul, esteve atrelada a Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira da Colônia Japonesa (ACENB). Na década de 1990, a realização desta modalidade foi divulgada no Jornal Livre Expressão, a partir de uma referência a ACEBN que mantinha junto à sede uma cancha de *Gateball*, utilizada principalmente aos domingos à tarde, por idosos da comunidade³⁰, que lá se encontravam para o lazer e diversão (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan.1995). E paralelamente a estes propósitos, o caráter competitivo fazia-se presente na rotina dos idosos, refletido no contexto de campeonatos, tal como o disputado no ano 1996 na cidade de Campinas, São Paulo. O evento reuniu 205 equipes de todos os estados e os representantes da colônia foram Masako Neshiba, Hisako Miyabe, Takeso Miyabe, Rimiko Sato, Jujiro Hikano e Sumaco Hayashi (COLÔNIA JAPONESA..., 1º maio, 1996).

Na década seguinte, a quadra de *Gateball* seguiu desenvolvendo esta atividade com o propósito de lazer e de sociabilidade. Os encontros na sede da ACENB se desenrolavam reunindo praticantes distribuídos entre idosos e crianças uniformizados quase invariavelmente com roupas e chapéus brancos, e divididos por duas equipes, tal como é necessário para realizar uma partida (IWASAKI, 2008).

³⁰ Outras comunidades de nipo-brasileiros como a Colônia Japonesa de Itapuã no Rio Grande do Sul, também tem cultivado a prática do Gateball nos últimos anos, em grande parte por idosos que se reúnem na Associação ASERJI. Ocorrendo os encontros de forma mais frequente em períodos que antecedem competições estaduais e interestaduais.



Imagem 1 – Comunidade Japonesa pratica *Gateball*.
Fonte: IWASAKI, 2008.

A autora IWASAKI (2008) ao produzir a reportagem ao jornal Zero Hora evidenciou que o menino da imagem acima, que na época tinha 5 anos era filho de moradores da colônia e assim como os outros, havia trazido seu taco para jogar e na oportunidade havia lhe ensinado “como se fazia”. A presença da criança na imagem embora indique um caráter mais recreativo, da mesma maneira apresenta a tentativa de continuidade desta prática, a ser transmitida pelos mais velhos aos mais jovens.

O jogo de *Gateball*, por ter como características a lentidão dos movimentos e a curta duração das partidas permite que haja um grande número de praticantes da terceira idade, alguns quase centenários. Sendo da mesma forma, significativo seu potencial de promover a integração. “O real objetivo do jogo é manter a saúde e consolidar amizades” (ALVES FILHO, 2006).

O jornal Zero Hora retrata o envolvimento de uma das moradoras da colônia, Yasue Ozaki como uma atleta. Na reportagem intitulada “Os jogos que unem a comunidade”, esta senhora de 71 anos é mencionada como uma das praticantes de *Gateball*, um jogo que para além da técnica e estratégia demandava de baixo impacto, podendo ser praticado em qualquer idade. O esporte representava quase uma unanimidade entre os nipo-brasileiros de Ivoti, que se reuniam cerca de três vezes por semana para “dar umas tacadas”. As partidas consistiam em fazer com

que as bolas – pintadas nas cores do Japão (vermelho e branco) - passassem pelos portões (*gates*).

Em meio a diversão, homens, mulheres e crianças encontravam espaço após as partidas, que duravam em média 30 minutos, para desfrutar de chá e acompanhamentos. Nestes intervalos, sentavam a sombra para um lanche rápido que incluía *manjus* (doce com recheio de feijão), frutas e o tradicional chá verde. O jogo também servia para conversar e contar as novidades. O tema geralmente eram os filhos que viviam longe (OS JOGOS..., 16 jun. 2008).

Cabe ressaltar, que o *Gateball* parece ter sido uma prática que encontrou certa estabilidade. Nas reportagens do jornal O Diário da Encosta da Serra, pertencente as tiragens do ano 2014, foi evidenciado que alguns dos moradores da colônia japonesa praticavam o *Gateball*, ou como é conhecido entre eles (*getoboru*), que podia ser praticado tanto em gramados quanto em quadras de terra batida, como no caso da colônia. O grupo de terceira idade havia aproveitado um domingo de páscoa para jogar, acompanhando o costume dos moradores já que o jogo ocorria normalmente nas quartas feiras, sábados e domingos na quadra da ACENB. Ao serem questionados sobre a prática afirmaram que o esporte era muito bom porque não exigia esforço físico, mas exercitava o corpo e a mente dos participantes. Sendo importante também para jogar, concentração e estratégia.

No período em questão, no Brasil aconteciam diversos campeonatos do esporte e que no país o campeonato nacional ocorria em São Paulo reunindo aproximadamente 70 times, apenas com participantes idosos. Os moradores da Colônia Japonesa, além de participarem do nacional, disputavam torneios regionais ao longo do ano todo, sendo que as categorias possuíam uma divisão de acordo com as idades dos integrantes. Segundo o descrito, havia a categoria Ouro que abrangia participantes com mais de 70 anos, a Diamante sendo necessário ter mais de 60 anos e menos de 70 e a Prata, e incluía todos os participantes com menos de 60 anos (JAPONESSES..., 23 abr. 2014, p. 25).

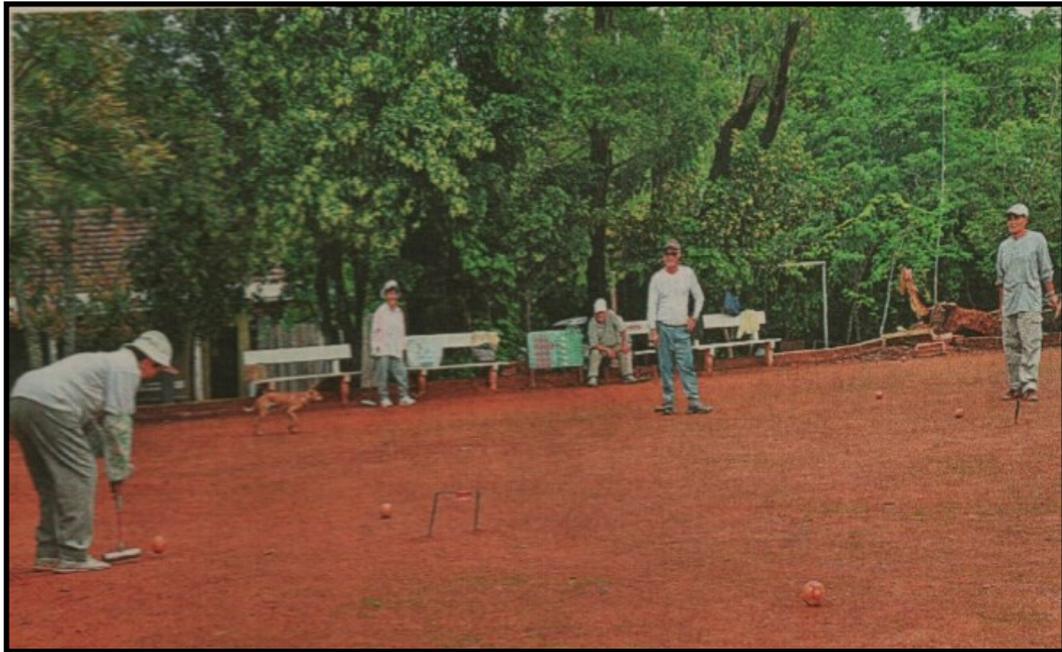


Imagem 2 - Idosos praticando *Gateball* em Ivoti.

Fonte: JAPONESSES..., 23 abr. 2014, p. 25.

Acompanhando a reportagem, na imagem apresentada acima estão representados parte dos materiais, uma quadra de terra batida cercada por bancos e bem próxima a árvores e residências e cinco praticantes que não uniformizados possivelmente estavam em um momento mais descontraído, visto que pareciam não se importar com a presença de um cão que atravessava a quadra.

É possível inferir que a promoção do *Gateball* na comunidade, ao ser realizada na quadra da ACENB ao longo de décadas representa um importante elemento de fortalecimento da identidade japonesa. Ao considerarmos que, o envolvimento de indivíduos em uma prática presente em um determinado grupo os leva compartilhar sentimentos e valores em comum, a relação dos nipo-brasileiros com o *Gateball* indica uma valorização dos traços culturais herdados dos primeiros imigrantes que chegaram a Ivoti. Traços estes, que mostraram vir acompanhados de outras práticas, como por exemplo, aquelas ligadas à culinária típica presente nos momentos de intervalo. Outra questão percebida foi a apropriação dos elementos do jogo por parte da criança, que entre os idosos já mostrava “como fazer”.

b) Judô

As influências históricas do *Judô*, como conhecemos na atualidade tem início por volta dos séculos XIV e XVIII, no Japão, período em que as artes marciais ao serem empregadas, visavam garantir a proteção pessoal de indivíduos, tanto em circunstâncias civis como para a guerra. Neste contexto, o objetivo primava pela efetividade tanto na defesa quanto no ataque, ou seja, “era matar ou morrer”. Situação vivenciada muitas vezes por aqueles que necessitavam, de qualquer forma, proteger suas terras ou seus bens.

As artes marciais permaneceram como arma essencial, principalmente de samurais durante séculos, tal como o *jujutsu* que ocupou lugar de destaque em território japonês até o período de pós-guerra, quando então essa arte, por ter a agressividade como base passou por um processo de decadência (CARDOSO, 2014). Fato que como veremos a seguir, facilitou o surgimento do *Judô*, que voltado para fins educacionais, adequava-se ao novo momento vivido no Japão do século XIX.

O *Judô* é uma arte marcial de origem japonesa, desenvolvida por Jigoro Kano em 1882, a partir de técnicas originárias do *jujutsu*. Embora o perfil físico de Kano fosse aparentemente frágil, com estatura em torno de 1,55 m e peso de 55 kg, seu temperamento, por outro lado, era explosivo e extremamente competitivo. Este perfil contribuiu para que Kano buscasse no *jujutsu* uma forma de compensar as fragilidades físicas (NUNES, 2012). Após dedicar anos de treinamento e de estudos as artes marciais percebeu que aquele estilo de luta seguia uma metodologia difícil e que todo aquele aprendizado não poderia somente ser direcionado para guerra (CARDOSO, 2014).

A figura de Jigoro Kano é constantemente associada a uma pessoa com grande capital cultural (BOURDIEU, 2007) cultivado desde a infância por meio da aprendizagem de caligrafia, iniciada aos sete anos de idade e idiomas para os quais possuía especial habilidade (NUNES, 2012). Este perfil influenciou que já em sua vida madura se dedicasse a busca de um modelo ideal de educação integral, sendo reconhecido como um dos grandes educadores dos séculos XIX e XX. Suas ideias centradas na difusão de valores e num sistema educacional de caráter multidisciplinar se confundem com outros sistemas educacionais a exemplo da Educação olímpica³¹, proposta por Pierre de Coubertin e com os conceitos da

³¹ A expressão “Educação Olímpica” foi criada por Nobert Müller, em 1975, com base nos preceitos pedagógicos encontrados nos escritos de Coubertin. Os objetivos da Educação Olímpica são

Educação Física contemporânea. No Japão, Kano é considerado o pai da Educação Física (SOUZA et al., 2007, NUNES, 2012).

Atribui-se também a Jigoro Kano a criação de um sistema de graduação que são utilizadas por diversas artes marciais atualmente, respeitando as particularidades e etapa evolutiva de cada estilo. As bases propostas neste sistema englobavam inicialmente (*Kyu* e *Dan*), sendo que foram estabelecidos três níveis para os graus mais inferiores e outros três para os graus superiores. Os *Kyu* (graus inferiores) são em ordem de importância decrescente e os *Dan* (graus superiores) em ordem crescente de primeiro até décimo, sendo o primeiro *Dan* correspondente a faixa preta.

A palavra *Judô* expressa pelos ideogramas “*Ju*” que significa suave, leve e “*Do*”, cujo significado é doutrina, via ou caminho (FRANCHINI; DORNELES, 2005), pelo qual o praticante terá não só condições de educar o corpo, mas também a mente e o espírito para poder “competir vitoriosamente” (KODOKAN JUDO, 1954; apud NUNES, 1998). Para Shinohara (2000): “os ensinamentos do *Judô*, não são apenas físicos e técnicos, mas transcendem as palavras e os atos materiais, fazendo com que o aluno lute por seu intento, sendo capaz de aceitar com maturidade as regras de obediência propostas pelo seu professor”.

Na atualidade, o *Judô* se manifesta principalmente como esporte atingindo repercussão internacional. Sendo um marco de seu reconhecimento o ano 1964, quando passou a fazer parte o programa olímpico nos Jogos de Tóquio, naquele momento representado somente por atletas masculinos, como esporte apresentação. A participação do *Judô* como modalidade oficial dos Jogos Olímpicos ocorre na edição realizada em Munique em 1972 na categoria masculino e de Barcelona, em 1992, no feminino (SHINOHARA, 1982 apud NUNES; KOSMANN; SHOURA, 2006).

De acordo com Maduro (2011) a bibliografia acerca do *judô* no Brasil, além de ser insuficiente, apresenta muitas controvérsias. O surgimento da modalidade no país produziu duas versões que parecem ser as mais aceitas por praticantes, ou ao menos são as mais reproduzidas em trabalhos científicos. A primeira versão envolve

proteger e promover os interesses comuns da sociedade humana, tais como paz, amizade e progresso. Como uma proposta pedagógica inclui em seu conteúdo os valores humanistas, compreendidos como universalmente aceitos pela sociedade humana. Dentre os quais estão: a busca pela excelência, o fair play, justiça, respeito. O veículo básico desta pedagogia é o esporte, uma forma cultural que existe em todas as sociedades humanas. Os significados universais inerentes a suas referências pedagógicas transcendem etnia, religião, política, status social e várias outras barreiras sociais (WACKER; DACOSTA, 2009).

os nomes de dois japoneses que haviam sido alunos do Mestre Jigoro Kano, são eles: Mitsuyo Maeda (mais conhecido como Conde koma) e Soishiro Satake, que chegaram ao Brasil como representantes da Kodokan³².

Estes dois discípulos de Kano chegaram ao Brasil em 14 de novembro de 1914, tendo ingressado no país pela capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Local onde realizaram apresentações da modalidade. No entanto, parece que a passagem deles, por ter sido breve em por Porto Alegre não repercutiu para o desenvolvimento do *Judô* no Rio Grande do Sul. Esta informação se confirma, pois logo em seguida Mitsuyo Maeda radicou-se em Belém do Pará, enquanto Soichiro Satake estabeleceu-se em Manaus (FRANCHINI; DORNELES, 2005; NUNES, 2012).

A segunda versão conhecida sobre a introdução do *Judô* no país está vinculada ao início do século XX, a partir realização da prática pelos imigrantes japoneses que se estabeleceram, por meio de vínculos de trabalho nas lavouras de café em fazendas dos Estados de São Paulo e Paraná. Relacionada a essa versão, considera-se que foi principalmente em São Paulo que o *Judô* iniciou sua trajetória no Brasil e, com o passar dos anos foi gradativamente conquistando seu espaço em diversos estados da Federação (MADURO, 2011).

Destacamos que, neste período de conformação do *Judô*, ainda não havia uma separação clara entre os termos *Judô* e *Ju-Jitsu* no Brasil, tanto que ambos eram utilizados para denominar o mesmo sistema de técnicas. Para além deste detalhe da nomenclatura, era possível identificar que a prática era desenvolvida principalmente por duas frentes: a representada por um grupo composto por japoneses e seus descendentes, que praticavam o *Judô* em pequenos grupos desvinculados de fins comerciais. E a outra frente, formada também por japoneses, que por sua vez incluía desafios e outros sistemas de lutas, bem como se voltava a finalidades comerciais (FRANCHINI; DORNELLES, 2005).

No Rio Grande do Sul, embora tenha ocorrido a passagem de Mitsuyo Maeda e Soichiro Satake, o desenvolvimento do *Judô* parece ter começado de fato ao final da década de 1940, por professores que não possuíam formação acadêmica. O foco do trabalho destes professores enfatizava mais os aspectos de defesa pessoal, bem

³² Em 1882, Jigoro Kano funda sua escola de prática de lutas corporais, o KODOKAN (Escola para Estudar o Caminho), onde buscou trabalhar qualidades como o relacionamento, a fraternidade, a disciplina, o civismo e o respeito (VIRGÍLIO, 2002).

como participavam de apresentações públicas que se davam também no âmbito circense.

Paralelamente a esta informação, a presença de outros professores parece ter sido de grande relevância para a consolidação do *Judô* no Rio Grande do Sul. Nas décadas de 1950 e 1960, destaca-se a influência do professor Aluizio Nogueira Bandeira de Mello, conhecido como professor Loanzi, que tinha um *dojo* no Esporte Clube Ruy Barbosa e, a participação do professor Takeo Yano, este por sua vez conhecido como “japonês”, contribuíram para a história do *Judô* no Estado através de suas trajetórias. Outros locais em que ocorria a prática do *Judô* se destacaram de igual maneira nesta época, a saber: o Ginásio Esparta, do professor Justino Vianna; o Esporte Clube Cruzeiro; a Associação Leopoldina Juvenil e o círculo Social Israelita com o professor Teruo Obata (MADURO, 2011).

Teruo Obata, antes de chegar ao Brasil, em um primeiro momento tinha a intenção de ir para Europa, como seu embarque não foi possível àquele continente, por convite e dica de seu amigo e ex-colega de faculdade Massao Shinohara, acabou vindo para o Brasil para lecionar *Judô*. Shinohara sugeriu que Obata morasse em Porto Alegre, pois ninguém permanecia muito tempo e, por esta razão seria interessante o Rio Grande do Sul receber um japonês para expandir a obra de Jigoro Kano.

Seguindo a indicação de Shinohara, Obata chega a Porto Alegre em 1960. Em seguida conhece o proprietário da academia Ruy Barbosa, o professor Loanzi, que o convida para ser professor de *Judô*. Nesta academia, além de ministrar aulas o dia inteiro e praticamente todos os dias da semana, ele também podia morar neste local. Anos depois, em 1964, Teruo Obata funda o Clube Tokyo de *Judô*, na Avenida Osvaldo Aranha, número 138, em frente ao prédio da atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O trabalho de Obata parece não ter cessado mesmo nos anos dois mil, quando já estava com 78 anos. Seu trabalho nos tatames, até o ano 2010, continuava a ser desenvolvido no terreno da sua residência, na divisa de Porto Alegre (Lami) e Viamão (Itapuã). Neste local construiu o Obata *dojo*, onde ministrava aulas para crianças, com as quais gostava de ensinar principalmente kata (PORTAL DO JUDO, 2010).

A prática do judô na Colônia Japonesa de Ivoti contou com a colaboração de um professor brasileiro nato, sensei Manoel Aparecido Lacerda. A formação de

Lacerda ocorreu em São Paulo, na academia do sensei Ono, aproximadamente em 1947. Depois disso passou para a academia do sensei Hiraki Kurachi, por volta de 1952 (NUNES, 2012). sensei Lacerda nasceu em São Paulo e veio para o Rio Grande do Sul em 1976 para dar aulas de judô na Sociedade Guarani e na Sociedade Recreio da Juventude em Caxias do Sul (PORTAL DO JUDO, 2012). Posteriormente, na década de 1980 passou a ministrar aulas na Colônia Japonesa de Ivoti aos sábados e na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo. Nestes locais permaneceu como professor durante muitos anos, contribuindo tanto para a difusão da prática quanto para a formação de atletas que ficaram reconhecidos como campeões nacionais (RODRIGUES JÚNIOR, 2012).

Usando como referência as reportagens do Jornal de Ivoti, encontramos em uma das edições de 1987, que promovia o Festival do Folclore da cidade ocorrido em agosto do mesmo ano, a equipe de *Judô* da Colônia Japonesa de Ivoti. A capa da edição deste jornal anunciava que os judocas fariam demonstrações durante o evento, juntamente com os “cavalarianos³³” da cidade, a festa ainda contou com a presença da “sensacional BANDINHA ALEMÃ”, do município de Dois Irmãos, indicando certa interação entre as culturas, que foi reforçada pela presença dos Cônsules da Alemanha e do Japão que prestigiaram as apresentações. O Festival foi descrito como um sucesso, a contar os diversos grupos folclóricos locais que participaram (FESTIVAL..., ago. 1987).

A foto abaixo corresponde a imagem dos judocas da Colônia dispostos em fileiras e uniformizados com *judogui*³⁴. Percebe-se que a equipe composta por 19 praticantes apresentava tanto indivíduos com traços orientais como ocidentais e que estes diferiam também por idade e graduação, que como referenciado anteriormente acompanham o sistema proposto por Jigoro Kano para classificar a evolução dos alunos no Judô. Tal foto no jornal localizava-se ao lado da foto dos cavalarianos que enfileirados, apresentavam-se pilchados³⁵ com chapéus, lenços, botas e bombachas

³³ Cavalariano refere-se a soldado de cavalaria. A Cavalaria é a arma das forças terrestres que, antigamente se destinava ao combate a cavalo, em ações de choque ou de reconhecimento (OLIVEIRA, 2005).

³⁴ Vestimenta para a prática do judô, constituída por calça (zulbon ou shitabaki), casaco (wagui) e a faixa para amarrar o casaco (obi) (NUNES, 2012).

³⁵ O termo pilchado advém de pilcha (conjunto de vestes típicas dos antigos sul-rio-grandenses, compreendendo a bombacha, botas, lenço e chapéu) como traje de honra e de uso preferencial no estado, deixando sua caracterização a cargo dos ditames e diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho (OLIVEN, 1991).

e que montados em seus cavalos conforme a descrição da reportagem “abrilhantaram o evento”.



Imagem 3 - Equipe de Judô da Colônia Japonesa de Ivoti.

Fonte: FESTIVAL..., ago. 1987.

A produção de ambas as imagens retratadas lado a lado na capa do jornal nos remete inicialmente a um sentido de organização, de respeito as origens e tradições. Do lado direito da reportagem temos os “cavaleiros” com sua indumentária fazendo referência a cultura sul-rio-grandense e do lado esquerdo a imagem dos judocas representando a cultura japonesa. Vale ainda destacar a descrição da bandinha alemã que faria apresentações com seu repertório a representar a cultura dos teutos.

Este cenário pode nos indicar uma demarcação identitária de cada grupo em um festival de folclore, palavra esta que esta intimamente ligada às noções de povo, de tradição e, como não podia ser diferente, de cultura, pois de forma simples, folclore é a cultura popular tradicional (SILVA; SILVA, 2006), e no caso regional de Ivoti. Uma outra concepção, segue no sentido do que Sandra Pesavento (2008) expressa ao nos por a ler o texto contido em uma imagem produzida, em que muitos grupos encontram nestes registros uma forma de atestar sua presença e manifestar uma posição. Ou seja, as cenas ao serem construídas constituem uma das formas

de se passar uma imagem determinada ao espectador e propagar certas representações. São imagens dotadas de sentidos, que testemunham um momento de um tempo que pode ou não ter sido vivenciado por nós (PESAVENTO, 2008).

Como parte da história do *Judô* em Ivoti, em janeiro de 1995, a sede da Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira da Colônia Japonesa (ACENB), é apresentada como um local de encontro para a comunidade. Neste local havia uma academia voltada ao aprendizado e prática de *Judô*, que era difundido na comunidade juntamente com outras atividades culturais como exposições e festas. (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan. 1995).

c) Odori

O termo *Odori*, refere-se às danças tradicionais japonesas, que são práticas corporais antigas, fundamentadas em grande parte por culturas populares e religiosas. Dentre as suas vertentes mais antigas estão as transmitidas pela tradição *Kagura*³⁶, como os episódios mímicos da mitologia Shintoísta, vinculada as relações entre a humanidade e aos deuses. Ou seja, sob influência da religião shintoísta, danças cerimoniais eram criadas de forma a expressar os mandamentos dos deuses e fortalecer as preces dos seguidores (IWAMOTO; SARAT, 2016).

Destacamos também, as performances acompanhadas por música japonesa com os instrumentos nativos de *koto* ou *shamisen* presentes nas danças dos teatros *Noh* e *kabuki*³⁷ muito procurados por visitantes que chegam ao Japão (MATIDA, 2013), bem como aquelas danças que simbolizam importantes acontecimentos, estações do ano, celebração aos alimentos, a partir de suas atividades, como plantio de arroz, semeadura, e pesca, incluindo danças da chuva (FREDERIC, 2005).

³⁶ Os relatos mais antigos da música shintoísta, ou *kagura* (música dos deuses), estão preservados no mito da deusa do sol Amaterasu que, tendo sido ofendida pelo seu irmão, ocultou a sua luz na Caverna Rochosa dos Céus. Segundo a lenda, Amaterasu foi atraída para fora da caverna por uma música tocada pela deusa Ama no Uzume no Mikoto, gerando a compreensão de que os deuses são atraídos pelas performances musicais e, fazendo assim, revitalizam a comunidade. *Mikagura*, ou *kagura* de corte, é distinta da *sato kagura*, ou *kagura* de vila, que compreende uma série de estilos musicais locais associadas a regiões particulares ou santuários. *Kagura* de vila pode ser escutada por ocasião de festivais, quando os intérpretes acompanham suas músicas com flautas transversais e uma variedade de tambores (PLUTSCHOW, 1996).

³⁷ O teatro de máscaras *noh* é uma tragédia clássica que floresceu no período Muromachi (1333-1573), na era medieval nipônica, e o teatro *kabuki*, composto unicamente de homens adultos, retrata seres excêntricos e vistosos se desenvolveu no período Tokugawa (1603-1867). Enquanto o *noh* prima pelo minimalismo e sugestão na atuação, o *kabuki* é bem mais realista, mas de um realismo estilizado, diferente do ocidental. O *kabuki* chega, por vezes, ao exagero teatral (KUSANO, 2013).

Devido ao fato de existirem várias manifestações de *Odori*, estas também podem receber nomenclaturas dependendo das pessoas que realizam as performances, idosos, jovens, crianças entre outros grupos (FREDERIC, 2005). Além do mais a ação de dançar atinge características que ultrapassam a noção de espetáculo, podendo simplesmente estar associada a uma movimentação poética do corpo a ser representada em momentos corriqueiros da vida, em suas expressões mínimas. É uma arte, uma linguagem que comporta um nobre veículo simbólico de estados de espírito culturalmente compreendidos e compartilhados por inúmeros grupos sociais (OSHIRO, 2016).

Com relação ao Brasil, as danças tradicionais ao serem trazidas pelos imigrantes e cultivadas nas comunidades nipo-brasileiras podem ser consideradas como uma das formas possibilitadoras de expressão corporal, pertencentes a um espaço e tempo determinados socioculturalmente. Dentre as formas de *Odori* mais difundidas e preservadas no país está o *Bon Odori*, que além de ser uma tradição japonesa milenar com raízes budistas, contém em seu sentido original prestar uma homenagem aos mortos, tal como conta sua lenda.

Esta lenda conta que Bon Odori teria surgido a partir da História de um monge zen chamado *Mokuen* que se destacava dos outros por sua forte visão transcendental e poder de concentração, tanto que, seu espírito podia viajar por mundos desconhecidos como ter a visão do que acontecia em qualquer dimensão. Quando a mãe de *Mokuen* faleceu, ele pensou que após a morte ela fosse imediatamente habitar no Nirvana (100º Plano Astral), mas ela renascera no 20º Plano Astral, na dimensão dos espíritos famintos, conhecida como *Gaki*. Ao ver sua mãe naquela zona de penúria, *Mokuen* levou comida para ela. No entanto, suas tentativas tornavam-se em vão, pois cada vez que ele se dirigia àquele plano para alimentá-la a comida se transformava em fogo.

Obstinado em retirar sua mãe do *Gaki*, o monge, em demorada oração suplicou a Buda que ajudasse a aliviar a dor e o sofrimento de sua mãe. Diante do pedido, Buda o aconselhou a no dia 15 de Julho, manter todos os monges da localidade enclausurados dentro de um grande mosteiro, para que eles ficassem ao menos um dia sem pisar nos pequenos insetos e flores. No dia indicado, *Mokuen* preparou no mosteiro um banquete em homenagem à sua mãe e nenhum dos monges saiu do mosteiro. Ao fim do dia o espírito de sua mãe apareceu transformado em um ser do 6º Plano Astral. Ela estava tão iluminada e leve que

chegava a flutuar. Ao ver sua mãe iluminada e flutuando como um *chochin* (espécie de balão ou lanterna de papel japonesa) ao vento, *Mokuen* começou a dançar de alegria. Os monges, que estavam muito alegres, seguiram-no, acabando por formar uma grande roda, simbolizando o círculo da felicidade. Assim surgiu o *Bon Odori*, como dança que faz homenagem ao espírito de pessoas falecidas (KUBOTA, 2008).

Como exemplo desta dança budista no Brasil, Handa (1987) cita que os primeiros imigrantes dançavam o *Bon Odori* na época dos finados, sendo especialmente famosas as encenações realizadas no Paraná nos templos Nishi-Honganji de Londrina, bem como os do Nambei-Honganji de Apucarana e Maringá. Nos dias destinados à festa, as praças e as entradas dos templos ficavam lotadas de automóveis de pessoas que vinham de diversos lugares para assistir. O *Bon-odori* da cidade de Apucarana, no templo Nambei-Honganji possui um pátio onde eram realizadas as danças, tendo no centro um palco alto onde fica o conjunto de acompanhamento musical com flautas e tambores. Sempre quando esta homenagem é prestada, é possível vislumbrar várias *chochin* penduradas, e acima delas é estendido um toldo que cobre todo o pátio, dando a impressão de um imenso barco (HANDA, 1987).

O *Bon Odori* no Brasil em geral, é realizado entre os meses de julho e agosto (HANDA, 1987; ENNES, 2001). O estudo de Ennes (2001) apresenta esta festividade no contexto de Pereira Barreto em São Paulo, cidade a qual a cerimônia do *Bon Odori* faz parte das atividades de comemoração de aniversário da cidade e por esta razão acontece antecipadamente, no último final de semana de julho. A festa do *Bon Odori* de Pereira Barreto é considerada uma das mais bem organizadas de todo o Brasil (ENNES, 2001).

Ainda em contexto nacional, a preservação do *Bon Odori* é efetivada por intermédio do associativismo, locais destinados ao encontro de japoneses e seus descendentes. O *Bon Odori* em São Paulo, por exemplo, conforme indicação do Diário Popular (1971) tinha como associação difusora a Sociedade Cultural do ABC que reunia grande parte da colônia radicada em São Bernardo do Campo e da Sociedade *Fukushima Kenjin* de São Paulo. A ornamentação da Sociedade Cultural do ABC para a realização da dança incluía lanternas japonesas, tendo em cada uma delas o nome das províncias do Japão onde foram travados os combates entre samurais, guerreiros que usavam o *taiko* durante os combates espalhando terror pelas aldeias. “A dança *Bon Odori* é executada ao som daquele instrumento por

personagens vestidos de gheixas, e revivem o antigo folclore japonês” (SBC: FOLCLORE..., 30 jun.1971).

Em Campo Grande no Mato Grosso do Sul, por exemplo, há o “Clube Nipo”, que congrega tanto os imigrantes (geração *issei*), assim como a segunda geração (*nissei*). As danças neste clube são desenvolvidas pelas mulheres que, com idade superior aos 60 anos, são o principal elemento da festa do *Bon Odori*, sendo elas as detentoras de todo o conhecimento musical e das coreografias realizadas na edição que ocorre nesta cidade. A festa torna-se, assim, um elemento constituinte da identidade étnica japonesa na cidade (KUBOTA, 2008).

Concernente as danças de origem japonesa no Rio Grande do Sul, as referências mais antigas a que tivemos acesso correspondem as décadas de 1960 e 1970. No ano 1964, na cidade de Porto Alegre em um anúncio do jornal Diário de Notícias uma página inteira foi dedicada ao “Festival Folclórico Japonês” realizado no Teatro São Pedro. Segundo as palavras do jornal Diário de Notícias percebem-se as boas expectativas que este encontro geraria (SAMURAI..., 13 nov. 1964):

Com a presença da própria consulesa do Japão nesta Capital, sra. Maria Cecília Mitsuko Kondo, a colônia nipônica do Rio Grande do Sul brindará o nosso público domingo com uma promoção que na certa será inesquecível: Festival Folclórico Japonês.

Como parte da programação deste festival, a descrição de cada dança, fosse ela individual ou em grupo foram escritas primeiramente em *rōmaji*³⁸ e posteriormente em português contendo a explicação sobre o que representaria cada *performance*. Portanto, elencaremos abaixo algumas das apresentações seguindo a mesma grafia apresentada no jornal.

Como a primeira apresentação do dia, o grupo de dança da colônia japonesa de Viamão “*Sakura Nippon*” - Cerejeiras em flor - apresentaria uma dança exprimindo a alegria pelo fim do inverno rigoroso e frio e o começo da primavera com o florescer das cerejeiras. Seria também apresentado um bailado infantil

³⁸ *Rōmaji* é um dos sistemas oficiais de romanização do idioma japonês. A palavra significa literalmente “letra romana” e é empregado na transcrição fonética da língua japonesa para o alfabeto latino (ou *romano*). Esta adaptação é utilizada para estrangeiros podendo ser encontrada também em em dicionários e em livros didáticos para os estudantes da língua. O japonês normalmente é escrito em *kanjis* (mais de 3 mil ideogramas), *hiraganas* e *katakanas* (46 caracteres em cada silabário). Sendo que *hiraganas* são utilizados para escrever palavras em japonês (*nihongo*) e *katakanas* para as palavras estrangeiras.

chamado “*Onigyoo san*” - em torno de bonecas -, “*Okoma sugata*” - uma dança representando os sonhos de crianças de Okoma -, a dança “*Kuroda bushi*” - sobre o samurai de Kuroda, “*Gion Kouta*” - a canção de Gion - retratando uma dançarina solitária que em noite de luar contemplava a lua no silêncio da noite, e “*Tsuki no sabaku*” - sobre uma caminhada ao luar do deserto. Integrando ainda estes exemplos que compuseram uma programação contendo 15 apresentações estava elencada para o final o grupo Danças Gaúchas de um grupo de japoneses de Viamão (SAMURAI..., 13 nov. 1964).

No livreto popular “Gente de dois mundos”, escrito por Muller (1993), em homenagem aos 25 anos da Colônia Japonesa de Itati, é apresentada na contracapa uma imagem que representa a realização da dança tradicional japonesa nomeada *Bon Odori* referente a década de 1970. A dança de *Bon Odori*, que é apresentada no livro editado em 1993, tal como podemos observar, mostra os imigrantes japoneses de Itati em vestimenta típica *yukata* (kimono de verão) fazendo os movimentos da dança em um ambiente na rua que continha muitas lanternas, conhecidas como *chochin*. Em meio aos imigrantes japoneses e também vestindo *yukata* está o pastor Elio Muller que é tido perante a comunidade de Itati como um dos principais promotores da integração entre a comunidade japonesa e teuto-brasileira já instalada na região. Como parte desta integração, Elio foi responsável por converter a maior parte dos japoneses ao cristianismo, fato que indica o processo de apropriação cultural a partir do contato entre as comunidades.



Imagem 4 - Bon Odori em Itati no ano 1973.

Fonte: MULLER, 1993.

Com intuito de ilustrar algumas representações acerca do Odori na Colônia Japonesa de Ivoti, tomamos como ponto de partida as edições consultadas no Jornal de Ivoti. Neste veículo informativo, as primeiras impressões nos fazem perceber a participação dos grupos de dança tradicional japonesa da Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira da Colônia de Ivoti (ACENB), em importantes eventos do calendário estadual. Estas participações incluíam festivais, como o Festival do Folclore ocorrido no dia 30 de julho de 1985, na cidade de nova Petrópolis, bem como a Festa Nacional da Laranja de Taquari. Nas datas em questão, estes grupos de dança agradaram ao público nas duas cidades e destacaram-se pelo seu valor cultural para Ivoti, uma vez que carregavam o seu nome (DANÇAS JAPONESAS..., 30 jul. 1985, pg.3).

A presença destes grupos se repetiu no 3º Festival do Folclore de Ivoti, que ocorreu em 18 de agosto do mesmo ano no Ginásio Municipal de Esportes 20 de Setembro em Ivoti. A promoção do festival ficou a encargo da Prefeitura Municipal de Ivoti – por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) e da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Tecnologia, Trabalho e Turismo (SEDETUR) e teve o apoio da Associação Nipo-Brasileira da Colônia de Ivoti e do Lions Clube da cidade. Por meio da programação do evento é possível sugerir que,

ao reunir em um mesmo espaço apresentações de danças folclóricas alemãs, japonesas e gaúchas uma tentativa de interação entre estas culturas, evidenciadas na ilustração que reúne uma prenda, uma japonesa e um casal vestindo roupas típicas alemãs (FESTIVAL..., 1ª quinzena ago.1985).



Imagem 5 - 3º Festival do Folclore de Ivoti.

Fonte: FESTIVAL..., 1ª quinzena de agosto de 1985.

Em divulgação sobre uma exposição organizada pela SEMEC de Ivoti no início da década de 1990, novamente percebemos o objetivo de integrar as culturas brasileira e japonesa. Sobre esta exposição, o Jornal de Ivoti ressalta:

“Culturalmente os japoneses brasileiros da colônia de Ivoti continuam com suas danças (foto abaixo) e esforçam-se por não perder de todo a raiz cultural asiática. Mas já se vê, em semanas farroupilhas, japoneses com “pilchas” gaúchas, o que demonstra que no futuro teremos xirus e prendas de olhinhos puxados, perfeitamente armados culturalmente para defender as tradições do Rio Grande” (CALDAS, 1991, p. 11).

Por meio desta ação da secretaria, conforme o texto indica, a intenção estaria direcionada a enriquecer a cultura local, principalmente pela existência de uma colônia japonesa no município que devia ser valorizada. A expectativa era que esse encontro com o Japão servisse de estímulos para novos encontros com a cultura japonesa, não só de parte da comunidade de origem ocidental, mas também por parte dos *nissei* brasileiros. “A esperança é que com o encontro possa florescer uma atmosfera de sempre crescente compreensão e amizade entre os dois países” (CALDAS, 1991, p. 11).



Imagem 6 - Mostra japonesa em Ivoti.

Fonte: CALDAS, 1991.

Embora tenha sido feita esta alusão positiva, na sequência da reportagem outro lado é salientado em um subtítulo: “a integração não é total”. Esta passagem retrata que a colônia japonesa apesar de existir a tanto tempo em Ivoti ainda carecia de integração. O processo de “aculturação”, mesmo lento, de fato estava ocorrendo, e cada dia mais os japoneses ganhavam maior visibilidade em diversos setores da economia e cultura ivotiense. Ainda em tom de queixa é apontado que há anos atrás a colônia era bem mais “fechada”, como se os brasileiros-japoneses tivessem alguma dificuldade em se integrar ao pleno convívio comunitário. Porém, a realidade

aos poucos foi se modificando, mesmo sob a presença de uma certa resistência que vinha sendo quebrada cada vez mais. A exemplo disto, na colônia dos japoneses era possível encontrar uma mescla de pensamentos político, religioso, econômico e mesmo cultural visto que muitas japonesas e japoneses estavam preferindo casar-se com “brasileiros” (CALDAS, 1991, p.11).

Ainda neste contexto, a tradição milenar e cultura nipo-brasileira presentes em Ivoti seguiram sendo representadas por meio da preservação de danças, bem como foram observados novos encontros entre as comunidades nipo-brasileira e teuto-brasileira acompanhadas pelas modificações comportamentais percebidas pela sociedade ivotiense. Isto se faz notar no trecho de uma reportagem de mais de meia página do Diário de Ivoti de 1994, a qual destaca: “se nos primeiros tempos os imigrantes japoneses conservaram uma certa inibição com relação ao povo alemão, hoje em dia podemos dizer que a situação é bem diferente”. O cenário destacado no momento da publicação esboçava uma complementaridade em diversos campos, como trabalho, estudo e na sociedade em geral o clima era de uma perfeita comunhão entre estes dois povos de origens tão diferentes. Desta forma, já não havia uma comemoração que pudesse ser considerada completa na cidade sem que houvesse a participação do “discreto, simpático e muito eficiente povo japonês” (A TRADIÇÃO MILENAR..., 21 out.1994, p. 8).

Como parte deste contexto relacionado as danças, festas ocorriam no salão da ACENB. Em setembro de 1995 este espaço possibilitou uma festa de integração entre os imigrantes japoneses e brasileiros, como parte da comemoração pelos 100 anos de amizade entre Brasil e Japão. Neste dia, tendo como “pano de fundo” as bandeiras do Brasil e Japão lado a lado no palco, acontecerem várias apresentações artísticas e culturais, tal como *karaokê* e uma dança proveniente da província de *Kagoshima*³⁹, que normalmente é apresentada só por mulheres, naquele momento teve uma particularidade, já que os homens lançaram um desafio e não desapontaram, “arrancando” muitos aplausos das pessoas presentes no local, tal como casais de brasileiros e japoneses de outras localidades que foram “abrilhantar a festa” (KARAOKÊ..., 5 set.1995, p. 21)

Esta foi uma reportagem que parece ter tido uma boa repercussão. Embora localizada na página 21 da Sessão Geral do Jornal Livre Expressão, acompanhando

³⁹ A província de Kagoshima localiza-se no extremo sudoeste da ilha de Kyushu do Japão.

o texto, três fotos localizadas na metade superior do jornal ilustravam a comemoração e os momentos da dança, em que homens e mulheres sorridentes realizavam gestos com as mãos organizados em uma fila semicircular. Abaixo, evidenciamos um destes momentos.



Imagem 7 - Dança celebrando amizade entre Brasil e Japão.
Fonte: KARAOKÊ... 5 set.1995, p. 21.

Ainda na década de 1990, com aproximadamente 50 famílias vivendo na Colônia Japonesa, o Jornal Livre Expressão menciona que a cidade de Ivoti sentia orgulho em ter a maior colônia japonesa do Estado, a qual tinha importantes instituições. Dentre elas, a ACENB, com a função de conservar as tradições do povo japonês, principalmente pelos seus grupos de danças, que envolvendo senhoras, jovens e crianças, recebiam inúmeros convites para participar de um vasto rol de festividades tanto em âmbito estadual, quanto nas programações oficiais do município, divulgando a “curiosa e interessante arte oriental” (JAPONESES...,17 out. 1995, p. 7).

Como parte das comemorações do 27º aniversário da cidade de Ivoti mais um momento de integração entre as culturas nipo-brasileira e teuto-brasileira foi evidenciada. A edição de 12 de outubro do Jornal de Ivoti de 1991 divulga a comemoração nomeada *Blumenschau* (Exposição de flores) a ser realizada nos dias 19 e 20 do mesmo mês por meio de diversas apresentações artísticas, tal como

teatro, ballet e teatro *Noh*, este último seria apresentado pela escola da comunidade japonesa de Ivoti. O responsável pela organização do evento foi o grupo *Blumenfreunde*, palavra que traduzida do alemão significa (amigos das flores). A imagem que ilustra a notícia, além de manter os termos em alemão para festa das flores (*Blumenschau*) é seguida abaixo pelo termo em japonês *Hanamatsuri* (também festival das flores) apresentado nos alfabetos kanji e romaji. Ademais apresenta treze crianças vestidas com kimonos festivos e meninos vestindo o que parece ser um *judogui*, indicando a possibilidade do Judô também ser um dos componentes da programação (1º BLUMENSCHAU DE IVOTI..., 12 out. 1991).



Imagem 8 - 1º BLUMENSCHAU DE IVOTI
 Fonte: 1º BLUMENSCHAU DE IVOTI..., 12 out. 1991.

Uma representação que pode ser feita, desta diferenciação entre a adoção das línguas japonesa e alemã para nomear o evento podem ser entendidas como

uma distinção simbólica entre os dois grupos étnicos. Nesta direção, Hobsbawn (2004) traz uma passagem sobre o significado simbólico do uso da língua: “a língua se tornou um exercício mais deliberado de engenharia social na medida que seu significado simbólico passou a prevalecer sobre seu uso real”. Se observarmos pelo ponto de vista da identidade, os dois grupos apesar de serem cidadãos brasileiros ainda eram representados por termos que simbolizaram naquele momento suas identidades nacionais de origem.

As danças, de igual maneira foram percebidas em momentos relacionados a visitas de políticos japoneses em diferentes ocasiões, como uma visita que ocorreu em maio de 1995. Nesta passagem, prefeito e vereadores de *Kanazawa*, capital da província de *Ishikawa*⁴⁰ haviam visitado Ivoti em função da comemoração dos 100 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação⁴¹, selado entre Brasil e Japão no final do século XIX. Após estas autoridades serem recepcionadas, como parte de um momento de integração, “a confraternização foi abrilhantada pelo grupo de danças da colônia, que emocionou os visitantes” (IVOTI..., 30 maio 1995, p. 2).

Anos depois, em comemoração aos 100 anos da imigração japonesa em 2008, muitas outras evidências reforçaram a importância das danças para os nipo-brasileiros de Ivoti. Na época, Takao Miyabe, então tesoureiro da ACENB conta que a Associação ainda mantinha seus grupos de danças folclóricas, que contemplavam grupos de senhoras e algumas crianças que também participavam de aulas de dança (CEM ANOS..., jun 2008, p.6). Neste mesmo ano, as danças fizeram parte dos eventos comemorativos da Colônia, bem como fizeram parte de festas realizadas no município de Ivoti. Como a Festa do Mel, Nata e Rosca referenciada no Jornal Zero Hora, o qual salientou as vestimentas das senhoras que naquele momento usaram quimonos com detalhes em flores e estampas geométricas que complementaram uma apresentação belíssima, cheia de tradição. Aos poucos, o público foi chegando e acabou lotando o local, formando uma plateia atenta e interessada naquela dança delicada, substituída em seguida por tambores e baquetas (IWASAKI, 2008).

⁴⁰ Província localizada no litoral do Japão.

⁴¹ O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão foi celebrado em Paris no dia 5 de novembro de 1895, entre os ministros plenipotenciários dos dois países acreditados junto ao governo francês. Os principais motivos desta celebração deram-se do encontro de interesses dos dois países, de um lado o Brasil visava receber a imigração para resolver a questão da falta de mão-de-obra nas fazendas de café. Por outro lado, o Japão queria aliviar a tensão social que provinha do seu alto índice demográfico (NINOMIYA, 1995).



Imagem 9 – Festa do Mel, Nata e Rosca de Ivoti de 2008.

Fonte: IWASAKI, 2008.

Com intuito de realizar a mais perfeita apresentação possível nesta festa da cidade de Ivoti, as senhoras que iriam desenvolver as danças haviam passado por um longo período de ensaios, que abarcava alguns meses. Uma das danças apresentadas se chamava *Umiwo Watate Hakunen Sai*, fazendo referência ao mar e aos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Nesta dança, os leques que inicialmente acompanhavam as dançarinas foram substituídos por bastões com guizos nas pontas que auxiliavam na marcação dos movimentos delicados que seguiam uma melodia suave (IWASAKI, 2008).

Cabe referir ainda, a presença das danças como algo presente na educação das crianças da Colônia Japonesa de Ivoti. Indicando uma relação de valor a ser mantida entre as gerações desta herança cultural por meio de momentos de aprendizado realizados em espaço escolar. Esta forma de aprendizado, que ultrapassa os momentos familiares e aqueles ligados a eventos surgiu em uma das fontes referentes ao ano de 2008.

[...] Depois do colégio, os netos da dona Yasue vão pelo menos três vezes por semana para outra escola: a de japonês. E lá não freqüentam só os filhos de japoneses aqui da colônia. Crianças de outras etnias também circulam pela sala de aula. Lá elas aprendem sobre a cultura e a escrita. Hoje, por exemplo, teve aula de dança e katakana (um dos três tipos de

escrita japonesa). A dança que as crianças ensaiaram hoje é do tempo dos samurais. A professora Teruko Takada me explicou que quando os governantes saíam de um vilarejo ao outro, uma guarda ia à frente para sinalizar a chegada. Eles então iam realizando um tipo de dança, com passos marcados e um bastão, que era batido forte no chão, para mostrar poder. As crianças fazem o mesmo, mas com cabos de vassoura (IWASAKI, 2008).

A notícia publicada foi acompanhada por uma imagem da sala de aula desta referida escola no momento em que 5 crianças (quatro meninos e uma menina) de faixas etárias distintas acompanhavam os movimentos ensinados pela professora Teruko Takada, que pode ser visualizada no momento do registro à frente da turma.



Imagem 10 – Crianças ensaiando dança em escola de japonês.

Fonte: IWASAKI, 2008.

Voltados a reconstruir um possível cenário sobre *Odori* em Ivoti, podemos observar em alguns momentos uma tentativa de mescla entre as identidades nipo-brasileira, teuto-brasileira com a sul-rio-grandense como parte do folclore do município de Ivoti, pois tal como vimos, várias foram as referências em que os grupos de dança da colônia foram requisitados.

Conforme os dados expostos, podemos deduzir que as danças da Colônia Japonesa de Ivoti ao estarem correlacionadas a importantes acontecimentos da comunidade ivotiense destacaram-se pela manutenção de um sistema de signos próprios partilhados dentro de sua própria cultura. Cabe salientar ainda, que esta prática por meio da preservação de vestimentas, da língua materna a nomear as danças, e da transmissão para as gerações mais novas podem ser compreendidas como representações construídas historicamente por este grupo, fazendo parte da memória e da identidade de seus membros.

d) Sumô

O *Sumô* é uma arte marcial, de origem japonesa, que conserva em sua prática aspectos de antigos rituais religiosos. Sua história envolta em lendas, nos remete a um passado longínquo, que relaciona seus primeiros combates a um tempo inscrito há mais de dois mil anos (DARIDO, 2011). Dentro desta perspectiva, que engloba as possíveis origens desta modalidade, está a descrita no livro de crônicas antigas *Kojiki* referente ao ano 712 d.c, em que o destino das ilhas japonesas, uma vez repousou sobre o resultado de uma luta entre dois deuses, *Takemikazuchi* e *Takeminakata* (HALL, 1997).

Durante os séculos referentes aos períodos *Nara* (645-794) e *Heian* (794-1185), esta modalidade era conhecida como *Sechiezumo*⁴² e era cerimonialmente realizada uma vez por ano, no sétimo dia do sétimo mês na corte imperial, tendo como seus principais espectadores, ilustres figuras da realeza que representavam o governo japonês. Portanto, partidas eram realizadas em santuários xintoístas e dedicadas aos deuses, na esperança de obterem boas colheitas.

Sob o patrocínio do imperador, a luta ganhou uma importância tão grande que para garantir a qualidade do evento, era tarefa dos representantes do governo, selecionar indivíduos que se destacassem por sua força e porte físico e que pudessem participar no evento anual. Sua preferência estendeu-se ao período *Kamakura* (1185-1334), que foi permeado por guerras sangrentas travadas ao longo do Japão, promovidos por uma espécie de ditadura militar que ficou conhecida como

⁴² Sechiezumo – Sumô praticado na corte imperial no Japão antigo. Servia tanto como ritual religioso quanto entretenimento.

shogunato⁴³. Consta que neste período, o *Sumô* foi implementado como parte do programa de treinamento dos militares, tendo em vista que nos primórdios as partidas eram bastante violentas, caracterizadas por uma combinação de um tipo de luta livre, boxe e judô que visavam forçar um inimigo para o chão, onde este poderia ser facilmente imobilizado. Para além dos princípios de lutas, operavam em paralelo, a música, leitura de poesia, danças sagradas e encenações de artes dramáticas (HALL, 1997).

Na era Tokugawa (1603-1868) o *Sumô* tornou-se profissional, financiado pelos *daimyo*⁴⁴, juntamente com o apoio da população. Deste momento em diante, a estrutura organizacional do *Sumô* moderno consolidou-se, e seus elementos fundamentais permaneceram em grande parte inalterados até os dias de hoje, onde se acredita que sua prática, além de trazer força física, fortalece o espírito e melhora o controle mental (DARIDO, 2011).

Cabe ressaltar que o *Sumô* embora compartilhe sentidos comuns, não é vivenciado de uma só maneira. Para termos uma dimensão, no Japão, ele ocupa o posto mais alto na preferência dos nipônicos, tal como é o futebol para os brasileiros. Sendo sua importância tão grande que os grandes lutadores das categorias profissionais, nomeados *Yokozuna*⁴⁵ possuem hoje *status* equivalentes ao de ministros de Estado. Pois aqueles atletas que conseguem alcançar este alto patamar são vistos quase como uma divindade no país que já conta com campeonatos profissionais desde a década de 1920.

Os mais importantes torneios da atualidade ocorrem seis vezes por ano, com cerca de oitocentos lutadores e para se ter uma ideia da relevância destes torneios, nas principais disputas, que acontecem em Tóquio, os troféus são entregues pelo primeiro ministro japonês e, em ocasiões muito especiais, pelo próprio imperador (DARIDO, 2011). Privilégios que não se assemelham em nada a realidade dos *sumotoris*⁴⁶ amadores, que são a maioria no mundo, parcela que inclui os lutadores brasileiros.

Apesar de o *Sumô*, ser novidade para muitos, o primeiro campeonato realizado no Brasil que se tem registro foi realizado no ano de 1914, na colônia de

⁴³ Durante o período Kamakura (1185-1334) o único poder reconhecido na maior parte do Japão era exercido por uma espécie de governo militar, o bakufu. O líder máximo desse sistema era o shogun, um título equivalente ao de um generalíssimo, ou seja o supremo comandante (SOMMA, 2005).

⁴⁴ Senhores feudais das províncias.

⁴⁵ O mais alto estágio que um atleta pode alcançar no *Sumô*.

⁴⁶ Forma como são chamados os lutadores de *Sumô*.

Guatapar, um dos maiores redutos de imigrantes japoneses do início do século XX, que ficava localizada no interior de São Paulo. De l para c, os paulistas vem conseguindo manter esta prática milenar viva. Empenho que tem sido evidenciado por meio de organizaes desportivas como a *Federação Paulista de Sum (FPS)*, fundada em 1962 e da *Confederação Brasileira de Sum (CBS)* criada em 1998 (DARIDO, 2011). O Brasil é ainda um dos fundadores da Federação Internacional de Sum (IFS) criada em 1992, além de realizar a primeira competição mundial amadora fora do Japão em 2000, no Ibirapuera, em São Paulo (IFS, 2016).

Os atletas brasileiros já conquistaram diversos títulos mundiais nas categorias feminina e masculina. Dentre eles, estão dois títulos mundiais, conquistados por Cláudio Ikemori na classificação peso leve em 2004, e no Shinzumo, Fernanda Pereira no peso pesado em 2005, em Rieza na Alemanha. Complementando este quadro de resultados no ano de 2010, Luciana Montgomery Watanabe conquistou um bronze no Mundial realizado do Japão.

Como parte da agenda do Sum no Brasil são realizados, anualmente, no mês de julho, eventos combinados como o Campeonato Brasileiro Masculino, Campeonato Brasileiro Feminino, Campeonato Sul-Americano Masculino e Campeonato Sul-Americano Feminino de Sum, sediados no Ginásio de Sum do Conjunto Esportivo e Cultural Brasil/Japão, em Bom Retiro, São Paulo. Apesar de nenhum brasileiro ter alcançado o grau de *Yokozuna*, o paulista Ricardo Sugano faz parte de uma classe de *sumotoris* no Japão, a dos *Makuuchis*, a qual é vista como distinta no país. Ricardo utiliza o nome de *Kaisei Ichiro*, e nos campeonatos usa um *kesshou-mawashi*⁴⁷, um cinto cerimonial pr-luta com a bandeira brasileira e o Cristo redentor bordado (SANTOS, 2012).

Embora existam organizações que regulamentam e tentam difundir esta modalidade. Ainda há os que estranham, ou fazem piadas sobre o biotipo dos lutadores ou mesmo com relação ao tipo de vestimenta utilizada pelos mesmos durante as competições, conhecida como *mawashi*⁴⁸. Estas posturas equivocadas

⁴⁷ O *Kesh-Mawashi*  um cinto utilizado por lutadores de divisões superiores como a *makuuchi* e *jry*, durante a *cerimnia* de entrada no ringue. Este "cinto" de seda mais largo na parte inferior se abre como um avental grande, a quase tocar nos tornozelos. Geralmente possui muitos bordados, também podendo anunciar o produto de um patrocinador, ou seja, representa um dos grupos de apoio do lutador. No caso de o lutador ser de origem estrangeira (como Ricardo Sugano) a bandeira do país pode estar representada *kesshou-mawashi*.

⁴⁸ Espécie de cinto protetor que os lutadores de Sum utilizam durante a prática da arte marcial. Além de representar uma luta sem armas, serve tanto para proteger osrgos genitais, como para facilitar golpes de agarramento facilitando a retirada do oponente para fora do *dohyo*.

infelizmente ocorrem em diversos meios e são em parte fortalecidas pela mídia. Como exemplo, no ano de 2014, em programa televisionado pela emissora Rede Globo, um convidado questionou de forma rude o uso do *mawashi*.

Ao se dirigir a dois praticantes que haviam sido convidados para fazer uma demonstração indagou: “Eu tenho uma curiosidade, por favor. É o seguinte, aquela roupa ridícula tem alguma função”? (GLOBOTV, 2014). Este comentário, que foi seguido de risos, indica que seria proveitoso, principalmente para fins de desmistificação, uma maior divulgação em nosso país a respeito do *Sumô*, que além de ter uma rica história, há muitas décadas possui atletas dessa modalidade de luta, contando até com campeonatos nacionais nas categorias adulto e infanto-juvenil.

Esta falta de conhecimento, em parte contribui negativamente para que os campeonatos ocorram de uma forma mais tímida e localizada em cidades que constituem colônias japonesas ou arredores. Outro complicador são as condições para a realização dos campeonatos, pois devido a falta de visibilidade, a maioria dos atletas tem participado com dificuldade, muitas vezes tirando dinheiro do próprio bolso. Fato que ocorreu com a seleção brasileira de *Sumô* na tentativa de comparecer em uma das edições dos Jogos Mundiais realizados em Taiwan na edição de 2014. Os lutadores, para poderem participar precisaram fazer rifas e correr atrás de patrocínio para conseguir arcar com os custos da viagem (RODRIGUES, 2012). No entanto, essa não é uma exclusividade dos *sumotoris*, já que acontece com a grande maioria das modalidades esportivas que não são “moda”. Ou seja, os atletas brasileiros que praticam o esporte sem patrocínio, o fazem por “amor à camisa”, ou melhor, dizendo ao *mawashi*, e batalham por elevar o nome do Brasil diante do esporte mundial (SÃO PAULO SHIMBUN, 2011).

No Rio Grande do Sul, o *Sumô* tem sido difundido desde meados de 1960, principalmente nas colônias japonesas como, Ivoti, e Itati e em outras localidades onde possuem centros destinados a prática como Nova Petrópolis, São Leopoldo, Esteio e Glorinha. Este movimento tem sido viabilizado através da atuação de associações como ENKYOSUL, Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB) e Associação Cultura-esportiva de Itati/RS (ACEI), visto que ainda não existe uma "*Federação Gaúcha de Sumô*". O primeiro campeonato Gaúcho de *Sumô* foi realizado em 1960, através da ENKYOSUL. Mesmo não se tratando de um campeonato oficial ganhou grandes dimensões, visto que, desde 1961 os atletas gaúchos têm participado de Campeonatos Brasileiros. Inicialmente,

organizados pela Federação Paulista de Sumô e na atualidade pela Confederação Brasileira de Sumô.

Da realização do primeiro campeonato até os dias atuais, que contabilizam mais de cinquenta anos, esta arte marcial se difundiu entre os descendentes japoneses e não descendentes no Rio Grande do Sul. No estado, a modalidade vem mostrando atletas que também estão ganhando notoriedade na cena do esporte nacional e mundial, por meio de conquistas de títulos em campeonatos Brasileiros, Sul-Americanos e nos Campeonatos Mundiais, tanto em equipe como individual.

Como parte desta “família Sumô”, que é um termo utilizado pelos atletas gaúchos (FUKUNAGA, 2017), podemos citar Carlos Alberto Rauch, de Nova Petrópolis, que participou na categoria adulto em 2009, do *World Games* na Alemanha, sendo a primeira vez que um atleta brasileiro participou de uma edição desta competição. Bem como os irmãos esteienses Yuuki e Isamu Sato, por exemplo, que vem obtendo boas colocações desde quando participavam de categorias infantis até os dias atuais ao integrarem as categorias juvenis. Os dois obtiveram respectivamente o primeiro e segundo lugar do 53º Campeonato Brasileiro de Sumô, realizado em São Paulo, em julho de 2014 e mantém viva suas ascendências japonesas através desta arte.

Tal informação está sustentada, na própria educação recebida pelos pais, pois tanto Yuuki como Isamu praticam o sumô desde os quatro anos de idade. Para termos uma ideia, o pai deles, Antenor Sato disputa o campeonato brasileiro na categoria adulto há 25 anos e ficou em 3º lugar no mundial de Sumô em 1998. Como no Rio Grande do Sul existem apenas quatro *dohyos*, a saber: Itati, Gravataí, Ivoti e Nova Petrópolis (FUKUNAGA, 2017), a família Sato inteira treina no dohyô localizado na Colônia Japonesa de Ivoti (IRMÃOS SATO..., 27 ago. 2014).

Na colônia japonesa de Itati, também foram achadas evidências sobre a prática do *Sumô*. A primeira referência sobre o *Sumô* menciona o ano de 2008, quando foi realizado o 48º campeonato gaúcho da modalidade. Além da equipe de Itati estava presente a equipe de Nova Petrópolis que venceu a competição. Este evento ocorreu novamente em 2009 na cidade, configurando o 49º Campeonato Gaúcho de *Sumô*. O evento atraiu um grande público visitante, incluindo 45 atletas de todo o estado (ASSESSORIA DE IMPRENSA DE NOVA PETRÓPOLIS, 2008).

Logo, em 2012 foi transmitida uma reportagem no Programa Zona de Impacto da Rede Globo, veiculado na SporTV, sobre os atletas da cidade de Itati, treinados

pelo atleta Jorge Yutaka Takimoto conhecido como “Botian”. O programa apontou que o *Sumô* ocorria no ginásio da ASSOCIACAO CULTURAL E ESPORTIVA DE ITATI (ACEI). Neste local, o *Sumô* era praticado em média cinco vezes por semana, sob a orientação do professor Botian. Na sequência, este professor explicou que o *Sumô* como parte da cultura japonesa era praticado na cidade: “Como nós estamos há 40 anos aqui em Itati, essa cultura a gente cultiva ainda, que é a luta de *Sumô* em cima do *dohyo* simples que é este ringue”. Seguindo o relato deste mesmo professor, era comum a prática entre as crianças também.

As competições para os praticantes de Itati, também se tornou evidente nesta reportagem, na medida em que treinavam sistematicamente para o campeonato gaúcho que aconteceria em março daquele ano, e depois continuariam os treinos para participarem da seletiva para campeonato brasileiro, disputado São Paulo. Ainda foi salientado que o *Sumô* no Brasil contempla as categorias, peso leve, médio e pesado. Contudo, com as constantes crises financeiras, a perda de participação efetiva dos fundadores, e devido a impossibilidade da ENKYOSUL continuar auxiliando os atletas gaúchos, foi criada em 2003 a Associação Neo Petropolitana de Sumô e Associação de Sumô no Vale dos Sinos, que tem como presidente Renê Crespo⁴⁹. Crespo, em entrevista ao Jornal Novo Hamburgo durante a Feira da Colônia Japonesa de Ivoti em 2016, comentou que “o esporte japonês mais antigo tem atraído participantes que não tem descendência japonesa também” (MELLO, 2016).

As primeiras evidências encontradas nas fontes consultadas acerca do *Sumô* em Ivoti fazem parte do Jornal Livre Expressão, fundado na década de 1990, abordando o contexto de campeonatos. A partir de uma reportagem, acompanhada por 10 fotos distribuídas entre o *dohyo* (ringue), praticantes e suas respectivas equipes e público presente o jornal trouxe a realização do 1º Campeonato de *Sumô* na Colônia Japonesa de Ivoti. O Campeonato ocorrido no dia 26 de fevereiro de 1996, havia contado com patrocínio de representantes do comércio local, de compatriotas de Nova Petrópolis e de uma agência de turismo de Porto Alegre.

Quanto aos lutadores presentes estavam os moradores da colônia de Ivoti, São Leopoldo, Nova Petrópolis e Gravataí. As equipes divididas em categorias

⁴⁹ Renê Crespo, natural de Novo Hamburgo por muito tempo representou a Colônia Japonesa de Ivoti. Renê acumula títulos como: campeão mundial em 1991 foi campeão gaúcho nove vezes e campeão brasileiro quatro vezes.

infantil, juvenil e adulta entreteram o público com suas disputas e demonstração de ataques com grande velocidade. “Dos cinquenta países que praticam o Sumô, tecnicamente o Brasil é segundo do ranking, perdendo apenas para o Japão” (CAMPEONATO DE SUMÔ..., 28 fev. 1996, p. 6).

Devido ao fato de as imagens que registraram este momento serem numerosas, optamos por trazer duas que por meio de algumas particularidades nos auxiliaram a refletir e compreender a representação da prática do *Sumô* ao levar em conta suas diferentes formas vivenciadas.



Imagem 11 – 1º Campeonato de *Sumô* da Colônia Japonesa de Ivoti.
Fonte: CAMPEONATO DE SUMÔ..., 28 fev. 1996.

Esta primeira imagem utilizada para representar simbolicamente uma disputa de *Sumô*, ao ocupar o topo da página supera as demais em tamanho e detalhes. A ilustração ao conter personagens utilizando o penteado conhecido como *chonmage* ou apenas *mage*⁵⁰, (DARIDO, 2011) e o *mawashi*, incluindo a versão *kesshou*, que parece ser a vestimenta do lutador fora da área do *dohyo*, certamente pretendia chamar a atenção para a realização do campeonato. Destacamos estes detalhes, pois o uso do *mage* e do *kesshou* ao fazerem parte do esporte profissional não são

⁵⁰ Chonmage ou mage é uma forma de penteado tradicional japonês utilizado pelos sumotoris indicando o estágio em que o lutador se encontra. Só pode ser cortado na cerimônia de aposentadoria do lutador (DARIDO, 2011).

exigências da prática esportiva por amadores, tal como ocorre no caso do Rio Grande do Sul em Ivoti.

Como veremos na imagem abaixo, os lutadores em um momento descontraído utilizam o *mawashi* por cima de bermudas ou sungas. No Brasil, os homens tem a opção de escolher como lutar em campeonatos regionais: com a sunga ou sem. Conforme aponta Higuchi (2016), em campeonatos estaduais e nacionais, é uma exigência o uso de uma sunga antes de colocar o *mawashi*. Esse padrão brasileiro é mantido por ser considerado uma característica que remete aos antepassados imigrantes que tiveram a idéia de usar um short ou sunga antes de colocar deste cinto protetor, pois tinham de improvisar o material utilizado na fabricação desta peça que normalmente é de algodão, utilizando sacos de arroz e outros materiais inadequados, que rompiam com facilidade (HIGUCHI, 2016).

Segundo o depoimento de Sérgio Fukunaga, no Brasil o motivo do uso da bermuda ou short por baixo se divide entre o cultural e o sentimento de vergonha:

Nós aqui no Brasil teria assim um motivo mais cultural. O pessoal já não aceita usar o *mawashi* e imagina tu usar sem...A gente usa uma sunga, um calção por uma questão...Talvez até um pouco de vergonha, e não vai ser muito bem aceito culturalmente no Brasil (FUKUNAGA, 2017).



Imagem 12 - Equipes descontraídas.

Fonte: CAMPEONATO DE SUMÔ..., 28 fev. 1996.

A utilização do *dohyo* da Colônia Japonesa manteve-se como um dos espaços compartilhados por atletas amadores de diversas cidades no século XXI. Em 2003, a sede da ACENB foi palco para três eventos de *Sumô* agrupados e organizados em suas respectivas edições. Foram eles: 43º Campeonato Brasileiro, 3º Campeonato Feminino e 2º Campeonato Máster. Por serem eventos de maiores dimensões, importantes nomes do *Sumô* nacional e internacional compareceram para competir e prestigiar, como Kaneyoshi Ueno, duas vezes campeão brasileiro e na ocasião, um dos organizadores do campeonato no Estado. Também esteve presente Carlos Rauch, campeão brasileiro da categoria peso médio (até 115 Kg) e um dos melhores do mundo, além de outros ex-campeões nacionais.



Imagem 13 - Luta no campeonato de *Sumô* de 2003.

Fonte: CAMPEONATO DE SUMÔ, 28 de Abril de 2003.

Nos anos seguintes a prática sucedeu como verificamos a partir da realização do 54º Campeonato Estadual de *Sumô*, que ocorreu no dia 30 de março de 2014 no *dohyo* da ACENB, reunindo naquela ocasião equipes de Nova Petrópolis, Itati e São Leopoldo, sendo disputado nas categorias: Mirim, Infantil, Adulto Leve, Adulto Médio, Adulto Absoluto, além de uma competição por equipes. Na edição em questão, o destaque foi o atleta Carlos Rauch que levou o título da categoria Adulto Médio para Nova Petrópolis (Diário da Encosta da Serra, 2014, p. 25).



Imagem 14 - 54º Campeonato Estadual de *Sumô*
Diário da Encosta da Serra, 2014, p. 25.

Na tentativa de buscar uma representatividade mais particular e compreender significados de cunho mais detalhado sobre a história do *Sumô* no Rio Grande do Sul e na Colônia Japonesa de Ivoti, ao nos aproximarmos das memórias de Sérgio Fukunaga podemos perceber o quanto há de significativo por trás de uma tradição e dedicação às práticas corporais nipo-brasileiras para aqueles que vivem nas comunidades de todo o estado.

Nesse caminho, guiado por sua trajetória nesta arte marcial, lembrando ora de sua infância ora seu envolvimento quando adulto, Sérgio Fukunaga nos apresentou um contexto muito rico, alicerçado na história de sua família que o incentivou a praticar o *Sumô*, como ele bem lembrou “por ser cultural entre eles ter que lutar”. Ao recordar o passado, mencionou que provavelmente tenha tido a iniciação nesta arte marcial entre os seis, sete anos de idade. E que não era algo opcional: “Não era nem opção, era uma obrigação de continuar a cultura japonesa”. As diferenças entre o *status* relacionado aos lutadores profissionais japoneses e brasileiros, bem como a dinâmica dos treinos no Japão que se concentram em escolas especializadas também foi comentado:

É que no Japão ele é profissional. É uma profissão e a pessoa se dedica exclusivamente ao *Sumô* e aqui cada um tem sua profissão, então a gente vai participando de treinos nos

finais de semana. Então, é bem diferente quanto a própria doutrina e disciplina né? A gente aqui é bem mais amador do que lá (FUKUNAGA, 2017, p. 3).

O *Sumô* em Ivoti veio logo no começo da colonização, como uma maneira de manter a cultura ativa. Anteriormente a criação de um *dohyo* específico na colônia, segundo o depoimento de Fukunaga (2017), “os antepassados tinham que improvisar um lugar onde eles pudessem treinar, mas não com toda a estrutura que tem agora ali”.

O desenvolvimento do *Sumô* em Ivoti e no Rio Grande do Sul, na atualidade tem tido uma expansão, mesmo que discreta, para além dos círculos de nipo-brasileiros nas colônias. Principalmente nos últimos anos, a participação de pessoas não descendentes de japoneses e, em paralelo esta diversificação desta arte marcial tem encontrado novos meios para se difundir. Os praticantes têm divulgando entre os amigos, alguns já utilizam redes sociais para postar treinos e divulgar campeonatos, ocasionado um interesse maior pelas pessoas que admiram tanto artes marciais como a cultura japonesa como um todo. Com relação a esta questão, Fukunaga salientou que, embora na atualidade já tenha alemães de Nova Petrópolis e um rapaz de Capão da Canoa dentre os praticantes que ele conhece, o grupo que constitui o *Sumô* no estado é ainda muito restrito.

Complementando esta ideia, em sua opinião o *Sumô* tem “variado” bastante os praticantes devido a estes novos adeptos, mesmo que ainda exista aquele preconceito “de usar uma fralda, que é meio pejorativo, mas quem gosta fica. Não adianta” (FUKUNAGA, 2017). Há uma motivação existente na prática da arte marcial, que quando baseada em princípios corretos influencia o caráter do praticante.

Para autores como Aries (1998) e Lee (2007), as influências advindas do oriente para com as artes marciais, a partir de princípios filosóficos ou de rituais religiosos como o budismo, taoísmo, xintoísmo e confucionismo estão intimamente arraigadas na cultura principalmente de povos do extremo oriente, a exemplo de China e Japão. As artes marciais ao incorporarem tais elementos visam preparar o sujeito física e espiritualmente, e objetivam, deste modo, seu aprimoramento como ser humano de uma forma mais ampla.

Esta dimensão foi percebida como uma realidade para Sérgio Fukunaga, pois na sua opinião para permanecer em uma arte marcial “A pessoa procura para um

pouquinho de disciplina e gosta da doutrina também, da hierarquia e coisas do estilo”. O significado desta prática traduz muitas vezes um sentimento de respeito ligada a laços de amizade, bem como reflete uma herança cultural familiar:

Para mim? Olha, eu desde que me conheço por gente, eu fui introduzido no Sumô. Então, o Sumô, nós chamamos de família Sumô. É uma coisa com muita disciplina respeito, é uma doutrina, é uma arte marcial em que nós vamos fazendo amizades. Por exemplo, eu, a primeira vez que eu fui em um Campeonato Brasileiro foi em 1977. Lá se vão muitos anos de muitas amizades e é isso, tudo dentro da doutrina (FUKUNAGA, 2017, p. 7).

Quanto a dinâmica de campeonatos e treinos, que como vimos anteriormente tem acompanhado o desenvolvimento do Sumô na colônia japonesa de Ivoti desde a década de 1990 conforme observado nos jornais, há um preparo que inicia normalmente no mês de março em decorrência do Campeonato Gaúcho que ocorre em abril. É adotada uma frequência semanal com os atletas que competem em todo o estado e em decorrência disto, como há atletas que necessitam de um deslocamento maior, por morarem em Capão da Canoa, Itati, Nova Petrópolis, São Leopoldo e Esteio, fica difícil de haver encontros mais do que uma vez por semana. Desta forma, os atletas reúnem-se normalmente no sábado ou domingo, dependendo de um acordo. Já o Campeonato Brasileiro ocorre em julho, e para este evento é adotada uma dinâmica semelhante, com reuniões semanais que ocorrem em *dohyos* variados e não só em Ivoti. Há uma rotação entre os quatro dohyos do estado, o de Ivoti, de Itati, de Gravataí e o de Nova Petrópolis (FUKUNAGA, 2017).

d) Undokai

Nesta listagem segue o *Undokai*, prática que se apresenta como uma das tradições que os japoneses têm preservado desde a sua chegada em 1908, ocorrendo em vários estados brasileiros. O termo *Undokai* quer dizer encontro desportivo, sendo referido também como gincana esportiva familiar e, sua realização inicialmente possuía o intuito celebrar o aniversário do imperador⁵¹ e de ressaltar os valores japoneses (SATO, 2011; ENKYOSUL, 2012). O *Undokai* foi inventado no

⁵¹ O undokai marca a data de nascimento do imperador Hirohito, e é comemorado no Japão sempre no dia 20 de abril.

Japão durante o Governo *Meiji* (1868-1912), sob a intenção de formar bons cidadãos japoneses tal como infere Yanaguida (2003, p. 1):

Por iniciativa Del nuevo gobierno de *Meiji*, comenzaron a celebrar el 'undokai' em todos lós colégios nacionales y privados, y em otras entidades sociales com El proposito de formar Buenos vassalos Del Imperio del Sol Nasciente, física y mentalmente sanos e fuertes.

No Japão, a continuidade deste evento tem se dado em ambiente escolar e é realizado anualmente nos meses correspondentes ao outono, setembro, outubro e novembro. Enquanto no Brasil, os clubes japoneses espalhados em diversas regiões e municípios realizam o *Undokai* geralmente no mês de maio, reforçando a os laços culturais nipônicos e a perpetuação dos supostos signos de outrora. Pois, desde a fixação dos primeiros colonos em terra paulista, esta tem sido uma das mais importantes comemorações. Handa (1987, p. 245) conta que no período de conformação das colônias japonesas, no Brasil, festividades como as realizadas em homenagem ao aniversário do imperador envolviam um clima solene de cerimônia, o que não dispensava os comes e bebes. Havia ainda a competição *Undokai* e, às vezes, teatro e *Sumô*.

Os preparativos básicos para a competição *Undokai* geralmente eram feitos pelos membros da Associação dos Jovens. Uma parte era feita também pela Associação das Moças, como por exemplo, as fileiras de bandeirolas presas a barbantes e flores de papel usadas para enfeitar o local. No mês de outubro como não havia mais crisântemos, flor-símbolo da família imperial, o único jeito encontrado era recorrer às flores artificiais para completar a decoração. Handa (1987, p. 246) narra os momentos festivos dos primeiros imigrantes desse modo:

O pessoal do núcleo vinha assistir à gincana trazendo lanches e bebidas. Os mais íntimos se reuniam em grupos sobre o gramado e faziam trocas de iguarias. Era uma época em que não havia barraquinhas de comida e todos faziam pratos mais ou menos parecidos, como o arroz vermelho com feijão japonês azuki, o sushi...Se houvesse conserva japonesa de peixe do rio, era uma festa...

Há indícios que antes mesmo de desembarcar em terra firme, algumas atividades recreativas eram realizadas pelos imigrantes a bordo do navio *Kasato*

Maru. A partir da fixação dos japoneses nas fazendas do interior paulista, a realização da gincana *Undokai* tornou-se um referencial comemorativo para sociabilizar/integrar japoneses e seus descendentes, bem como na identificação identitária dos membros com a festa.

Desde a chegada dos japoneses ao Brasil, a vigilância e repressão à festa ocorreu somente no período de conflito da II Grande Guerra, na qual, as pessoas de origem japonesa ficaram a mercê da fiscalização governamental. Naquela primeira metade do século XX, o Estado brasileiro e as forças do Eixo (Japão, Itália e Alemanha) estiveram de lados opostos. E, o governo Vargas aumentou consideravelmente a vigilância aos indivíduos e grupos que supostamente mantinham relações com as “nações inimigas”. Existia o discurso de “perigo amarelo”, em relação aos japoneses, difundido pelos detratores propagandistas. Morais (2000) menciona que: “O rompimento de relações entre o Brasil e o Japão transformou a vida da colônia em um inferno”, e não se podia mais realizar o *Undokai*, a gincana oriental, nem disputar partidas de *Kendô*, a arte da esgrima japonesa. Restava apenas o *Hanafuda*, popular jogo de cartas para casais em que os parceiros deviam jogar silenciosamente.

Após o fim da Guerra, os encontros sociais para a gincana aconteceram normalmente, isto é, sem uma constante fiscalização por parte da polícia. Ao longo dos anos, a festa tem sido usada como referencial cultural, embora, a dimensão do conceito de identidade tem sido hibridizada com as múltiplas culturas existentes.

As atividades que compõe a gincana são normalmente as corridas individuais, corrida em equipe, cabo de guerra, salto em distância, entre outras, propostas pelas pessoas que organizam o evento, podendo ocorrer diferenças entre uma comunidade japonesa e outra. Vale ressaltar que a realização do *Undokai* pressupõe ir além do o espírito de competitividade. Nesta direção, sua essência não é o vencer, mas promover a sociabilização entre aqueles que participam.

Os encontros possibilitam a interação entre as gerações, por meio de atividades físicas para os idosos, outras aos jovens e àquelas direcionadas às crianças. Tal consideração pode ser feita, porque diferente das competições formais, nas quais, privilegiam-se os vencedores, as disputas esportivas do *Undokai* premiam também aqueles que foram vencidos. Dessa forma, tanto ganhadores como perdedores são agraciados com alimentos, que podem ser tanto não perecíveis

como doces, bem como objetos escolares e outros acessórios que mostrem consideração a sua presença e participação (SATO, 2011).

Com relação a realização do *Undokai* no Rio Grande do Sul, há estudos como o de Cravo e Soares (2009) que ao tratar da imigração nipônica em Santa Maria, descreve a partir de informações obtidas com entrevistadas, alguns aspectos de como as gincanas aconteciam em contexto santa-mariense.

Em termos de periodicidade, as gincanas em Santa Maria ocorriam uma vez por ano, eram organizadas pela Associação Nipo-Brasileira, que com seus grupos etários, delegava a organização do evento a várias pessoas, entre elas estavam as mulheres nipo-brasileiras. De acordo com uma das entrevistadas, referida no texto como Sra. T. K., a realização do *Undokai* era lembrada com carinho, como um momento de descontração e sociabilidade. No dia em que se realizava a gincana os parentes e amigos vinham “tudo de longe”, ocorriam brincadeiras, *karaokê* e danças. No entanto, o *Undokai* se extinguiu naquela localidade por causa do movimento *dekassegui* e também porque a mentalidade dos jovens havia se modificado (CRAVO; SOARES, 2009).

Este mesmo estudo refere que, o *Undokai* foi preservado durante 50 anos e que a colônia japonesa de Santa Maria era muito unida em relação a outras localidades. Através de um trecho de uma entrevista realizada com uma segunda entrevistada (Sra. M.N) é possível perceber esta interação:

Antigamente realizávamos Gincana esportiva (undokai) e Festival de artes cênicas (Engeikai). Depois que iniciou o movimento Dekassegui, a comunidade dispersou, principalmente porque o chefe de família se tornou ausente.

Enquanto o *Undokai* no Japão ocorria nas escolas, assim como outros eventos, aqui no Brasil, normalmente as comunidades reuniam-se todos em uma única ocasião, a exemplo da celebração do Dia dos Meninos e das Meninas, assim como outras datas especiais (CRAVO, SOARES, 2009).

Quanto ao *Undokai* na colônia japonesa de Ivoti, seus primeiros sinais apareceram nos jornais consultados somente nos anos 2000. Sendo que a primeira edição que obtivemos retratava a edição realizada em 2003. O jornal o Diário referenciou que “a tradicional Gincana Esportiva Undokai”, promovida pela Colônia Japonesa de Ivoti ocorria desde a década de 1970, visto que já estava em sua 30ª

edição, primando pela manutenção dos costumes e tradições trazidos pelos ancestrais. Ainda nesta edição foi mencionado que todos os anos, os moradores da Colônia Japonesa se reuniam para realizar a gincana visando promover a integração, por meio da promoção de jogos e brincadeiras que atraíam desde os mais jovens até os mais idosos. Muitos dos quais ainda representavam a primeira geração vinda do Japão há muitos anos tentando uma vida melhor. O evento havia ocorrido em um sábado e havia transcorrido durante todo dia contemplando “velhas brincadeiras como a corrida com velas acesas, procura da noiva, cabo de guerra, entre tantas outras que envolveram várias pessoas que disputavam a gincana”. Os vencedores eram premiados no final de cada tarefa com prêmios consumidos na culinária e na higiene e o vencedor final recebeu a taça que ficaria de posse como campeão até o ano seguinte, quando novamente seria colocada em disputa (GINCANA..., 2003).

A cultura japonesa é cheia de significados e a simbologia é muito utilizada para explicar fatos e histórias. Na Colônia Japonesa de Ivoti, ainda hoje, muitas coisas são explicadas através da simbologia, uma delas é a carpa ou *Koi*, peixe que representa a criança e a força interior do ser, pois ela nada contra a correnteza procurando um lugar melhor para viver. Na imagem que representa esta gincana no jornal O Diário, este símbolo foi destacado em um mastro colorido, ao lado de outro, onde estava hasteada a bandeira brasileira e a japonesa. Nestes dois símbolos, postos lado a lado é possível observar uma menção tanto a cultura japonesa quanto ao patriotismo.

Abaixo segue um dos momentos da gincana, representando a brincadeira “corrida com a bola”.

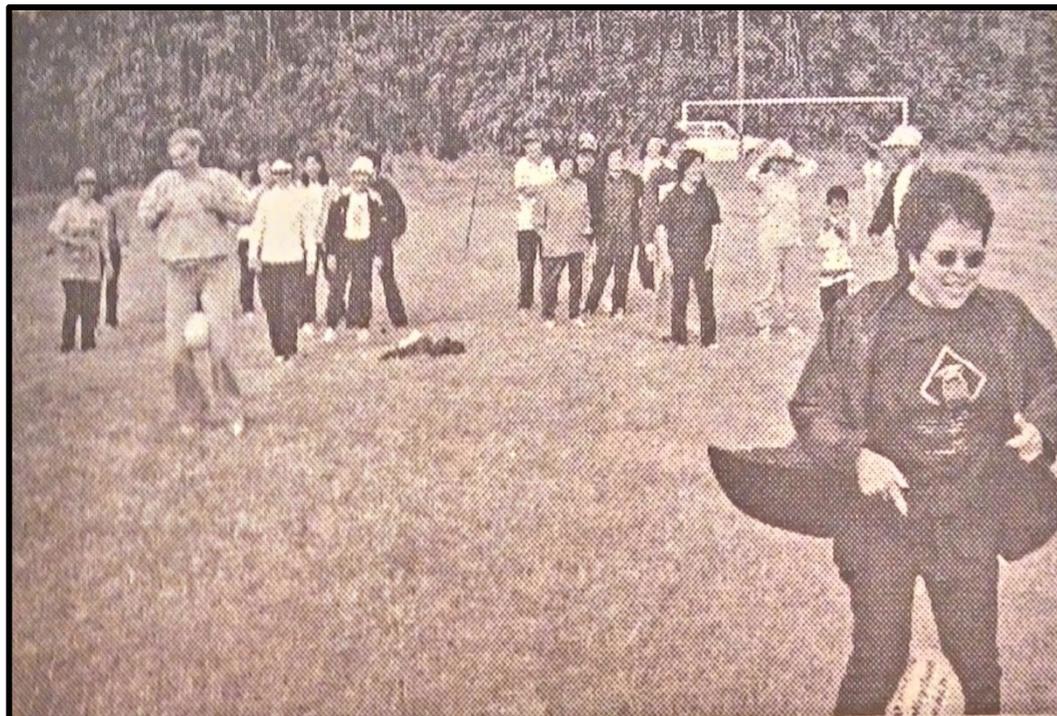


Imagem 15 - Corrida com a bola no Undokai

Fonte: GINCANA..., 14 de Abr. 2003.

No ano seguinte, em 2004 o Undokai foi celebrado novamente no campo de futebol da colônia de Ivoti e foram ressaltadas diversas brincadeiras realizadas como “cabo de guerra”, que no momento em questão foi formado por dois grupos de pessoas, com cerca de 10 de cada lado para puxar uma corda. A presença de muitas crianças da comunidade nipo-brasileira chamou a atenção dos mais idosos, que demonstraram contentamento com o fato. Um dos moradores em entrevista ao jornal o Diário comentou: “Estamos voltando a ter crianças aqui. Há uns cinco anos atrás só tinha velhos. Os filhos foram embora para o Japão e para a cidade” (UNDOKAI..., 26 abr. 2004, p.2). Abaixo um registro da brincadeira “cabo de guerra”.



Imagem 16 - Prova do “cabo de guerra” no Undokai de 2004.

Fonte: UNDOKAI..., 26 abr. 2004.

A sequencia desta prática do Undokai permaneceu cumprindo seu papel de promover integração cultural. Entre os anos de 2006 e 2013 que compõe parte de nosso acervo, a gincana apresentou novas atividades como *Radio Taissô* e brincadeiras como pegar graos com *hashi*, bola ao cesto, corrida do saco, corrida com pneu, corrida da perna-de-pau, corrida de revezamento, corrida de 50 metros realizada por adultos e crianças , bem como incluiu esportes como gateball e softball (GINCANA..., 20 abr. 2006). As atividades sempre apontadas como um momento de celebração organizado pela ACENB divertiram os participantes, tendo em algumas edições a presença de autoridades da cidade de Ivoti, tal como ocorreu na 40ª edição em 2012, quando a então prefeita Sra. Maria de Lourdes, o vice-prefeito Sr. Edio Klein e do Consul do Japão em Porto Alegre Sr. Takeshi Goto prestigiram o Undokai (UNDOKAI..., 2 de abr. 2012). O presidente da ACENB em 2012, Kuniharo Orita agradeceu todos os comerciantes e empresários que doaram alimentos, materiais escolares e guloseimas para premiar os participantes do Undokai.

Os participantes e organizadores puderam manifestar suas percepções na data em questão:

É muito bom ver a colônia toda unida e integrada. Os ivotienses têm um carinho enorme por vocês, afirmou a prefeita. O presidente da ACENB, Kuniharu Orita, lembrou que a gincana é realizada uma vez por ano e tem um significado especial: “organizamos esta atividade para que as famílias esqueçam o trabalho, pelo menos, uma vez por ano. Nossa intenção aqui é esquecer os problemas econômicos e brincar com a família. Algumas atividades são bem competitivas, como a corrida de revezamento; outras, pura diversão, como a corrida de sacos e a de comer pão. Aqui todos ganham prêmio. Não importa a ordem de chegada, explica o presidente ACENB. As competições são disputadas por gente de todas as idades. As brincadeiras vão desde a corrida feminina para acender uma vela e correr 50 metros sem deixar ela apagar e até engraçadas, que é a de tomar refrigerante, disputada por crianças e adultos (UNDOKAI..., 2 abr. 2012).

Em 2013, o *Undokai* já em seu 41º ano foi mencionado novamente no jornal O Diário como palco de uma “festa que foi trazida ao Brasil pelos primeiros imigrantes, e mesmo depois de um século da chegada dos pioneiros, permanece como um dos eventos mais importantes da comunidade nipo-brasileira” (PREFEITO..., 25 mar. 2013).

Como inferimos anteriormente, entre as práticas corporais do *Undokai* da Colônia Japonesa de Ivoti está o *Radio Taissô*. Esta prática será abordada de uma forma mais ampla nas páginas seguintes por ser um símbolo muito forte no Japão e nas comunidades nipo-brasileiras.

O termo japonês *Taissô*, pode ser traduzido como "exercícios de corpo ou ginástica" é de origem moderna e associada-se a contextos militares. Esta prática antes de chegar ao rádio, tal como indica seu nome, percorreu um grande percurso que iniciou na Era Meiji (1868-1912), conforme Shimizu (2007). Este autor conta que um famoso filósofo da época em questão Nishi Amane, na década de 1870 foi convidado para elaborar um código sobre a lei moral para o Ministério do Exército. Em vias de alcançar tal propósito, primeiro cunhou a palavra *Taissô* como um equivalente a vários termos estrangeiros: *gymnastiek* (holandês), *ginástica* (Inglês) e *gymnastique* (francês). Essa aproximação de termos, feita por Nishi partiu da expressão, 'art d'Exercer le corps ', contida na edição de 1868 do dicionário francês-japonês de Noël's. Ao tentar aproximar os termos adaptou o 'art d'Exercer le corps ' para *Taissô-jyutsu*, que veio a se tornar depois *Taissô* or *Taijyutsu*.

Com o passar do tempo, o exército japonês introduziu 'art d'Exercer le corps' como um método de treinamento físico, usado em combinação com comandos de exercício militar, o objetivo era melhorar a forma física de soldados japoneses. Assim, no início, o *Taissô* esteve fortemente associado a exercícios militares, como resultado da posição oficial de Nishi como um membro do Ministério da Educação e Cultura e do Ministério do Exército. Pode-se afirmar que sua elaboração esteve ligada à questão de como construir uma estrutura moderna do exército nacional.

A ênfase principal na construção de uma nação moderna na época era melhorar o corpo físico e cultivar soldados fortes. Dessa forma, esta se tornou uma das principais prioridades do país, ou seja, melhorar a força física de seus cidadãos. Como resultado, o *Taissô* se tornou profundamente ligado com a educação disciplinar e treinamento físico, principalmente nas escolas.

Arinori Mori, que foi o primeiro ministro da Educação e Cultura do Japão em 1885, adotou uma política nacional voltada a educação disciplinar e ao treinamento físico e, introduziu o *Taissô* como matéria obrigatória nos currículos escolares através das "Leis Escolares" promulgada em 1886. No mesmo ano, ele emitiu a "Lei da Escola Normal" com a finalidade de formar professores para educar os alunos de uma forma que nutrisse um caráter sério, obediência e amizade.

Foi no entanto, Nagai Michiakira que passou a usar o *Taissô* como uma ferramenta. O primeiro currículo dos professores japoneses de *Taissô* como disciplina, foi elaborado por Michiakira em 1913, que estudou ginástica sueca e outros esportes na América e Grã-Bretanha. Este professor fazia uma crítica ao Ministério da Educação por sua forte dependência do Exército, porque segundo ele a principal responsabilidade das escolas deveria ser "treinar a juventude".

Naquele tempo, a regulamentação da cultura escolar era profundamente influenciada pelas condições e acontecimentos sociais, tal como ocorreu durante a eclosão da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). A escola por ser um lugar onde a educação era fornecida, mas mais do que isso, por meio da educação disciplinar e treinamento físico, também funcionava para moldar o corpo e espírito em uma forma desejada pela nação.

A repercussão desta forma de ginástica alcançou um dos sistemas de comunicação mais efetivos da época. Foi então que surgiu o *Radio Taissô*, ginástica orientada com músicas pelo rádio, desenvolvido na década de 1920, como outra ferramenta para produzir um corpo disciplinado, especialmente no tempo de guerra.

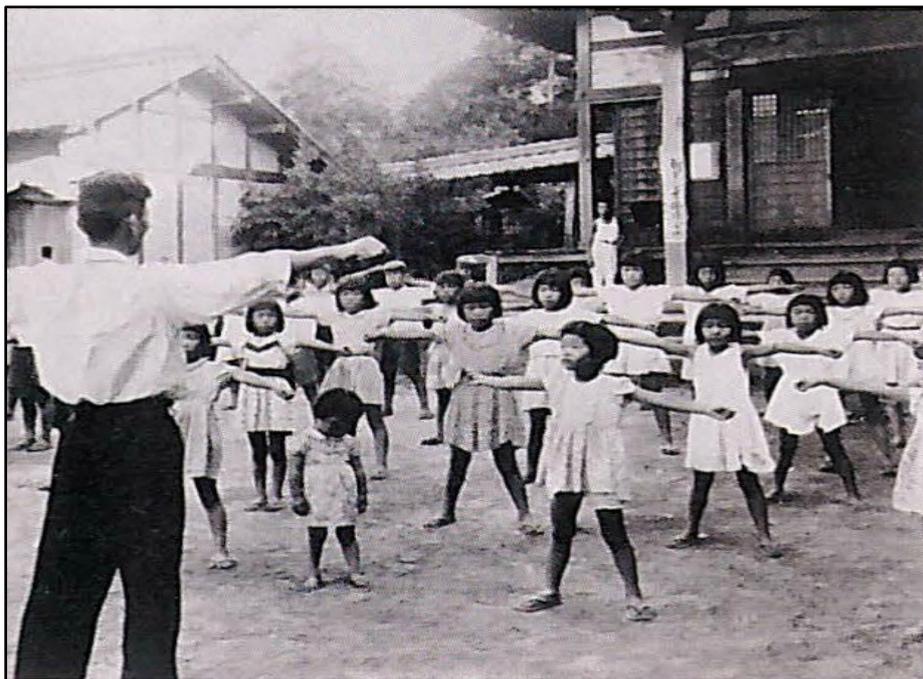


Imagem 17 - Crianças praticando o *Taissô* em escola do Japão em 1928.

Fonte: CLARK, 2015 - Site Ohio State University.

O *Radio Taissô* foi estabelecido no Japão em novembro de 1928 e surgiu naquele tempo como um ato em memória a entronização do Imperador *Hirohito* (1901-1989). Esta prática foi introduzida pelo Departamento de Seguros Simplificados do Ministério dos Correios e Comunicação juntamente com a Associação de Comunicação do Japão, Ministério da Educação e Cultura e a Associação das Companhias de Seguro de Vida.

Sua prática espalhou-se por todas as escolas japonesas, fábricas, empresas locais, corporações e organizações locais. Em 1931, os clubes de *Radio Taissô* se tornaram moda, uma tendência que se expandiu rapidamente. Primeiro, se tornou popular na região Metropolitana de Tóquio e, logo depois foi amplamente aceito em todo Japão, patrocinado pelo Ministério do Interior e do Ministério da Educação e Cultura. Em 1933, o numero de participantes abrangia 44 milhões de pessoas, aumentando para 75 milhões em 1935 e algo próximo aos 122 milhões em 1937, tornando-se mais tarde um símbolo nacional (SHIMIZU, 2007).

Atualmente, no Japão, a transmissão é feita pela emissora estatal NHK, diariamente, às 6h30 da manhã para todo o território nacional. É uma ginástica que

por envolver movimentos simples pode ser praticada por qualquer pessoa, em qualquer hora e em qualquer lugar.

Existem influências da realização do *Taissô* no Brasil relacionadas ao que conhecemos como Ginástica Laboral. No Brasil, o *Taissô* teria chegado por meio de executivos nipônicos no ano de 1969, nos estaleiros da Ishikawajima do Brasil (ISHIBRAS)⁵², empresa localizada no Rio de Janeiro, onde até a atualidade são praticados os exercícios visando a prevenção de acidentes de trabalho.

Os exercícios desenvolvidos nos Estaleiros da ISHIBRAS faziam parte de um Programa de “Ginástica Matinal”, que tem sido a mesma nomenclatura utilizada por praticantes da Seicho-no-ie em seminários desenvolvidos nas nomeadas “Academias de Treinamento Espiritual”, distribuídas por todo o país, na condição de desenvolver esta filosofia de vida. Em meados dos anos 1970, este programa mobilizava em suas instalações mais de 2.500 homens, que faziam exercícios durante 10 minutos antes de iniciarem suas tarefas laborais. Além disso, em 1978 foi formada a primeira Associação de “Rádio Taissô”⁵³ no Brasil, no bairro da Liberdade, em São Paulo, onde a técnica japonesa de se exercitar ao som de um rádio foi adaptada para a realidade dos brasileiros, abrindo espaço para atuação dos Profissionais de Educação Física da época (BRANCO et.al, 2015).

No Brasil, esta prática teve seu início no dia 18 de junho de 1978, em comemoração aos 70 anos de imigração japonesa, e é coordenado pela Federação de “Rádio Taissô” do Brasil. A Federação de “*Rádio Taissô*” do Brasil possui praticantes ligados a 30 entidades divididas em quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso do Sul, estimando-se que no país há mais de 10.000 praticantes. Outro marco importante do “Rádio Taissô” em território brasileiro se refere ao dia 14 de março de 1996, data em que passou a vigorar a Lei Estadual nº 9.345, em São Paulo, promulgada pelo governador Mário Covas, instituindo o dia do *Rádio Taissô*, comemorado em 18 de junho (POLITO, 2010).

De acordo com um trabalho realizado por Katsuoka e Ito (2005), a prática no Brasil é realizada por japoneses que vivem aqui e seus descendentes. Realiza-se em locais onde as colônias japonesas estão em maior concentração, nos chamados *Kaikans* (clubes de encontro para japoneses e descendentes). Este estudo ainda

⁵² Ishikawajima do Brasil Estaleiros S/A (ISHIBRAS) é um estaleiro brasileiro, instalado na cidade do Rio de Janeiro. A empresa pertence a multinacional japonesa IHI Corporation.

⁵³ Termo adaptado para a grafia portuguesa. Mesmo que o termo já tivesse sido adaptado ao Romaji, foi necessária uma segunda adaptação para marcar a acentuação.

destaca que o “*Rádio Taissô*” nestes centros é muito apreciado pelos idosos que além de se sentirem melhores, fazem amizades e valorizam muito essa atividade.

Com relação ao “*Rádio Taissô*” em Ivoti, seus primeiros sinais foram evidenciados nas reportagens que referenciavam o *Undokai*. Pois, em diversas edições do *Undokai* o “*Rádio Taissô*” aparece como parte inicial da programação. A fim de confirmar tal informação, o Jornal o Diário divulga que o “*Rádio Taissô*” compôs o *Undokai* realizado na colônia japonesa de Ivoti no ano de 2012. Dentre as 20 modalidades esportivas disputadas que divertiram os participantes. Dentre as práticas realizadas na gincana estavam o *Radio Taissô*, compondo um dos momentos iniciais do evento como forma de aquecimento para todos.



Imagem 18 - Rádio Taissô no Undokai na Colônia Japonesa de Ivoti

Fonte: UNDOKAI..., 2 abr. 2012. Disponível em: www.odiario.net.

A fim de viabilizar O *Rádio Taissô*, é utilizado um CD que contem a gravação da série de movimentos a serem executados. O áudio em questão possui ao fundo uma suave música de piano, e juntamente a isto os comandos são transmitidos em japonês, e cadenciados através da contagem que evidencia quantas repetições são necessárias. Contando em japonês, movimentos como estender os braços na altura dos ombros e desce-los até a altura do quadril juntamente com leve flexão de joelhos foram executados. Bem como, rotação e flexão de tronco para ambos os lados, para frente e para trás (UNDOKAI..., 2 abr. 2012).

A prática do Undokai na Colônia Japonesa de Ivoti ao ser realizada pela ACENB, além de promover momentos de integração vivenciadas por meio das brincadeiras e os esportes como vimos ultrapassam as questões de competitividade, quando há uma valorização maior do vencer. Antes disto, o encontro entre as gerações e a própria participação do indivíduo são salientadas, uma vez que há premiação também para aqueles que também perdem.

Em nosso entendimento, há significados em torno da identidade cultural nipo-brasileira que são canalizados por aqueles que participam, criando uma atmosfera simbólica de demarcação de fronteiras para outros grupos étnicos-culturais. Por meio da realização da gincana ao longo dos anos, o engajamento da comunidade como um todo se torna evidente, reproduzindo uma memória de outros tempos. Deste modo, além de criarem coesão entre os indivíduos da comunidade, reforçam o discurso que os fazem ser reconhecidos como nipo-brasileiros, ou como lembra Chartier (2000), vão fortalecendo a representação por meio da ressignificação destas práticas, o que os conduz a estabelecer novas formas de compreenderem-se tanto individualmente como grupo perante o mundo social que os cerca.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender como as práticas corporais de ascendência japonesa foram renegociadas na Colônia Japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1980 e 2010, a partir de uma perspectiva da História Cultural. Nesse sentido, a presente abordagem voltou-se a construir uma versão possível da realidade, por meio de fontes históricas referentes ao período investigado, articuladas a interpretações balizadas por conceitos como práticas, representações e identidade cultural.

A Colônia Japonesa de Ivoti é concebida como uma das maiores colônias do Estado do Rio Grande do Sul e sua história parte do ano de 1966, com a chegada de 26 famílias japonesas a uma localidade onde predominava a presença de teuto-brasileiros. Tal situação gerou diferentes discursos do que representou este contato cultural, por um lado há indícios que nos primeiros anos os japoneses haviam enfrentado algumas dificuldades devido uma certa resistência por parte dos alemães, fato que os teria afastado do convívio social integral com este grupo que já ocupava a região desde o início do século XIX. Por outro lado verificamos passagens que apontam um movimento contrário, ou seja, a colônia japonesa encontrava-se mais “fechada”, como se os nipo-brasileiros tivessem alguma dificuldade em se integrar ao pleno convívio comunitário. Porém, a realidade aos poucos foi se modificando, mesmo sob a presença destas indicações de resistência que foram sendo dissolvidas pouco a pouco.

Apontadas estas divergências, gradativamente os nipo-brasileiros e teuto-brasileiros integraram as etnias e as manifestações culturais, incluindo os momentos em que passaram a compartilhar festividades que garantiram uma convivência harmoniosa entre estes povos que tinham o objetivo comum de reconstruir suas vidas em uma nova terra. Esta relação permitiu que os imigrantes japoneses da Colônia de Ivoti, mesmo em um espaço com demarcações simbólicas fortemente construídas pela identidade teuto-brasileira, pudessem ressignificar tanto sua identidade quanto suas práticas culturais e dentre estas as corporais.

A Colônia Japonesa apresentou ter alcançado um bom desenvolvimento econômico gerado pela produção de flores, hortaliças e do cultivo de uvas que por um longo período foram o ponto forte de renda na colônia, passando também a desempenhar um importante papel no cenário econômico de Ivoti. Apesar deste

destaque, alguns problemas relacionados ao cultivo da uva tiveram que ser contornados, pois esta que antes era uma das maiores fontes de subsistência posteriormente alcançou expressivo crescimento de novos parreirais em todo o Brasil, ocasionado um decréscimo considerável do preço. Esse fato levou parte da população a se mudar para o Japão em busca de novas condições de vida, configurando o fenômeno *dekassegui*, que iniciou na década de 1980 e atingiu tanto a estrutura familiar deste grupo devido ao afastamento geográfico, bem como ocasionou certo enfraquecimento da cultura entre as gerações.

Os vestígios encontrados indicam que para manter o contato com os conterrâneos e preservar as origens nipônicas, os moradores da colônia passaram a se organizar por meio da Associação Cultural Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB) fundada em 1981. O Memorial da Colônia criado em 2011 também assumiu um papel de difusor dos aspectos culturais, alimentares, dos festejos, da religião, do lazer e do esporte. Locais que representam uma das principais formas de promoção de suas atividades culturais e de preservação identitária. Diante deste contexto, percebe-se a relevância destes espaços por estes representarem lugares de memória, que cotidianamente fazem lembrar fatos do passado contribuindo para a construção da memória coletiva da colônia.

Como parte da manutenção desta memória coletiva, no cenário sul-riograndense, os nipo-brasileiros da Colônia Japonesa de Ivoti por meio de suas práticas corporais nos possibilitaram entrar em contato com práticas que transpõe as concepções tão presentes no imaginário social que os liga intimamente e, algumas vezes restritamente a difusão das artes marciais no estado. Embora algumas das práticas evidenciadas pertençam a este entendimento como *Judô* e o *Sumô*, várias outras tem sido conservadas no tempo presente pela comunidade, sendo elas o *Gateball*, *Odori* e *Undokai*.

A cultura inerente às práticas corporais japonesas, por se utilizar desta transmissão possibilitada pela memória cultural representa simbolicamente uma identidade nipo-brasileira atrelada ao que conhecemos como Patrimônio Cultural, que é recebido por tradição e construído por meio de comportamentos, uso da língua materna, vestimentas, assim como os movimentos das danças, golpes de artes marciais, o saber fazer de alimentos e de bebidas típicas dotadas de sentido e pertencimento que ampliam os valores culturais entre as gerações. Dessa forma, a

função de patrimônio vai sendo estabelecida por meio do reconhecimento e compartilhamento destes bens pela comunidade que os produz.

Ao tratar das práticas corporais na Colônia Japonesa de Ivoti, buscamos tanto descrever seus processos históricos como discutir como foram sendo concebidas e renegociadas neste espaço social. Da mesma forma buscamos elencar alguns dos elementos culturais presentes em cada uma delas. No caso do *Gateball*, ao ser desenvolvido entre os nipo-brasileiros, a prática parece ter maior proximidade com os idosos da comunidade, que se encontravam na quadra da ACENB, para durante as partidas de *Gateball* desfrutarem de lazer e diversão. E paralelamente a estes propósitos, o caráter competitivo fez-se presente ao refletir-se em campeonatos regionais e estaduais. A presença de crianças mesmo que evidenciada em menor escala sugere a tentativa de continuidade desta prática, a ser transmitida pelos mais velhos aos mais jovens.

A prática do *Judô* na colônia contou com um professor brasileiro nato, sensei Manoel Aparecido Lacerda, que compartilhou seus conhecimentos durante muitos anos, salientando-se a década de 1980. Usando como referência as reportagens do Jornal de Ivoti, a equipe de *Judô* é referenciada em festivais como o Festival do Folclore da cidade de Ivoti. A participação dos judocas incluía demonstrações durante o evento, que juntamente com os “cavalarianos” da cidade, a festa ainda contou com a presença da “sensacional BANDINHA ALEMÃ”, do município de Dois Irmãos, indicando certa interação entre as culturas. Ademais, este cenário pode nos indicar uma demarcação identitária de cada grupo em um festival de folclore, palavra esta que esta intimamente ligada às noções de povo, de tradição e, como não podia ser diferente, de cultura, pois de forma simples, folclore é a cultura popular tradicional, e no caso regional de Ivoti. Como parte da história do *Judô* em Ivoti, na década de 1990, a sede da ACENB é apresentada como um local que possuía uma academia voltada ao aprendizado e prática desta arte marcial, que era difundida na comunidade juntamente com outras atividades culturais como exposições e festas.

Quanto a presença do Odori que nomeia as danças tradicionais japonesas, dentre as representações desta prática foram encontradas inúmeras participações dos grupos de dança tradicional japonesa da ACENB em importantes eventos do calendário estadual e da cidade de Ivoti. Esta última organizava atividades culturais visando a valorização e a integração entre as culturas brasileira e japonesa, adotando por vezes nomenclaturas tanto da língua japonesa como da alemã para

divulgar as festividades. Tal fato, possivelmente visava trazer uma representação destas duas culturas e da identidade cultural que cada grupo carregava como uma forma de distinção simbólica.

Importa ressaltar também que os grupos de dança eram compostos também por senhoras e crianças, sendo dedicados eventos dentro da própria comunidade por meio da ACENB ou por meio da educação das crianças da Colônia Japonesa de Ivoti, na medida em que eram proporcionadas aos mais jovens momentos de aprendizado desta prática em espaço escolar.

As danças tradicionais por meio da preservação de vestimentas, da língua materna a nomear as danças, e da transmissão para as gerações mais novas podem ser compreendidas como representações construídas historicamente por este grupo. De tal modo, fazem parte da memória e da identidade de seus membros, indicando a manutenção de um sistema de signos próprios partilhados na sua própria cultura.

Os significados compartilhados no *Sumô* pela colônia japonesa acompanha a realidade dos *sumotoris* brasileiros, na condição de amadores. As primeiras evidências encontradas nas fontes consultadas acerca do Sumô abordam o contexto de campeonatos que reuniam lutadores não só de Ivoti, mas de outras cidades como São Leopoldo, Nova Petrópolis e Gravataí. Nestes campeonatos observou-se a participação de faixas etárias distintas, sendo as disputas organizadas pelas categorias infantil, juvenil e adulta.

Por meio de algumas particularidades observadas nas imagens pertencentes aos jornais consultados podemos refletir acerca das representações da prática do *Sumô* ao levar em conta suas diferentes formas vivenciadas. Enquanto as representações do *Sumô* profissional estão circunscritas a um contexto mais tradicional que exige uma maior rigidez de comportamentos por parte dos lutadores, bem como dos aspectos religiosos do shintoísmo que vemos nos *dohyos* do Japão, em Ivoti estes detalhes não foram percebidos. As lutas na Colônia Japonesa, assim como na maior parte do Brasil permitem que os lutadores utilizem bermudas ou sungas por baixo do *mawashi*.

O significado desta prática, para além da realização dos campeonatos, na atualidade tem abarcado praticantes não descendentes de japoneses e no meio familiar representa uma tradição que é transmitida desde a infância, tal como evidenciado no depoimento de Sérgio Fukunaga.

Os primeiros indícios relacionados ao *Undokai* remetem a década de 1970 e, ao longo dos anos, esta gincana que envolve um clima de festividade tem sido usada como referencial cultural entre os nipo-brasileiros. As atividades que compõe a gincana são organizadas pela ACENB e incluem uma variedade de brincadeiras e esportes que possibilitam a interação entre as gerações, na medida em que contemplam idosos, jovens e crianças. Além do mais, a realização do *Undokai* pressupõe ir além do o espírito de competitividade, posto que mesmo aqueles são vencidos recebem prêmios.

Ao mesmo tempo em que as práticas corporais de ascendência japonesa encontram-se presentes na colônia, outras como o futebol que possui uma representação muito forte como preferência dos brasileiros também apareceu, mesmo que discretamente, como uma prática realizada pelos nipo-brasileiros. Ademais, os contatos culturais entre japoneses e brasileiros provocaram outras transformações e a necessidade de adaptação, de reinvenção desta cultura, o que desta forma os auxiliava a se reafirmar em solo étnico de diferente origem.

Se por um lado havia elementos da tradição japonesa que deviam ser passados adiante, por outro houve a adoção de elementos da cultura brasileira e sul-rio-grandense. A combinação de elementos das duas culturas, como churrasco e sushi, chimarrão e chá verde, bem como a presença das bandeiras do Brasil e do Japão percebidas em festividades demarcam esta reconstrução e negociação da identidade nipônica.

Com base no exposto, a partir desta versão construída sobre as práticas corporais de origem japonesa na Colônia de Ivoti foi possível perceber que a cultura deste grupo de nipo-brasileiros embora tenha enfrentado dificuldades nos primeiros tempos não se perdeu com o movimento migratório. Antes disto, este grupo por meio do cultivo de práticas culturais garantiu certa diferenciação dos outros grupos étnicos que compunham a sociedade. Mesmo que a representação de “ser japonês” tenha sido negociada, sua cultura persistiu criando uma atmosfera simbólica de demarcação de fronteiras perante grupos que compartilhavam outras identidades culturais.

Cientes de que não foi possível contemplar todas as lacunas e interpretações acerca das representações geradas pelas práticas corporais na Colônia Japonesa de Ivoti, direcionamos estas linhas finais a sugestões que possibilitem novos estudos. Em decorrência de parte da formação da pesquisadora responsável por este estudo,

em nível de especialização, contemplar os estudos sobre o envelhecimento, apontamos que a produção de problemáticas que envolvam de modo mais particular a participação de idosos, tal como vimos ter grande expressividade entre o *Gateball* e outras práticas como o *Undokai* seriam de grande valia.

Primeiramente, por considerarmos que as percepções de uma geração que ao acompanhar as práticas desde a época de formação da colônia seriam relevantes por suscitarem memórias que podem ter se fragmentado ao longo das gerações e, em segundo lugar por representarem uma população crescente em nosso país a praticar atividades físicas, o que na atualidade compõem um campo fértil para as pesquisas em Educação Física.

8. REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

A COLÔNIA JAPONESA NO FUTEBOL. **Jornal de Ivoti**, 1ª quinzena, nov. 1985, p.16. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

A INFLUÊNCIA DOS IMIGRANTES JAPONESES. **O Diário**, 20 out. 2000, p.8. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, Thais Rodrigues de. **Gateball: jogo, cultura e identidade nipônica no Parque Farroupilha**. Salão de iniciação Científica. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

ALVES, Alessandra; POCAIA, Alessandra. Que tal uma partida de gateball? Esporte japonês abre espaço para atletas de todas as idades. **Revista NA ESPORTIVA** – Dezembro/ 2005, p.10.

ALVES FILHO, Francisco. O ritmo lento do Gateball. **Revista ISTOÉ**, 19 de junho de 2006. Sessão Comportamento, edição nº 1917. Disponível em: http://istoe.com.br/6955_O+RITMO+LENTO+DO+GATEBALL/. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMORIM, Vicente (direção). **Corações Sujos**. [Filme] Produção de João Daniel Tikhomiroff e Michel Tikhomiroff. Mixer, 2011. 90 min.

ÁRIES, Marcos Antônio. **A origem das artes marciais: O seu Simbolismo Como Veículo de Iluminação**. Itabuna: Gráfica Colorpress, 1998.

ASSMANN, Alice Beatriz. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul: configurações de praticas culturais (da década de 1880 à década de 1910)**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ASSMANN, Jan. **Collective Memory and Cultural Identity**. New German Critique, No. 65, Cultural History/Cultural Studies. (Spring - Summer, 1995), pp. 125-133.

_____. **Communicative and cultural memory.** In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook.* Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti. Cartaz de divulgação do Memorial da Colônia Japonesa em 2016. Acervo pessoal da pesquisadora.

A TRADIÇÃO MILENAR e cultura nipônica estão presentes em Ivoti. **Diário de Ivoti**, 21 out., 1994, ano II - nº 96, p.8. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

BACELLAR, Carlos. **Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico.** *Textos de história*, vol. 11, nº 1/2, 2003.

_____. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico.** Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 2009.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa.** Coleção Debates-Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 160p.

1º BLUMENSCHAU DE IVOTI, (花祭り). Hanamatsuri. **Jornal de Ivoti**, 12 outubro de 1991, p.13. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

BRANCO, Antônio Eduardo (organizador); AGUIAR, Lauro Ubirajara Barboza de; FIGUEIREDO, Fabiana; OLIVATTO, Marco Antonio; CARNEIRO, Marcia Ferreira Cardoso; TSCHOEKE, Rony; DA COSTA, Lamartine Pereira. **Ginástica Laboral: Prerrogativa do Profissional de Educação Física.** CONFEF, Rio de Janeiro, 2015.

BOSSLE, F. **“O Eu do Nós”:** o professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre: 2008.

Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALDAS, Alan. Mostra japonesa em Ivoti. **Jornal Ivoti**, 21 de setembro de 1991, p. 11.

CAMPEONATO DE SUMÔ COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**, 28 de Fevereiro de 1996, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CAMPEONATO DE SUMÔ. **O Diário**, Ivoti, 28 abr. 2003. Edição 672, Ano XI-Sessão Esporte, p.1. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CARDOSO, Roberto Machado. **Diferenças e similitudes pedagógicas e metodológicas nas três diferentes etapas de ensino do judô no projeto Bugre Lucena da ESEF/UFRGS**. 2014. Monografia (Licenciatura em Educação Física), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CEM ANOS DE IMIGRAÇÃO. **O Diário da Encosta da Serra**. Junho de 2008, p. 6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CLARK, Cameron. **Focus on ReKion: Exercise Recordings – ラジオ体操**. The Ohio State University - Japanese Collections, postado em 18 de fevereiro de 2015. Disponível em: < <https://library.osu.edu/blogs/japanese/2015/02/18/focus-on-rekion-exercise-recordings>>. Acesso em 21 de março de 2016.

COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**. 17 de Janeiro de 1995, p. 9. Acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA DE IVOTI comemora 80 anos de imigração. **Jornal de Ivoti**, Ivoti, de 9 a 15 de jul. 1988, nº 88, pg.3. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA: gateball. **Jornal Livre Expressão**, 1º de Maio de 1996, p. 8. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA onde as tradições são mantidas até os dias de hoje. **O Diário da Encosta da Serra**, jun. 2008, p.12. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA RECEBE MELHORIAS. **Jornal Livre Expressão**, jun. 1996, p. 6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COMITIVA JAPONESA de Shiga visitou Ivoti. **O Diário da Encosta da Serra**, 6 fev. 2013, p. 11. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian - **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2014.

CRAVO, Ana Carla; SOARES, André Luis Ramos. **Um Breve Olhar Sobre a Mulher Nikkei na Imigração**. Congresso Internacional de História. Maringá, 2009. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/TExtos/mulher%20nikkei.pdf>>. Acesso em 22 de março de 2016.

DACOSTA, Lamartine. **Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras**. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo et al. **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 29-40.

DANÇAS JAPONESAS DIVULGAM O NOME DE IVOTI. **Jornal de Ivoti**, jul.1985, p. 3. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física Escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011. v. 1. 464 p.

DHEIN, Cíntia Elisa. **A interpretação patrimonial da imigração alemã para o turismo na Rota Romântica RS/BR/** Cíntia Elisa Dhein. 2012. 176f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2012.

DILLY, Gabriela; GEVEHR, Daniel Luciano. **Para não espetacularizar o passado: memória, identidade étnica e educação patrimonial na construção do Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti.** COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 11, n. 2, jul./dez. 2014.

EMPRESAS DO BRASIL. **Cadastro nacional.** ACEI, 2015. Disponível em: <<http://empresasdobrasil.com/empresa/acei-90938259000170>>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

_____. ASERJI, 2015. Disponível em: <empresasdobrasil.com/.../assoc-esportiva-rec-colonia-japonesa-itapua-aserji-92099134000120>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo / Marcelo Alario Ennes.** - São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ENKYOSUL. **Jornal da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul**, abr. 2012, capa. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul.

EQUIPE NOVA PETROPOLIS É CAMPEÃ GAUCHA DE SUMÔ. **O Diário**, 25 abr. 2008. Edição 1938, Ano XVI - Sessão Esporte, p. 58. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

ESTADUAL DE SUMÔ. **O Diário da Encosta da Serra**, 30 abr. 2014, p.25. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

FEIRA DA COLÔNIA JAPONESA COMEMORA DOIS ANOS. **O Diário da Encosta da Serra**, 28 mar, 2014. Sessão Geral, p.13. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

FEIRA NA COLÔNIA. **O Diário da Encosta da Serra**, 31 mar. 2014. Sessão Geral, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

FEITOSA, Mônica Nascimento; SILVA, Sandra Siqueira da. **Patrimônio Cultural imaterial e políticas públicas: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local.** Salvador: UFBA, 2011. p. 193-208.

FESTIVAL DO FOLCLORE. **Jornal de Ivoti**, ago.1987, 2ª quinzena. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

3º FESTIVAL DO FOLCLORE DE IVOTI. **Jornal de Ivoti**, 1ª quinzena de agosto de 1985, p.15. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

FLORES, Moacyr. **Japoneses no Rio Grande do Sul**. Separata da Revista Veritas nº 77/75. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 1974.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOEGER, Andreia; DADALTO, Maria Cristina. Imigrantes japoneses no espírito santo e a mídia capixaba. **Revista Iniciacom**, vol. 2, nº 2, 2010.

FRANCHINI, Emerson; DORNELLES, Alfredo. **Judô**. In: Atlas do Esporte no Brasil, 2005.

FREDERIC, Louis. **Japan Encyclopedia** (new ed.).Harvard University Press, 2005, p. 147.

FROSI, Tiago Oviedo et al. **A prática do ciclismo em clubes de PortoAlegre/RS**. Pensar prá.(Impr.), v. 14, n. 3, p. 1-18, 2011.

FROSI, Tiago Oviedo. **Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva**. 2012. 224 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FROSI, Tiago; MAZO, Janice Zarpellon. **O abraileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940**. Movimento, 2012; 18.

FUKUNAGA, Sérgio. **Entrevista**. Concedida à Josiana Ayala Ledur. 01 de maio 2017. Transcrição: Josiana Ayala Ledur.

GATEBALL foi bem representado nas homenagens do dia do Esportista em Caraguá. **Expressão Caiçara**: o Jornal do Litoral Norte, de 25 a 31 de dezembro de 2013, p.7.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. **O trabalho temporário no Japão e seu reflexo na estrutura familiar da colônia de Ivoti**. IX Reunião de Antropologia do Mercosul, julho de 2011 - Curitiba, PR.

_____. **A saga dos imigrantes japoneses na História do Rio Grande do Sul.** Em homenagem ao cinquentenário da imigração japonesa. Porto Alegre-RS, 2006, não publicado.

_____. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. In: **Tecendo Relações: 200 anos de encontros entre Brasil e Japão.** Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS Edição Especial. Porto Alegre, 2003, p. 09-19.

GAYA, Adroaldo. **Ciências do movimento humano:** introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GILSON, Jacinta Milanez. **A invenção da cidade germânica:** tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, centro tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, SC, 2013.

GINCANA ESPORTIVA UNDOKAI. **O Diário**, segunda-feira, 14 abr. 2003. Edição 662, Ano XI- Sessão Geral, p. 6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

GINCANA NA COLÔNIA JAPONESA. **O Diário**, quinta-feira, 20 abr. 2006. Edição 1433, Ano XVI-. Sessão Esporte, p. 23. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

GOULART, Tânia. Japoneses marcam região com os costumes, folclore e flores. **Jornal NH**, 20 jun.2008, p.10.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Mina. **The big book of sumo:** History, Practice, Ritual, Fight. Stone Bridge Press,1997.

HANDA, Tomoo. **O imigrante Japonês:** história de sua vida no Brasil. São Paulo: Ed. T. A Queiroz e Centro de Estudos Nipo-brasileiro, 1987.

HIGUCHI, Taka. **Itati na Globo** - Sumô no Brasil, 7 de fev. 2011. Disponível em: <<http://sumobrasileiro.blogspot.com.br/2011/02/itati-na-globo.html>>. Acesso em 13 de maio de 2016.

HIRATA, Ricardo Yoshiyuki. **Tempo e Espaço na Dinâmica Migratória Japonesa:** o Caso de Mogi das Cruzes. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu, Minas Gerais, Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_438.pdf> .

HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade** (1990). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

IFS. International Sumo Federation. **A Brief Introduction to the International Sumo Federation and to the sport of Amateur Sumo**. Disponível em: <<http://www.ifs-sumo.org/ifs-recognised.html>>. Acessado em 02 de fevereiro de 2017.

INSTITUTO NITEN. Niten Rio Grande do sul. Disponível em: <<http://www.niten.org.br/rs>>. Acessado em 04 de abril de 2016.

IRMÃOS SATO BRILHAM NO SUMÔ. **Folha do Povo**, 27 ago. 02 de setembro de 2014 - Edição 381- Jornal Semanal de Sapucaia do Sul e Esteio, p.16.

“IVOTI” É O TERCEIRO NOME. **Jornal Livre Expressão**, 17 out. 1995, ano 2, nº 54 , p.5). Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

IVOTI RECEBE VISITA DO JAPÃO. **Jornal Livre Expressão**, 30 maio 1995, ano 1, nº 34, p.2. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

IWAMOTO, Vivian; SARAT, Magda. Danças japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. **Revista de História Oral**, Dossiê, v. 19, n. 2, p. 87-107, jul./dez. 2016.

IWASAKI, Jaqueline Moraes. DIÁRIO DE IVOTI: Mais gateball. **CLICRBS**, 18 maio 2008. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br>. Acessado em: 29 out. 2016.

JAPONESES PRATICARAM GATEBALL EM IVOTI. **O Diário da Encosta da Serra**. 23 abr. 2014, p. 25. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

JAPONESES VIERAM PARA SOMAR DESENVOLVIMENTO: cultura nipônica enriquece folclore do município. **Jornal Livre Expressão**, 17 out. 1995, ano 2, nº 54, p.7. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

JICA - Japan Internacional Cooperation Agency. **Os nikkeis e a sociedade brasileira nos próximos 20 anos**. Relatório da Comissão da São Paulo, 2003.

KARAOKÊ NA COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**, set. 1995, p. 21. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

KILPP, Cecília Elisa. **O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do

Movimento Humano). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KOJIMA, Shigeru. **Um estudo sobre os japoneses e seus descendentes em Curitiba**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 1991. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24621>.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KUBOTA, Nadia Fujiko Luna. **Relatos de chegada: imigrantes japoneses em Campo Grande**. Auroraunesp. Ano II, n. 2, jun. 2008.

KUSANO, Darci. **Teatro tradicional japonês**. Fundação Japão em São Paulo, publicado em fevereiro de 2013. Disponível: <http://fjisp.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/teatro_tradicional_japones.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2016.

LEDUR, Josiana Ayala; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. Karate Goju-Ryu no Rio Grande do Sul: revisitando a vida de Akira Taniguchi. **Record: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro. 2013; 6: 1-23.

LEE, Bruce. **Aforismos**. Tradução: Claudio Salles Carina. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

LOURENÇÃO, Gil Vicente. Kendo: devir samuraico, mitológicas e ritológicas nipônicas. Adentrando a 'Casa Japonesa'. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.1, n.2, jul.-dez., p. 64-93, 2009.

MADURO, Luiz Alcides Ramiro. **A formação e a sua influencia no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições**. Tese de Doutorado (2011). Faculdade do Desporto (FADE)/ Universidade do Porto (PT). Porto/PT.

MAHER, Terezinha Machado. **Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural**. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p.67-94.

_____. **A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo.** In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C (Orgs.). *Lingüística aplicada: suas faces e interfaces.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b, p.255-270.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte:** problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MATIDA. **Odori: Japanese Dance.** Editora Routledge, 2013, 74 p.

MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945):** espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. 2003. 366f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto – Portugal, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/18673>> Acesso em: 22 de setembro de 2016.

_____. Bolão. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/219.pdf>>. Acesso em: 10 agosto de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELLO, Suzi. Feira na Colônia Japonesa já recebeu 10 mil visitantes este ano. **Jornal NH**, postado em 24 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/04/noticias/regiao/317717-feira-na-colonia-japonesa-ja-recebeu-10-mil-visitantes-este-ano.html>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

MEMORIAL DA COLÔNIA JAPONESA. **O Diário da Encosta da Serra**, 18 out. 2013. Sessão Especial Ivoti 49 anos, p. 26. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Abolição no Brasil: A Construção da Liberdade.** *Revista HISTEDBR.* Campinas, n.36, dez. 2009, PP. 83-104.

MINNA NO NIHONGO, Book 1, Japanese Edition. 3A Corp, 1998.

MISSÃO JAPONESA VISITA IVOTI. **Jornal Livre Expressao**, 12 dez. 1995, pg. 6.

MULLER, Elio Eugênio. **Gente de Dois Mundos.** 25 Anos da Colônia Japonesa de Itati. Livreto Popular nº 02. Italprint, Gráfica e Editora, Curitiba - PR, 1993.

NA COLÔNIA JAPONESA trabalha-se muito e mantêm-se vivos os costumes e tradições. **O Diário da Encosta da Serra**, out. 2002, p. 17. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de Identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20 (2): 135-155 dez. 2008.

NIKKEI NO SUMÔ. **São Paulo Shimbun**, 04 mar. 2011. Disponível em: <http://saopauloshimbun.com.br/page/4/?s=sum%C3%B4>. Acesso em: 12 abr. 2016.

NINOMIYA, M. O centenário do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão. **Revista USP**. São Paulo (2 8): 245 - 250, dezembro /fevereiro 95/96.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na história contemporânea no Brasil**. São Paulo: Gráfica Parma, 1984.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história**: a problemática dos lugares”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

NUNES, Alexandre Velly. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. 2011. 198 f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NUNES, Velly Alexandre; KOSMANN, Torres Fernanda; SHOURA, L. Maurício. Judô no Rio Grande do Sul. In: **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2005, p. 33-34.

NUNES, Alexandre Velly; RUBIO, Kátia. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.4, p.667-78, out./dez. 2012.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário gaúcho**. 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

OLIVEN, Ruben George. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 15, 1991. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=222:rbc-15&catid=69:rbc&Itemid=399. Acesso em: 23 set. 2016.

O PRIMEIRO “KARAOKE” NA COLÔNIA JAPONESA. **Jornal de Ivoti**, out.1985, p. 17. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

OS DEKASSEGUIS. **O Diário de Ivoti**, 12 jun. 2008, p.12. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

OSHIRO, Alexandre Cardoso. **Espelhos em trio**: por uma reflexão sobre o corpo no processo ensino-aprendizagem de Ryûkyû Buyô. 2016. 253 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OS JOGOS QUE UNEM A COMUNIDADE. **Zero Hora**, 16 jun. 2008, p. 33.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes; MAZO, Janice Zarpellon. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, nº150, novembro de 2010.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Fronteiras da história**: uma leitura sensível do tempo. Fronteiras do pensamento. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p.179-190

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.114, 179-195, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 17 out. 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Meyre Eiras de Barros. **Concepção de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira**. 1997. Tese (Doutorado em Educação), Pós-Graduação em Psicologia Educacional. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PLUTSCHOW, Herbert. **MATSURI: The festivals of Japan**. Estados Unidos: Taylor print on dema, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-2012.

PORTAL DO JUDO. **Kodanshas do Rio Grande do Sul**- Sensei Teruo Obata, 2010. Disponível em: <<https://portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2010/08/18/kodanshas-do-rio-grande-do-sul-sensei-teruo-obata/>>. Acesso em 07 de novembro de 2015.

_____. **Professor Lacerda está internado na UTI em Novo Hamburgo**. 30 de junho de 2012. Disponível em: <<https://portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2012/06/30/professor-lacerda-esta-internado-na-uti-em-novo-hamburgo/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITATI. **Subvenção social ACEI**. Lei nº 880/2013, de 17 de julho de 2013.

RANFT, Marlise Sofia. A Saga da família Sasada: os primeiros japoneses em Ivoti. **Jornal de Ivoti**, mar.1987, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

RODRIGUES JÚNIOR, Cid Corrêa. **Cid Rodrigues Júnior fala sobre a vivência com o Sensei Lacerda**. Portal do Judô, 03 de julho de 2012. Disponível em: <<https://portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2012/07/03/sensei-lacerda-por-cid-rodrigues-junior/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2017.

SAMURAI, cerejeiras, bonecos e andarilhos no festival japonês. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 13 nov.1964. Hemeroteca Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Tematico&PagFis=27331&Pesq=>>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil**: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: Fazer América; Boris Fausto, organizador. São Paulo. EDUSP, 1999. p. 201-238.

_____. **Os japoneses**. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SANTOS, Fábio José. O Sumô no Brasil. **Revista Digital Especializada Livre Esportes**. Postado em 24 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/o-sumo-no-brasil>>. Acesso em 23 março de 2017.

SANTOS, Geraldine Alves. DOLL, Johannes. GAUDIOSO, Tomoko Kimura. **A integração cultural do Japonês na cultura brasileira**: a experiência da Colônia de Ivoti. In: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPG DIR./UFRGS. Edição Especial v.1, n.3 (nov 2003). Porto Alegre, pg. 55.

SÁ SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão de Domingo; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n.1, p.1-15, jul, 2009.

SATO, Aureo de Jesus. **Undokai**: a construção da identidade étnico-cultural em torno da niponicidade. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

SBC: Folclore japonês na sociedade cultural. **Diário Popular**, São Paulo, 30 jun.1971. Hemeroteca Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Tematico&PagFis=27331&Pesq=>>. Acesso em 12 de Abril de 2017.

SCHAUMLOEFFEL, Suelen. Colônia japonesa mantém os costumes através da educação. **O Diário da encosta da serra**, 18 de ago.2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Conselho Regional de Desportos do Estado do Rio Grande do Sul**. Alvará concedido a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira da Colônia de Ivoti, 11 abr.1988.

SHIMIZU, Satoshi. Synchronizing Body States: Training the Body at School and Performing the Body in the City SHIMIZU Satoshi. In: Kelly, William W. and Sugimoto, Atsuo, **"This Sporting Life: Sports and Body Culture in Modern Japan"**, 2007. *CEAS Occasional Publication Series*. Book 1.

SHINOHARA, Massao. **Manual de Judô Vila Sônia**. São Paulo, 2000.

SILVA, Ana Márcia. Entre o corpo e as práticas corporais. **Revista ARQUIVOS em MOVIMENTO**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.5-20, jan/jun 2014.

SILVA, Bruno. **Gateball**. Neste domingo, Cascavel sediará o 134º Campeonato do oeste do Paraná. Cascavel, 1º de julho de 2012.

SILVA, Bruno S M. **A construção do Aeroporto de Londrina e a geopolítica de controle dos anos de guerra**: o “perigo amarelo” (1934 – 1956). Trabalho de Conclusão de Curso. Londrina: 2008.

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Carolina Fernandes da; Pereira, Ester Liberato; Mazo, Janice Zarpellon. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.2, junho de 2012.

SILVA, Rafael Maury de S. **Identidade cultural de jovens japoneses**: estudo de caso com intercambistas em Brasília. 2015. 56 f. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Licenciatura Japonesa da Universidade de Brasília.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Folclore. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**, Ed. Contexto – São Paulo; 2006.

SOCIAL E ESPORTE. Banner de divulgação encontrado no Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti, 2016.

SOMMA I. Ieyasu Togugawa: o destemido senhor da guerra. **Revista aventuras na história para viajar no tempo**. Edição de abril, p.26-33, 2005.

SOARES, A. L. R.; GAUDIOSO, T. K. **Entre o Japão e o Brasil**: religiosidade e diálogos culturais entre os imigrantes japoneses em Santa Maria, RS. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: RELIGIOSIDADES, DIÁLOGOS CULTURAIS E HIBRIDAÇÕES. *Anais...* Santa Maria, 2009.

SOUZA, C. S. **Imigração Japonesa em Santa Maria**: história, trajetória e integração. 2008, 58 f. Monografia (Graduação em História, Licenciatura e Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SOUZA, Gilmar Barbosa de; CARDIA, Fabio; FRANCHINI, Emerson. Contribuições do Judô a educação olímpica e responsabilidade social. In: RÚBIO, Kátia (Org.). **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SUZUKI, F. S.; MIRANDA, M. L. de J. **A história da imigração japonesa e seus descendentes**: prática de atividade física e aspectos sócio-culturais. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas*, v. 6, ed. especial, p. 409-418, jul. 2008.

SZEVYCZYNSKI, Ana; WOLFF, Jéssica. A produção de alimentos em Itapuã. **Revista Lugares sobre Itapuã**, 22 jun 2016. Disponível em: <<https://itapua.atavist.com/>>. Acesso em 6 de novembro de 2016.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. A comunidade japonesa no Brasil (1908-1924). Quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante? **Storicamente**, 4, 2008. Disponível em: <http://www.storicamente.org/07_dossier/migrazionitakeuchi.htm>. Acesso em: 7 de outubro de 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRAPHAGAN, John. W. Reasons for gateball participation among older Japanese. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v.13, p.159–175, (1998).

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UCGB. **União dos Clubes de Gateball do Brasil-Regionais**, 2014. Disponível em: <<http://www.gateballrengo.org.br/regionais.php>>. Acesso em: 5 de outubro de 2015.

UNDOKAI É CELEBRADO NA COLÔNIA JAPONESA. **O Diário de Ivoti**, segunda-feira, 26 de Abril de 2004. Edição 927, Ano XII, Sessão geral, p. 2.

UNDOKAI NACOLÔNIA JAPONESA DE IVOTI. **O Diário da Encosta da Serra**. 2 abr. 2012. Disponível em: <http://odiario.siteseguro.ws/novo/noticias/Undokai+mobiliza+familias+da+colonia+japonesa+em+Ivoti--02_04_2012>.

VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. In: Dossiê. Uma história do esporte para um país esportivo. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 2013: 5-17.

VIRGÍLIO, Stanley. **Personagens e histórias do judô brasileiro**. Campinas: Átomo, 2002.

VISITA DE CÔNSUL DO JAPÃO reforça laços de Amizade com Ivoti. **O Diário da Encosta da Serra**, abr. 2013, p. 20. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

WACKER, Márcia de Franceschi Neto. **Educação Olímpica, olimpismo e eurtmia**. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo et al. **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 29-40.

YANAGUIDA, Toshió. Undokai, como uno de los recursos socio-culturales para creación de identidad étnica de los nikkei peruanos en Lima. In: **XI Congresso Internacional ALADAA**. Ciudad de México Del 12 al 15 de noviembre del 2003. Disponível em: <<http://ceaa.colmex.mx/aladaa/imagesmemoria/yanaguida.pdf>>. Acesso em: 08 de novembro de 2015.



APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Prezados,

A aluna Josiana Ayala Ledur da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS está realizando uma pesquisa com o objetivo de interpretar como as práticas corporais de ascendência japonesa foram renegociadas na cidade de Ivoti entre as décadas de 1980 e 2010. Para isto, ela precisa obter informações de fontes documentais, impressas e imagéticas, que são encontradas em livros, álbuns comemorativos, revistas, entre outros documentos.

Por acreditamos que a referida instituição possa nos fornecer materiais que possuam tais informações que levem ao objetivo desta pesquisa, gostaríamos de solicitar que permitissem o acesso da aluna Josiana a estes materiais. Também gostaríamos de solicitar que ela possa fotografar ou fotocopiar os materiais, para posteriormente fazer análise das informações encontradas nos mesmos. Estas informações coletadas serão utilizadas apenas para fins pesquisa.

A instituição se eximirá de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso haja perguntas posteriores sobre esta pesquisa e sobre o pesquisador, a professora Janice Zarpellon Mazo, orientadora do estudo, estará à disposição nos telefones (51) 33883031 ou (51) 999579428, ou maiores informações através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3163629 ou fax (51) 3164085.

Declaramos estarmos cientes desta pesquisa e aceitamos colaborar com as condições solicitadas pelo pesquisador nesta carta de apresentação, que receberemos uma cópia.

.....

Assinatura do Responsável pela instituição

.....

Assinatura do Pesquisador

Data.....Local.....



APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “AS PRÁTICAS CORPORAIS DE ORIGEM JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO HISTÓRICO-CULTURAL NA CIDADE DE IVOTI”, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo deste estudo é interpretar como as práticas corporais de ascendência japonesa foram renegociadas na cidade de Ivoti entre as décadas de 1980 a 2010.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pela pesquisadora, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou o campo das práticas corporais japonesas no período estudado. Para tanto, requeremos seu assentimento para a realização da entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, se for do seu interesse, retornaremos o documento para o senhor (a), para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos áudio-visuais (video clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) que envolvam a história das praticas corporais japonesas no Rio Grande do Sul. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as

informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da ESEF/UFRGS, bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte e da Educação Física.

Informamos ainda, que o (a) senhor (a) não terá custos financeiros e nem será remunerado (a) por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este estudo, preservar a memória das praticas corporais japonesas no Rio Grande do Sul e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a professora responsável pelo estudo, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 999579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em conceder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e/ou vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.
